

Genesis de Genesis

O Mistério da Queda do Homem



Rodrigo Figueiroa

Aos meus amigos que acompanham minhas “postagens” e se interessam por algo que eu tenha a dizer.

Minha intenção não é ofender ninguém, e a intenção é que esse livreto seja de circulação interna apenas entre meus amigos. Mas caso alguém se ofenda, a solução é muito simples; continue sempre procurando a Verdade.

Talvez descubram algo que não descobri.

Nesse dia, espero que compartilhem comigo também.

Futuramente, lançarei um livro realmente profissionalmente escrito onde abordarei muito mais profundamente centenas de assuntos ligados a este. Isto aqui é apenas meu maior “textão de Facebook”.



O poder da revelação armazenado dentro dessas imagens foi fundado em sua origem no distante Egito. Nossos progenitores distantes adoravam gatos e crocodilos porque uma simples divindade encontrada em todas as coisas, uma natureza fecunda, uma mãe que vigia o universo, expressa em muitas formas e formas diferentes, brilha através de assuntos diferentes e toma nomes diferentes.


- Lo spaccio della bestia trionfante, Dialoghi italiani

Assim, todas as coisas estão cheias de deuses. A terra está cheia de deuses celestiais e os céus estão cheios de Deuses supercelestais.

- Proclus, Sobre a Arte Sagrada



A Queda do Homem

ós conhecemos o conceito de "Queda do Homem" através das religiões Abraamicas, principalmente Judaísmo, Cristianismo, e Islã. É um termo usado para descrever a transição da espécie humana de um estado de inocência e obediência a Deus para um estado de culpa e desobediência. Apesar de não ser nomeada na Bíblia, e possuir diferentes interpretações e impactos nas religiões Abraamicas, todas elas se apóiam na interpretação do terceiro Capítulo da Tanakh, Sepher Bərēšīt, "livro do começo" em Hebraico, que para os Cristãos é o livro de Genesis, o primeiro livro do "Velho Testamento".

Qual a importância disso?

É fundamentalmente importante por que influenciou não apenas como a Civilização Ocidental vê a si mesma e a condição humana, mesmo nas doutrinas iluministas que surgiram em contraponto, como é a base existencial das três maiores religiões do mundo ocidental e parte do oriental. Milhões de pessoas orientam não apenas suas vidas mas sua própria visão da humanidade com base neste livro, pois as três religiões o tem como uma revelação Divina.

No Judaísmo, a importância teológica está nas alianças feitas entre Deus e o povo hebreu como "povo escolhido" e para os Cristãos é ainda mais importante: a própria existência de Jesus como Deus e Salvador depende absolutamente, completamente, de Gênesis e do capítulo 3 especificamente. Para Cristãos é fundamental que Genesis seja um relato histórico, real, de uma escolha ancestral que colocou o homem em sua atual condição existencial da qual ele precisa ser resgatado. Sem isso, não haveria necessidade de Jesus.

No Islã, a importância é fundamentada na palavra de Allah; a razão pela qual coisas ruins acontecem. Adão e Eva teriam sido enganados por Iblis/Shaytan, e a narrativa mostra que ele decidiu permanecer para sempre tentando o homem a desobedecer Allah. O Corão dá a palavra de Allah como testemunho disso.

O objetivo deste pequeno livreto é explicar: Isso é verdade? É uma história factual? Qual a origem dessa história, é Divina de fato? Somos realmente divididos em antes do pecado, no pecado, e depois do pecado? O fundamento das três religiões abraamicas principais depende deste capítulo de Genesis - que implicações isso traz? Qual a Verdade? Qual nossa verdadeira natureza e suas implicações?

Primeiro é importante entender o que a "Queda do Homem" significa para as principais religiões Abraamicas.



A Queda do Homem para o Judaísmo é uma mudança da condição beatífica, devido à alegada depravação original da raça humana. Os eventos narrados em Sepher Bereshit III (Livro de Gênesis III). Os eventos levando à expulsão de Adão e Eva do Éden são sustentados para apoiar a doutrina da queda do homem. De acordo com essa doutrina, o homem (e a mulher) foi primeiro criado perfeito e sem pecado. Colocado por Deus no Jardim do Éden, ele tinha todas suas necessidades atendidas. Em um estado de inocência, ele não estava ciente de sua nudez, já que, sem ter pecado, ele estava sem a consciência do pecado e a sensação de vergonha ainda não havia sido despertada nele. O homem poderia ter continuado nesta condição bem-aventurada e nunca teria provado nem a amargura da culpa nem a da morte se ele não tivesse desobedecido o comando divino, de acordo com o qual ele não deveria provar do fruto da árvore da vida, sob pena de morte imediata. Expulsos do jardim sob a maldição que a sua desobediência trouxe sobre eles, Adão e Eva foram condenados a uma vida de trabalho e dor que era o prelúdio da morte. A felicidade, a inocência e a imortalidade foram perdidas para sempre. E na sua queda estavam envolvidos todos os seus descendentes, nenhum dos quais, em consequência, estava isento da corrupção da morte e do pecado.

A escola crítica Judaica vê estes paralelos à luz das tentativas hebraicas de resolver o problema da origem do mal. Para a comunidade judaica esse problema em um período comparativamente anterior do pensamento humano imprimiu-se sobre as mentes dos homens e, devido à unidade psíquica fundamental da raça humana, encontrou solução similar, e dessa forma eles colocam que todos os mitos similares são apenas tentativas humanas de compreensão, enquanto que a narrativa judaica seria uma revelação divina. O pecado e o sofrimento, o desagrado dos deuses e a miséria humana são correlativos em todos os conceitos religiosos iniciais, mas o judaísmo deu uma ênfase tribal. Sob a organização e o direito tribais, a responsabilidade combinada por parte do clã pelos atos de seus membros componentes era uma proposição axiomática. A culpa do pai envolvia necessariamente todos os seus descendentes nas suas consequências. Esses dois fatores - o psicológico e o religioso, o outro sociológico - são as notas dominantes nas várias histórias sobre a perda da felicidade e a imortalidade pristinas pelo pecado do homem na percepção judaica; por esse motivo, o Judaísmo Crítico não dá grande importância se a narrativa é histórica ou não. Eles adotam uma abordagem mais secular que mostra que a Biologia e antropologia estão de acordo em demonstrar que o estado assumido de perfeição e inocência moral nunca é encontrado no início da civilização humana. Não há provas de uma queda física ou moral. O inverso é, no geral, verdadeiro: toda evidência aponta para um aumento da imperfeição primitiva.

E mais interessante, o Judaísmo Crítico reconhece que a história em Genesis III pertence, com toda a certeza, como os outros incidentes relacionados no Livro de Gênesis até o capítulo duodécimo, a um ciclo de adaptações da criação assírio-babilônica e dos mitos de origem. Duas figuras humanas, com uma serpente atrás delas, estendendo as mãos para o fruto de uma árvore, são retratadas em um cilindro babilônico; mas isso não significa que o contexto seja exatamente o mesmo (veja Sayce, "Ancient Monuments", Schrader, "KAT" 2d ed., p. 37; Davis, Genesis and Tradições semitas").

A história da queda do homem nunca é apelada no Antigo Testamento, nem como um evento histórico, nem como se a teologia do Tanak, a Bíblia Hebraica, tenha baseado sua doutrina do pecado na queda de Adão. O Jardim do Éden nem sequer é aludido em nenhum escrito antes dos profetas pós-exílicos (Ezek. Xxviii. 13, xxxi. 9; Isa. Li. 3) e mesmo nestes nenhuma referência é encontrado para uma queda. A afirmação de que, apesar desta ausência surpreendente de referência à história e ao tema, os hebreus dos tempos bíblicos entretanto divertiram a noção de que, através da queda do primeiro homem, sua própria natureza foi corrompida, é insustentável. O capítulo 5, o clássico passo dos defensores da teoria, é, sob uma interpretação justa, meramente a interpretação do autor que, quando ele ou Israel, de quem ele fala, nasceu, Israel foi infiel a Yhwh, e não dá uma declaração geral aplicável à raça humana, mas descreve uma condição existente em determinado período em Israel. A maior parte da comunidade Judaica portanto considera toda a passagem em termos estritamente judaicos e não universais.

A queda do homem, como um conceito teológico, começa a aparecer apenas no Apocrypha tardio e pseudepigrapha, provavelmente sob influências essênicas (se não judias cristãs). Em II Esd. iii. 7 afirma-se que, quando Adão foi punido com a morte, sua posteridade também foi incluída no decreto (as variantes nas versões, etíope, armênio, siríaco e latino, tudo aponta para um original hebraico) II Esd. iii. 21 tem: "Pois, por causa de sua má vontade, o primeiro Adão caiu em pecado e culpa, e, como

ele, todos os que nasceram dele". Esta visão é novamente declarada no cap. vii. 48: "Ó Adão, o que você fez? Quando você pecou, a sua queda não veio somente sobre você, mas também sobre nós, seus descendentes". Da mesma forma, no Apocalipse de Baruch (xvii. 3), Adão é culpado pelo encurtamento dos anos de sua progênie. No entanto, seria precipitado sustentar que, nesses livros, a doutrina é avançada com a rigidez de um dogma estabelecido. Mesmo em II Esd. iii. 9 a tese é sugerida que a consequência da queda chegou ao fim com o dilúvio, quando surgiu uma geração de homens piedosos de Noé e que seus descendentes recusaram a corrupção ao mundo novamente.

Isso é muito interessante. A maior parte da comunidade Judaica ironicamente não dá importância ao capítulo III de Genesis da mesma forma que as religiões derivadas do Judaísmo dão. Isso é porque como admite o próprio Judaísmo, a origem da narrativa para eles é uma adaptação tribal dos mitos de criação Babilônicos, muito influenciados pelo Zoroastrismo. As religiões abraâmicas derivadas do Judaísmo, como Cristianismo e Islã, possuem outras fontes adicionais que implicam essa importância, como mostrarei adiante. Além disso, existem características linguísticas importantes na história que sugerem que mesmo o autor de Gênesis não levou a expulsão do Eden de forma literal. O recurso principal são os "nomes". O primeiro casal realmente não possui nenhum. A Bíblia traduzida nos faz acreditar que eles foram chamados de "Adão" e "Eva". Mas o hebraico realmente diz, ha-adam "o feito da terra", e eva é chamada de "mulher". Mais tarde, ela é chamada de chavah, "[dando] vida" (3:20) depois que ela prova a capacidade de ser, bem, capaz de gerar vida. Mas isso quase não é um nome, pois os animais (que já mostravam sua capacidade de reproduzir) são chamados de chayah, "vivendo [criatura]". Uma letra só a distingue de outras criaturas reprodutoras - quase um nome pessoal. E "o feito da terra" nunca perde o artigo definitivo (o) de seu nome, demonstrando que é um substantivo comum, e não próprio (não é o nome dele). O ponto? Essas duas figuras devem ser "qualquer um" e "qualquer uma", "tipos" universais de seres humanos, ancestrais históricos. É por isso que não há nenhum problema de continuidade para o autor apresentar a esposa de Caim no Capítulo 4 - é um relato mítico de uma experiência humana universal, não um evento histórico.

Os judeus nunca exigiram o tipo de peso metafísico da história do Éden que o cristianismo tem. Existe uma razão simples para isso - Judaísmo NÃO é tanto uma Religião quanto é um tipo de "comunidade nacionalista racial" que começa como uma religião nacional e que se secularizou cada vez mais até os tempos modernos. A narrativa realmente importante para eles são as de teor Nacionalista, não espiritual, e desde o início eles sujeitam o espiritualismo ao nacionalismo. Enquanto a posição nos primeiros quatro capítulos dá uma grande proeminência, o fato é que Adão, Eva, Éden e a expulsão não obtêm praticamente nenhuma menção em textos bíblicos subsequentes. Você pensaria que se o Éden e sua perda definem o que é ser humano e a verdadeira condição da natureza humana para os judeus, que os profetas aludiriam com bastante frequência, como em "Você é como seus antepassados, Adão e Eva ... "ou" Por causa do que Deus decretou no Éden ... "Mas não. As figuras "Adão" e "Eva", ha-adam e chavah, nunca são mencionadas no resto da Bíblia hebraica. E Eden, bem... é feita apenas menção, principalmente em Ezequiel, como a localização do passado mítico ideal. Mas ser expulso? Não. A ira e alienação contínuas de Deus sobre o pecado do Éden? Nunca.

O que devemos fazer desse silêncio? Isso significa duas coisas:

- a) Os autores do resto da Bíblia não conhecem o Genesis 1-4 (ou seja, foi escrito somente depois que eles escreveram seus livros), e
- b) eles não achavam que fosse uma história muito importante.

Podemos ver uma história muito importante sobre a qual eles se importam - o Êxodo. O resto da Bíblia: os profetas, os livros que falam de um passado poderoso, os Salmos, estão constantemente aludindo ao Êxodo. Essa é a história que importa para a maioria dos Judeus. Essa é a história que eles ensinam aos seus filhos.

E, a propósito, é o maior tema que os judeus pós-bíblicos extrapolam da história do Éden - é uma previsão do exílio da terra prometida, dos trabalhos difíceis no Egito e o exílio Babilônico. O Eden é um símbolo para os Judeus em geral, eles tomam do Eden não a noção de "pecaminosidade" humana, mas que a vida humana e a história humana são uma série de exílios e chegadas. Típico de um povo pseudo-nomade tentando manter uma coerência nacional.

A interpretação alegórica que Philo ("De Mundi Opificio", § 56), faz das ocorrências típicas dos incidentes bíblicos (δεξιματα τύπων), representa uma fase do pensamento judaico no conjunto mais de acordo com os ensinamentos do judaísmo na queda e no pecado do que é a posição quase dogmática de II Esdras. De acordo com Philo, Adão tipifica o racional, Eva, o elemento sensual, da natureza humana; enquanto a serpente é o símbolo da luxúria e do prazer carnal. Depois de Philo, Samuel Hirsch, entre os expositores modernos, trata a queda do homem como uma exposição típica dos processos psicológicos que precedem o pecado (tentação) e, gradualmente (através do auto-engano), culminam no pecado real (veja o seu Catecismo, capítulo II).

Mas e quanto aos Judeus "místicos", os ortodoxos, cabalistas, rabinos e comunidades judaicas espiritualistas em geral, aqueles que não se secularizaram?

O pecado de Adão, de acordo com os Rabinos, teve certos resultados dolorosos para ele e para a Terra. O Shekinah (Presença de Deus) deixou a Terra após a sua queda (Gen. R. xix.; Tan., Pekude, 6). Ele mesmo perdeu seu esplendor pessoal, imortalidade e estatura gigantesca. Todos os homens foram condenados a morrer; Ninguém, nem o mais justo, pode escapar do destino comum: a velha tentação da serpente é suficiente para trazer a morte (Shab 55b). Adão, portanto, desejava abster-se de procriar crianças; mas, aprendendo que a Torá seria dada a Israel, foi induzida a mudar de opinião (Gen. R. xxi.). Por meio do intercuro ilícito de Eva com a serpente, no entanto, a natureza de seus descendentes foi corrompida, e apenas Israel teria superado esse defeito fatal, aceitando a Torá no Sinai, que havia sido oferecida e rejeitada por todas as outras nações (Shab. 146a; 'Ab. Zarah 22b; Yeb. 103b). Se Israel não tivesse feito o bezerro de ouro, a morte teria sido removida do meio de Israel (Shab 88a, comp. 'Ab. Zarah 5a). Como vemos o racismo e nacionalismo está presente e é dada grande importância até pela comunidade espiritualista judaica. Mas tem fundamento? Veremos.

Os Rabinos afirmam que os Profetas superaram, pelo menos parcialmente, as consequências da queda de Adão. Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Arão e Miriam não sofreram a morte na mão do anjo da morte; Eles morreram através do beijo de Deus, e

até mesmo seus corpos não foram consumidos por vermes (B. B. 17a, M. K. 28a, Derek Erez Zuṭa i.). Jacob e outros entraram no paraíso enquanto viviam (Ta'an. 5b; Derek Erez Zuṭa i.). Por isso, não é completamente verdade que a queda do homem não tinha lugar na teologia dos talmudistas é fato que, em sua maior parte, as noções anteriores eram meras especulações homiléticas que nunca se cristalizaram em dogmas definitivos. As duas posições, a do Rabino Ammi (Shab. 55a), fundada em Ezek. xviii. 20, que toda morte é causada por um pecado real, tem direito ao reconhecimento tão claro quanto a opinião de seu disputante, Simeon b. Eleazer, que afirma que a morte é o resultado da queda, ambas são plenamente aceitas dentro da Teologia Judaica.

É apenas no pensamento judeu moderno, que a queda do homem é sem importância dogmática. Então a autenticidade e originalidade do texto de Genesis tem sim, ainda que os judeus afirmem o contrário, importância crucial: Se o texto não for uma revelação divina, e não for original dos Judeus, a auto-proclamada "superioridade espiritual e moral" de Israel é posta em cheque assim como qualquer suposta aliança com Deus. A atitude dos judeus modernos de desconsiderarem a importância da Queda é muito precipitada - os Rabinos afirmam uma superioridade espiritual dos Judeus que só pode existir se o resto do mundo estiver em estado de queda e eles não. Se como de fato, a origem do texto de Genesis for uma adaptação dos textos Babilônicos, estes textos não concedem nenhuma importância especial ao povo judaico e portanto não há nenhuma Terra Prometida para o povo Judeu retornar nem são detentores de nenhuma aliança especial com Deus, porque mesmo que estas alianças se deem a partir de Exodus, elas só ocorrem se por algum motivo, a Presença de Deus tiver se afastado dos gentios e assim criar uma relação especial e única com o povo Judeu. O motivo seria a Queda em Genesis.

Ironicamente, ao favorecerem seu Nacionalismo trocando a espiritualidade pelo secularismo, a comunidade judaica moderna destruiu as fundações de seu próprio nacionalismo. Os clamores de distinção e alianças do povo Judeu com Deus dependem da autenticidade de Genesis como uma revelação especial ao povo Judeu nem que seja a nível espiritual.



Islã e a Queda do Homem



Enquanto os cristãos tradicionalmente ensinaram a queda de Adão e a depravação da humanidade como resultado de sua queda, geralmente os muçulmanos, qualquer que seja sua atitude em relação à queda de Adão, rejeitam qualquer idéia de pecado herdado e afirmaram a inocência natural de seus descendentes. Em seu artigo, "La notion de "péché originel" existe-t-elle dans l'Islam ?", G.C. Anawati observa como Adão se arrependeu de seu pecado e como Deus aceitou seu arrependimento, escolheu-o, perdoou-o e guiou-o (20:122). Ele então cita da conhecida publicação muçulmana, Al-Manar, para demonstrar a importância desse versículo para os muçulmanos:

"O perdão concedido por Deus a Adão ... expressa o fato de que Deus o conduziu no caminho reto, removendo-o da angústia em que se encontrou ... A referência ao perdão concedido por Deus refuta a crença daqueles, os cristãos que acreditam que Deus registrou o erro de Adão tanto em seu relato quanto no de seus descendentes até que Jesus veio livrá-los dele. Tal crença é rejeitada por razões sólidas, bem como por revelação confiável que nos vem de muitas fontes."

Bauman, referindo-se ao arrependimento de Adão e ao perdão de Deus (Corão 2:38), ecoa a opinião muçulmana:

"Observamos primeiro que essa idéia cortou, de uma vez por todas, a possibilidade de qualquer desenvolvimento de um ensinamento do pecado herdado, pois a queda de Adão não tem conseqüências imediatas para as gerações posteriores."

A natureza humana após a queda também é determinada no Islã pelo termo *fitra* - a condição humana natural.

Anawati conclui seu ensaio da seguinte maneira:

"O Islã admite uma queda original para Adão e Eva, nossos primeiros pais, criados primeiro em um estado de inocência. Mas esta queda teve apenas conseqüências pessoais. Além disso, sua culpa foi perdoada. A idéia de um pecado original transmitido por Adão aos seus descendentes é absolutamente oposta ao ensino do Islã."

No Islã, o homem foi criado para ser o vice-regente de Deus na terra. Ele é alma e corpo. Desta dualidade resulta naturalmente de uma briga entre os dois elementos, embora não se possa dizer que essa luta é uma conseqüência do erro original. O demônio aproveita a oposição para "tentar" o homem e levá-lo a transgredir a lei de Deus. Mas essa ação do demônio não é uma conseqüência do pecado original de Adão; antes da queda, mesmo antes de Adão ter desobedecido, Satanás decidiu passar seu tempo na terra tentando à espécie humana.

Na publicação americana, *"O que todos deveriam saber sobre o Islamismo e os Muçulmanos"*, Suzanne Haneef, convertida ao islamismo, escreve:

"... A noção de Pecado Original é uma que o Islã nega enfaticamente, afirmando que todo ser humano vem ao mundo inocente e sem pecado. Por conseguinte, ele será responsabilizado apenas pelo que ele próprio inscreve sobre a tabula rasa de sua natureza, não para o que seu antepassado Adão (ou qualquer outra pessoa) fez ou não fez ... Por isso, atribuir a Deus, O misericordioso, a imposição de cada novo nascido, o intolerável fardo de um pecado cometido por seu antepassado mais distante, parece ser uma negação de seus atributos inquestionáveis de justiça, misericórdia, bondade e compaixão para com as Suas criaturas. E ainda afirmar que a mancha deste pecado certamente colocará todo ser humano no inferno por toda a eternidade, a menos que a Deidade se sacrifique por Suas criaturas, a quem Ele é capaz, e deve, se Ele é de fato justo e misericordioso, perdoar, é negar não apenas a Sua justiça infalível e a boa vontade em relação à Sua criação, mas também, segundo ele, da Sua sabedoria, lógica e razoabilidade."

Sem dúvida, os muçulmanos mais informados defendem a posição dos descendentes de Adão, como representado nas citações acima. Mas é a única posição sustentável dos muçulmanos? É possível que as fontes islâmicas revelem uma posição que pode ser

menos otimista quanto à condição de Adão e dos descendentes de Adão após sua queda ou por causa de sua queda, ou uma posição que pode mesmo contrariar a visão geralmente aceita pelos muçulmanos? .

Vejamos por exemplo as discussões verbais e escritas do sultão Muhammad Khan Paul, que se converteu ao Cristianismo e de dois líderes muçulmanos do Lahore Jama'at-i Ahmadiyya, Khwaja Kamal ud-Din e Mawlawi Muhammad Ali, que foram incorporados na publicação Urdu, "The Fall the Human Race (Hubut-i Nasl-i Insani)".

Khwaja Kamal ud-Din e Mawlawi Muhammad Ali naturalmente defendem as opiniões islâmicas sobre o assunto. Embora seus pontos de vista sobre o assunto possam diferir em pontos da visão islâmica clássica, há pouca necessidade de distinguir entre elas aqui. Mais espaço é dedicado aos argumentos do sultão Muhammad Khan Paul, uma vez que eles são mais longos no trabalho original e fazem uso generoso de fontes islâmicas relevantes para o assunto. Em qualquer caso, espera-se que os resumos dos argumentos dos três participantes representem justamente as respectivas posições sobre a compreensão Islâmica de Genesis III, e seu significado nos domínios celestial e terrestre.

As principais passagens do Alcorão em discussão são as seguintes:

Ta Ha 20:115-23

(وَلَقَدْ عَهِدْنَا إِلَىٰ آدَمَ مِن قَبْلُ فَنَسِيَ وَلَمْ نَجِدْ لَهُ عَزْمًا 115)

(وَإِذْ قُلْنَا لِلْمَلَائِكَةِ اسْجُدُوا لِآدَمَ فَسَجَدُوا إِلَّا إِبْلِيسَ أَبَى 116)

(فَقُلْنَا يَا آدَمُ إِنَّ هَذَا عَدُوٌّ لَّكَ وَلِزَوْجِكَ فَلَا يُخْرِجَنَّكَ مِنَ الْجَنَّةِ فَتَشْقَى 117)

(إِنَّ لَكَ أَلًا تَجُوعَ فِيهَا وَلَا تَعْرَى 118)

(وَأَنَّكَ لَا تَظْمَأُ فِيهَا وَلَا تَصْحَى 119)

(فَوَسْوَسَ إِلَيْهِ الشَّيْطَانُ قَالَ يَا آدَمُ هَلْ أَدُلُّكَ عَلَى شَجَرَةِ الْخُلْدِ وَمُلْكٍ لَّا يَبْلَى 120)

(فَأَكَلَا مِنْهَا فَبَدَتْ لَهُمَا سَوْآتُهُمَا وَطَفِقَا يَخْصِفَانِ عَلَيْهِمَا مِن وَرَقِ الْجَنَّةِ وَعَصَى آدَمُ رَبَّهُ فَغَوَى 121)

(ثُمَّ اجْتَبَاهُ رَبُّهُ فَتَابَ عَلَيْهِ وَهَدَى 122)

(قَالَ اهْبِطَا مِنْهَا جَمِيعًا بَعْضُكُمْ لِبَعْضٍ عَدُوٌّ فَإِمَّا يَأْتِيَنَّكُمْ مِنِّي هُدًى فَمَنِ اتَّبَعَ هُدَايَ فَلَا يَضِلُّ وَلَا يَشْقَى) 123)

115.Havíamos firmado o pacto com Adão, porém, esqueceu-se dele; e não vimos nele firme resolução.

116.E quando dissemos aos anjos: Prostrai-vos ante Adão! Todos se prostraram menos Iblis, que se negou.

117.E então dissemos: Ó Adão, em verdade, este é tanto teu inimigo como de tua companheira! Que não cause a vossa expulsão do Paraíso, porque serás desventurado.

118.Em verdade, nele não sofrerás fome, nem estarás afeito à nudez.

119.E não padecerás de sede ou calor.

120.Porém, Satanás sussurrou-lhe, dizendo: Ó Adão, queres que te indique a árvore da prosperidade e do reino eterno?

121.E ambos comeram (os frutos) da árvore, e suas vergonhas foram-lhes manifestadas, e puseram-se a cobrir os seus corpos com folhas de plantas do Paraíso. Adão desobedeceu ao seu Senhor e foi seduzido.

122.Mas logo o seu Senhor o elegeu, absolvendo-o e encaminhando-o.

123.Disse: Descei ambos do Paraíso! Sereis inimigos uns dos outros. Porém, logo vos chegará a Minha orientação e quem seguir a Minha orientação, jamais se desviará, nem será desventurado.

Os Cimos, 7:18-25

18) قَالَ اخْرُجْ مِنْهَا مَذْءُومًا مَّدْحُورًا لَّمَنْ تَبِعَكَ مِنْهُمْ لَأَمْلَأَنَّ جَهَنَّمَ مِنْكُمْ أَجْمَعِينَ (18)

19) وَيَا آدَمُ اسْكُنْ أَنْتَ وَزَوْجُكَ الْجَنَّةَ فَكُلَا مِنْ حَيْثُ شِئْتُمَا وَلَا تَقْرَبَا هَذِهِ الشَّجَرَةَ فَتَكُونَا مِنَ الظَّالِمِينَ (19)

فَوَسَّوَسَ لَهُمَا الشَّيْطَانُ لِيُبْدِيَ لَهُمَا مَا وُورِيَ عَنْهُمَا مِنْ سَوْآتِهِمَا وَقَالَ مَا نَهَاكُمَا رَبُّكُمَا عَنْ هَذِهِ الشَّجَرَةِ إِلَّا أَنْ تَكُونَا مَلَكَينِ أَوْ تَكُونَا مِنَ الْخَالِدِينَ (20)

21) وَقَاسَمَهُمَا إِيَّيَ لَكُمَْا لَمِنَ النَّاصِحِينَ (21)

فَدَلَّاهُمَا بِغُرُورٍ فَلَمَّا ذَاقَا الشَّجَرَةَ بَدَتْ لِهِمَا سَوْآتُهُمَا وَطَفِقَا يَخْصِفَانِ عَلَيْهِمَا مِنْ وَرَقِ الْجَنَّةِ وَنَادَاهُمَا رَبُّهُمَا (أَلَمْ أَنْهَكُمَا عَنْ تِلْكَمَا الشَّجَرَةِ وَأَقُلَّ لَكُمْ إِنِ الشَّيْطَانُ لَكُمَْا عَدُوٌّ مُبِينٌ) (22)

23) قَالَا رَبَّنَا ظَلَمْنَا أَنْفُسَنَا وَإِنْ لَمْ تَغْفِرْ لَنَا وَتَرْحَمْنَا لَنَكُونَنَّ مِنَ الْخَاسِرِينَ (23)

(قَالَ اهْبِطُوا بَعْضُكُمْ لِبَعْضٍ عَدُوٌّ وَلَكُمْ فِي الْأَرْضِ مُسْتَقَرٌّ وَمَتَاعٌ إِلَىٰ حِينٍ 24)

(قَالَ فِيهَا تَحْيَوْنَ وَفِيهَا تَمُوتُونَ وَمِنْهَا تُخْرَجُونَ 25)

18.Deus lhe disse: Sai daqui! Vituperado! Rejeitado! Juro que encherei o inferno contigo e com aqueles que te seguirem.

19.E tu, ó Adão, habita com tua esposa o Paraíso! Desfrutai do que vos aprouver; porém, não vos aproximeis desta árvore, porque estareis entre os transgressores.

20.Então, Satã lhe cochichou, para revelar-lhes o que, até então, lhes havia sido ocultado das suas vergonhas, dizendo-lhes: Vosso Senhor vos proibiu esta árvore para que não vos convertêsseis em dois anjos ou não estivésseis entre os imortais.

21.E ele lhes jurou: Sou para vós um fiel conselheiro.

22.E, com enganos, seduziu-os. Mas quando colheram o fruto da árvore, manifestaram-se-lhes as vergonhas e começaram a cobrir-se com folhas, das plantas do Paraíso. Então, seu Senhor os admoestou: Não vos havia vedado esta árvore e não vos havia dito que Satanás era vosso inimigo declarado?

23.Disseram: Ó Senhor nosso, nós mesmos nos condenamos e, se não nos perdoares a Te apiedares de nós, seremos desventurados!

24.E Ele lhes disse: Descei! Sereis inimigos uns dos outros e tereis, na terra, residência e gozo transitórios.

25.Disse-lhes (ainda): Nela vivereis e morrereis, e nela sereis ressuscitados.

A Vaca 2:35-38

وَقُلْنَا يَا آدَمُ اسْكُنْ أَنْتَ وَزَوْجُكَ الْجَنَّةَ وَكُلَا مِنْهَا رَغَدًا حَيْثُ شِئْتُمَا وَلَا تَقْرَبَا هَذِهِ الشَّجَرَةَ فَتَكُونَا مِنَ الظَّالِمِينَ 35))

فَأَزَلَّهُمَا الشَّيْطَانُ عَنْهَا فَأَخْرَجَهُمَا مِمَّا كَانَا فِيهِ وَقُلْنَا اهْبِطُوا بَعْضُكُمْ لِبَعْضٍ عَدُوٌّ وَلَكُمْ فِي الْأَرْضِ مُسْتَقَرٌّ وَمَتَاعٌ إِلَىٰ حِينٍ 36)

(فَتَلَقَّى آدَمُ مِنْ رَبِّهِ كَلِمَاتٍ فَتَابَ عَلَيْهِ إِنَّهُ هُوَ التَّوَّابُ الرَّحِيمُ 37)

(قُلْنَا اهْبِطُوا مِنْهَا جَمِيعًا فَإِمَّا يَأْتِيَنَّكُمْ مِنِّي هُدًى فَمَنْ تَبِعَ هُدَايَ فَلَا خَوْفٌ عَلَيْهِمْ وَلَا هُمْ يَحْزَنُونَ 38)

35.Determinamos: Ó Adão, habita o Paraíso com a tua esposa e desfrutai dele com a prodigalidade que vos aprouver; porém, não vos aproximeis desta árvore, porque vos contareis entre os iníquos.

36.Todavia, Satã os seduziu, fazendo com que saíssem do estado (de felicidade) em que se encontravam. Então dissemos: Descei! Sereis inimigos uns dos outros, e, na terra, tereis residência e gozo transitórios.

37.Adão obteve do seu Senhor algumas palavras de inspiração, e Ele o perdoou, porque é o Remissório, o Misericordioso.

38.E ordenamos: Descei todos aqui! Quando vos chegar de Mim a orientação, aqueles que seguirem a Minha orientação não serão presas do temor, nem se atribularão.

Argumento de Khwaja Kamal ud-Din

O pecado é punível; um erro cometido inadvertidamente não é punível. Adão cometeu apenas um erro, não um pecado. Seu erro foi o esquecimento, o que cometeu inadvertidamente. Por isso, ele foi perdoado; Ele se recuperou e não sofreu efeitos perversos de seu ato. Embora sua virtude perfeita (jannat, jardim ou céu, seja um estado de virtude, não um jardim ou qualquer lugar) foi prejudicada por um momento, foi rapidamente restaurada.

Argumento do Sultão Muhammad Paul Khan:

A ação de Adão, seja ela cometida intencionalmente ou não, foi contra a lei (khilaf-i qanun, khilaf-i shar'); daí foi um pecado e exigiu perdão. De acordo com o Alcorão, Deus havia avisado Adão que Satanás era seu inimigo e que ele se tornaria um malfeitor se ele se aproximasse da árvore. Satanás enganou Adão e Eva, fingiu ser seu amigo, contradisse as palavras de Deus em sua presença e, finalmente, expulsou-as do jardim. "Adão desobedeceu a seu Senhor, assim se desviou" (20: 121). Adam tornou-se rebelde. Ele tornou-se cobiçoso. Não houve constância em Adão (20: 115). Já não permaneceu no estado em que nasceu. Se o erro não foi intencional, então, por que razão foi punido? De tudo isso, é evidente que a ação de Adão só pode ser descrita como pecado, sem esquecimento. Então, também deve ser nossa crença que Adão pecou e foi punido. Seja o jardim um estado de virtude ou um lugar, Adão e Eva foram expulsos. Seu castigo era triplo: foram expulsos do jardim; a sua nudez estava exposta; Cada um era inimigo do outro no mundo.

Normalmente Adão e Eva foram abordados com uma forma dupla do verbo. Por que então, de repente, a forma plural aparece: "Desça, todos vocês daqui" (ihbitu: "caia" 2:38, cf. 2:36)? Esta passagem indica que seus descendentes também foram afetados pela punição."

Argumento de Mawlana Muhammad Ali:

De acordo com o Islã a natureza (fitra), (moldada) de Deus, na qual Ele criou o homem não teve nenhuma alteração (nas leis da) criação de Deus. Essa é a religião certa, mas a maioria dos homens não sabe ...(30:30)

Muhammad Ali continua sua discussão sobre este verso, observando que Muhammad comentou:

Fitra é o Islã. Então ele acrescentou: O filho de cada pessoa nasce no estado da natureza (fitrat ki halat men), que é o Islã. Sua mãe e seu pai fazem dele um judeu ou um cristão ou um Mago.

O Islã ensina que todas as crianças nascem livres do pecado. Assim como afirmativamente, afirma que a maioria das pessoas não conhece isso.

Hinduísmo, Budismo e Cristianismo, cujos seguidores aceitam reencarnação ou expiação e cujos seguidores representam dois terços da população mundial, consideram que as pessoas nascem como pecadoras. De acordo com o budismo e o hinduísmo, mesmo nascer é causado pela pecaminosidade. A religião cristã declara que Adão é pecador e toda a raça humana herdou seu pecado. Tornou-se um princípio fundamental da fé cristã, como a filiação de Jesus e a sua morte na cruz para expiar o pecado. Os cristãos confessam que "somos filhos da ira, escravos de Satanás e dignos de castigo temporal e eterno ..." Onde está o puro ensinamento do Alcorão, que (Deus) criou toda a humanidade por misericórdia?

Em Verdade, as pessoas podem ser mudadas para acreditar que um filho recém-nascido está sob a ira de Deus, é escravo de Satanás e, não batizado, vai direto para o inferno. Mas a vitória final vai descansar com o Islã, o que afirma que uma criança não tem pecado no nascimento.

Além da única exceção de uma referência nos escritos de Paulo, a Bíblia não diz nada sobre a doutrina cristã do pecado original. Se fosse um fato, certamente os relatos evangélicos teriam relatado algum dito de Jesus sobre a pecaminosidade da humanidade através do pecado de Adão. A doutrina cristã é absurda. Adão nasceu sem pecado ou pecador? Se um homem é um pecador, qual é o ponto da lei e da tentação? Seria tão tolo para um, que aceita a crença cristã sobre o pecado original, para esperar que se um filho nasce cego é por seu ancestral ter pecado. Ó Filhos de Adão! Não deixe Satanás seduzi-lo como ele fez seus (primeiros) pais sair do Jardim (7:27)

Ele comenta ainda mais:

Satanás os enganou e desobedeceram a ordem de Deus, embora não pecassem. Pois o pré-requisito para o pecado é a vontade. Mas o Alcorão testifica claramente sobre Adão: "Ele esqueceu e não encontramos nenhuma vontade nele" (20: 115). Além disso, em um lugar, sua desobediência é descrita como zallat, sendo Zallat o que ocorre além da intenção (qasd). "Mas Satanás os levou a desviar". (2:36)

Assim, o Alcorão não diz que Adão pecou. O Alcorão chama o que ele fez "um deslize" (laghzish, zallat), resultado do esquecimento, que de modo algum envolveu seus descendentes.

Assim, os filhos de Adão não são afetados pela ação de Adão e o resultado da ação. Se eles haviam compartilhado na expulsão de Adão do jardim, então a declaração do Alcorão: "Ó Filhos de Adão! Não deixe Satanás seduzi-lo enquanto ele fez seus primeiros pais sair do jardim ..." torna-se sem sentido. O estado de hubut não tem conexão com o pecado ou com o resultado da desobediência de Adão.

Qual é, então, o estado de hubut? A história do confronto de Satanás (muqabila) com Adão é a história do confronto de Satanás com cada homem e o ingrediente necessário para qualquer progresso humano. Satanás é a manifestação desses desejos carnis associados ao corpo humano, que é preciso subjugar ou pelo qual se deve ser subjugado, conforme o caso. Mas não pode ser que Satanás sempre venha.

Por natureza, o homem, de fato, foi criado sem pecado. Mas, por natureza, ele deve possuir essa fraqueza pelo qual ele pode até ser subjugado às vezes no confronto com Satanás. Este é todo o segredo do seu progresso. Se, por natureza, ele fosse feito de tal maneira que ele nunca poderia sequer quebrar a lei de Deus, então seu estado seria como o sol, a lua, as estrelas, etc., que nunca podem se desviar do menor deles. Mas, de modo algum, o homem se qualificaria sobre outras coisas ... Era, portanto, necessário que ele fosse colocado em um confronto. Como o perigo é inevitável no confronto, portanto, esse (esse confronto) é chamado de hubut.

Este perigo serve como um aviso para o homem, não no sentido de que ele escorregou ou deve escorregar. Após o confronto: "Quem segue a minha orientação, não haverá medo sobre eles, nem se afligirão" (2:38). Esta passagem segue a história de Adão. Ou, em outras palavras:

É como se Deus explicasse a toda a humanidade: todos vocês devem confrontar Satanás, e ao enfrentar (ele) você deve torná-lo obediente a você. Após o confronto, o jardim (jannat) a ser inserido é o verdadeiro jardim, que é o objetivo e o fim da vida do homem. Seu primeiro jardim é nascer no estado de inocência. Mas o confronto é necessário para permanecer nesse estado de inocência. Então o homem pode progredir neste jardim de inocência. Se do nascimento o homem é um pecador, então é impossível para ele permanecer na inocência, porque como ele é naturalmente um pecador como prosseguir contra sua natureza? E se um homem nasceu sem pecado, mas não enfrenta oposição ou perigo, ele permanece obediente, assim como todas as coisas são naturalmente obedientes à lei, isto é, ele permanece constante em sua inocência natural. Mas então ele não adquire nenhuma excelência além dessas coisas, nem há nenhuma maneira para ele progredir. Por isso, o homem precisa da condição de hubut para que ele possa progredir em face do confronto, continuando firmemente no estado de inocência natural

É errado pensar que, inicialmente, Adão estava em algum lugar no céu e que, por causa de sua desobediência, ele e seus descendentes "caíram daqui e vieram à Terra". O Alcorão afirma claramente sobre a criação de Adão: "Estou prestes a colocar um vice-rei na Terra". (2:30)

Inevitavelmente, esse jardim também está na mesma terra. Embora este tópico exija uma explicação separada, aqui deve ser dito que nascer em um estado de inocência é esse jardim. Inerente na natureza desse jardim é o perigo real de se afastar dele; ainda assim, quando o homem progrediu deste jardim e chega ao próximo jardim, ele nunca pode afastar-se disso.

Argumento do Sultão Muhammad Paul Khan:

À luz da tradução de Mawlana Muhammad Ali de Surah 30:30 e seus comentários sobre este verso, surgem três questões:

- 1) Existe alguma coisa no versículo para fundamentar a afirmação de Mawlana Muhammad Ali de que este versículo demonstra liberdade de pecado no nascimento (payda`ishi ma'sumiyya)?
- 2) Qual é o significado de fitra?
- 3) Deus criou pessoas, desde uma perspectiva islâmica, na condição (perfeita) original (da humanidade)?

Nada no Alcorão 30:30 prova que o homem está livre do pecado desde o nascimento. Nem o hadith citado por Muhammad Ali afirma que "fitra é o Islã" - uma adição que é apenas o comentário pessoal de Bukhari. O hadith, ao qual o Corão 30:30 é adicionado, é:

"Abu Huraira informou o mensageiro de Deus dizendo: "Todo filho nasceu em fitra, mas seus pais tornam-no um judeu, um cristão ou um Mago, assim como uma fera nasce inteira. Você encontra alguns deles (nascidos) mutilados? " Então ele estava dizendo: "Padrão de Deus sobre o qual Ele formou (fitra) humanidade. Não há alteração da criação de Deus. Essa é a verdadeira religião".

Mesmo Muhammad Ali, na tradução inglesa do comentário do Alcorão, não se traduz "Islã" por "a verdadeira religião". Um membro de qualquer religião considera que a religião é a verdadeira religião. Ainda assim, ninguém precisa se surpreender quando os muçulmanos equiparam-se ao islamismo.

No entanto, nem todos os comentaristas Hadith concordam com esta equação. Um desses comentaristas escreve que `ala`l-fitra significa que "uma criança nasce com um tipo de condição ou disposição que facilita a recepção de qualquer religião. Salvo uma catástrofe, ele sempre permanecerá nele ". Jurjani escreve que "fitra é essa disposição natural (jibillah) que pode estar pronta para a recepção de qualquer religião". Ibn Mubarak, um renomado especialista em Hadith, escreve sobre esse hadith:

"Todo filho nasce em sua própria felicidade ou miséria natural (fitrati) de acordo com o conhecimento de Deus. Então cada um deles estará presente no final com a mesma natureza (fitra) com a qual ele foi criado e agido igualmente neste mundo. Um dos sinais da miséria é nascer entre judeus ou magos, porque o tornarão miserável por causa de sua crença religiosa."

O seguinte hadith indica o destino infeliz de crianças nascidas de infiéis:

"A'isha disse: perguntei: "Mensageiro de Deus, o que acontece com a prole dos fiéis"? Ele respondeu: "Eles estão unidos aos pais". Perguntei: "Embora eles não tenham feito nada, mensageiro de Deus?" Ele respondeu: "Deus sabe melhor o que estavam fazendo". Perguntei: "O que acontece com a prole dos politeístas?" Ele respondeu: "Eles estão unidos aos pais". Perguntei: "Embora eles não tenham feito nada?" Ele respondeu: "Deus sabe melhor o que estavam fazendo".

Duas outras tradições em Bukhari revelam a relutância de Muhammad em prever o destino de crianças nascidas de infiéis: crianças que, nascendo inocente como todas as crianças, iriam ao céu, de acordo com o argumento de Mawlana Muhammad Ali.

Deus, então, criou tudo em um estado perfeito, como afirma Mawlana Muhammad Ali? De fato, tanto o Hadith quanto o Alcorão demonstram a criação de pessoas em dois estados:

Ibn Mas'ud disse que o mensageiro de Deus que falou a verdade e cuja palavra foi acreditada lhes disse o seguinte: Os constituintes de um de vocês são recolhidos por quarenta dias no ventre de sua mãe sob a forma de uma gota, então eles se tornam um pedaço de sangue coagulado por um período similar, então eles se tornam um pedaço de carne por um período similar. Então Deus lhe envia um anjo com quatro palavras que registra suas ações, o período de sua vida, sua provisão e se ele será miserável ou abençoado; Depois disso, ele respira o espírito para ele. Por Ele, além do qual não há Deus, um de vocês fará as ações daqueles que vão para o paraíso, de modo que só haja um côvado entre ele e ele, então o que foi decretado o vencerá para que ele faça as ações daqueles que vão para o inferno e entrarão; e um de vocês fará as ações daqueles que vão para o inferno, de modo que haverá apenas um côvado entre ele e ele, então o que foi decretado o vencerá para que ele fará as ações daqueles que vão ao paraíso e entrarão.

Anas bin Malik informou que ele ouviu o mensageiro de Deus dizer: "Deus nomeia um anjo sobre o ventre de uma mãe que diz: "Ó Senhor, agora há uma gota, ó Senhor, agora há sangue congelado, ó Senhor, agora está um pedaço de carne. Quando Deus desejou completar Sua criação, então (o anjo) disse: "Ó Senhor, é homem ou mulher? Miserável ou feliz? Qual é a sua provisão e quando ela morre?" Tudo isso está escrito quando está no ventre de sua mãe ".

'Abdallah b. "Amr informou que ele ouviu o mensageiro de Deus dizer: "Deus criou as suas criaturas nas trevas e lançou algumas das suas luz sobre elas. Aqueles sobre quem uma parte daquela luz cairá terão orientação, mas aqueles que se perdem por ela se desviará. essa conta, eu digo que a pena não tem mais a escrever sobre o conhecimento de Deus ".

O último hadith especialmente, que afirma que toda humanidade (e jinn) nasceu na escuridão, conflitos com a afirmação de Muhammad Ali de que Deus criou toda a humanidade em um estado perfeito.

A seguinte passagem é apenas uma entre muitas passagens do Alcorão que revelam a condição degradada da humanidade:

Deus tornaria o fardo leve para você, pois o homem foi criado fraco. (4:28)

O Sultão Muhammad Paul então comenta:

Posso pedir-te respeitosamente (Mawlana Muhammad Ali) para nos dizer se (o estado) da fraqueza pode ser um estado perfeito. Você pode chamar algo que é naturalmente fraco, perfeito? Em seu comentário sobre o Alcorão, você comentou que "o significado da fraqueza do homem só pode ser que ele não poderia fazer de si mesmo um caminho livre de erros". Se a capacidade do homem é tal que ele não pode sequer fazer de si mesmo uma maneira livre de erro, que maior infortúnio ele pode ter do que isso? Que dúvida adicional pode haver sobre a sua condição defeituosa? Nós também pensamos que o homem (não Deus) se fez tão mal que ele agora não pode fazer nenhum trabalho que seja livre de erros.

Em resposta à afirmação de Muhammad Ali de que a passagem do Alcorão, "A maioria dos homens não conhece" (30:30), refere-se àqueles que negam que o homem nasceu inocente, pode-se referir a Gênesis 1: 26,27 e Eclesiastes 7:29, observando esse homem foi criado sem pecado, mas alterou sua condição abusando de sua liberdade. A Bíblia fala muito claramente sobre o assunto. E, assim, o Alcorão diz: "Adão desobedeceu a seu Senhor, então se desviou". (20: 121)

O sultão Muhammad Paul responde então às outras objeções levantadas por Mawlana Muhammad Ali:

A religião cristã reconhece que Adão é um pecador e toda a raça humana herdeiros de seu pecado.

O cristianismo, como um dos princípios fundamentais, é que todo filho do homem nasceu um pecador e um herdeiro do inferno.

A criança não batizada que morre vai direto para o inferno. (Nota minha: A Igreja Católica porém não mantém isto. O Catecismo da Igreja afirma que apesar que crianças não batizadas não possam entrar no Céu, como a Bíblia não afirma nada a esse respeito se mantém a crença na Misericórdia Divina de que elas vão para algum tipo de limbo, onde apesar de não obterem a felicidade do Céu também não sofrem. Essa visão porém surgiu mais recentemente, quando a sociedade se tornou mais sensível a estes topicos. Na idade média mesmo a Igreja defendia a posição que o Sultão menciona.)

De fato, ele observa que os muçulmanos e os cristãos reconheceram que Adão era um pecador e toda a raça humana para ser herdeiros de seu pecado. Assim, uma tradição lê:

Abu Huraira relatou o mensageiro de Deus dizendo: "Quando Deus criou Adão, ele enxugou as costas e toda alma de sua prole que ele criaria até o dia da ressurreição caiu de suas costas. Ele colocou a testa de cada um deles um flash de Luz, então apresentou-os a Adão, que perguntou: 'Meu Senhor, quem são esses?' Ele respondeu: 'Sua prole'. Ao ver um deles e ficando encantado pelo flash em sua testa ele perguntou: 'Meu Senhor, quem é esse?' Ele respondeu: 'David'. Ele perguntou: 'Meu Senhor, por quanto tempo um termo de vida o designou?' Ele respondeu: 'sessenta anos'. Ele disse: 'Meu Senhor, dê-lhe mais quarenta anos do meu termo de vida'. O mensageiro de Deus disse: 'Quando o período de vida de Adão acabou, até quarenta anos, virá o anjo da morte. Adão disse: 'Não há mais de quarenta anos de minha vida?' Ele respondeu: 'Você não os deu ao seu filho David?' Adão negou e sua descendência foi negada: Adão esqueceu e comeu da árvore e sua prole esqueceu, e Adão pecou e sua prole pecou."

Os filósofos apontam para um poder no homem que eles chamam de nafs-i ammarah ou quwwat-i bahimi (desejo carnal). A partir dos efeitos de todos os acontecimentos ocorridos no decorrer da história humana desde a queda de Adão até o presente, que influenciaram diretamente o crescimento espiritual do homem, o desejo carnal do homem subjuga seu poder angélico (malaki) e, por meio de sua influência maligna, enfraquece o seu Desejo do bem. Esta influência e efeito é chamado, no idioma técnico cristão, "pecado herdado", pois o decorrer da história humana começa com Adão.

O pecado herdado é um fato. Mas a partir desta conclusão de Muhammad Ali de que todo filho (ou qualquer um) é um herdeiro do inferno e cada criança não batizada vai direto para o inferno não segue. (Ezequiel 18:20; Jeremias 31: 29,30; Mateus 19: 13,14.) Todos são responsáveis por suas próprias ações. A expiação de Deus relaciona-se não apenas com os efeitos do pecado hereditário, mas também do pecado real.

Para reforçar os argumentos de que Adão foi criado sem pecado, o Sultão Muhammad Paul cita James Orr (a visão cristã de Deus e do mundo), que rejeita a idéia de que o pecado pertencia à constituição original do homem. "A Bíblia ensina que o mal no mundo é criado pelo próprio mal e que a natureza (fitra) da humanidade no início da criação era livre dela e não manchada".

Outras tradições ilustram a condição das crianças:

`A`isha disse: o mensageiro de Deus foi convidado para o funeral de um menino que pertencia ao Ansar e eu disse: " Mensageiro de Deus, este é abençoado, ele é um dos jovens no paraíso, pois ele não fez nenhum mal, sendo muito jovem para isso. "Ele respondeu: " Pode ser de outra forma, 'A`isha, porque Deus criou alguns para ir ao paraíso, fazendo isso quando ainda estavam nos lombos dos pais, e Ele criou outros para o inferno, fazendo isso quando ainda estavam nos lombos de seus pais.

Por que a hesitação para chamar uma criança nascida de muçulmanos, até Ansar, pais "celestiais" (jannati) se os filhos nascerem sem pecado?

O profeta disse: "Deus criou os filhos de Adão em diferentes classes. Alguns nascem como crentes, vivem como crentes e morrem como crentes. Alguns nascem como

infiéis, vivem como infiéis e morrem como infiéis. Alguns nascem como crentes , viva como crentes e morra como infiéis. Alguns nascem como infiéis, vivem como infiéis e morrem como crentes " .

À luz desta tradição, o Islã ensina realmente que o filho de todos nasceu sem pecado? O infiel é sem pecado? Além disso, este hadith também nos adverte contra declarar o destino de qualquer pessoa, seja ele uma criança, um jovem ou um velho.

Quando Mawlana Muhammad Ali afirma que Satanás enganou Adão e Eva e desobedeceu a ordem de Deus, ele realmente contradiz isso acrescentando "embora eles não pecaram. Pois o pré-requisito do pecado é a vontade de pecar. Se uma pessoa não cometeu pecado quando ele é seduzido por Satanás e desobedece a vontade de Deus, como ele se torna pecador? Eles agiram contra as próprias palavras do Alcorão de que "não seguem os passos do diabo" (2: 168) e demonstraram o próprio Muhammad Ali escreveu: "Por natureza ele deve possuir essa fraqueza, pelo qual ele pode até ser subjugado em algum momento no confronto com Satanás".

Se vencer por Satanás ou seguir os passos de Satanás e, assim, desobedecer a Deus não é pecado, então eu (Sultão) penso que neste mundo não resta nem a existência de pecado nem o pecador

Se a culpa por seu pecado é transferida para Satanás, por que não transferir a culpa a Satanás pelo pecado de todo mundo? Como o poeta escreve: "Se você mesmo cometeu um pecado, ameace Satanás". Mais ainda, se você não quisesse fazê-lo.

Adão e Eva realmente esqueceram o comando de Deus? De fato, os textos do Alcorão (7: 19-22; 20: 121) sugerem fortemente que Satanás, ao enganá-los, lembrou-lhes os mandamentos de Deus, que eles estavam conscientes dos mandamentos de Deus e que eles finalmente atentaram as palavras de Satanás por causa da sua cobiça . Daí a tradução normal de nasiya como "ele esqueceu" é neste contexto contra a intenção do Alcorão, até mesmo contradiz-o, e é corretamente traduzido por nós nekkya ("ele abandonou"), assim como Muhammad Ali traduziu em seu comentário inglês (9:67): "Eles (os hipócritas) abandonaram (nasu) Allah, então Ele os abandonou (nasiyyahum)". Da mesma forma aqui, Azam é melhor traduzido não como será "(irada), mas como" constância "ou" firmeza ":" Não encontramos constância nele "(20: 115).

"E Adão desobedeceu a seu Senhor, assim se desviou" (20: 121): Esta passagem só basta para provar que Adão abandonou o comando de Deus e que ele não se esqueceu apenas disso. Outras passagens: "O homem é feito de pressa" (21:37) e "O homem foi criado ancioso" (70:19) descreve ainda mais a inconstância de Adão e como ele sucumbiu às maquinações de Satanás e abandonou o comando de Deus.

"Mas Satanás fez com que eles desviassem (azalla) daí" (2:36): Gramticamente, é mais correto traduzir azalla (infinitivo: izlal): Shaytan ne Adam awr Hawa ko gunah par bar-angekhta kiya ("Satanás incitou Adam e Eve para pecar "). O pecado de Adão não pode ser chamado apenas lagzish ou zallat ("deslize").

Além disso, para repetir, as conseqüências de seu pecado eram muitas (não uma, como Mawlana Muhammad Ali diz): eles foram expulsos do jardim; sua vergonha tornou-se aparente para eles; a provisão para a vida na terra tornou-se temporária; Aquele se tornou um inimigo para o outro. Já foi demonstrado que seus descendentes compartilhavam da queda.

A queda (ihbit) e a expulsão (ikhraj) são diferentes? Nós lemos que Deus ordenou a Iblis da seguinte maneira: "Ele disse: Então, vá para baixo (ihbit)! Não é para você mostrar orgulho aqui, então vá embora!" E você é daqueles degradados "(7:13). Anteriormente Muhammad Ali havia dito:

O estado de confronto com Satanás é o estado do centro. Toda a humanidade deve passar por esse estado. Todo seu progresso depende disso Vocês devem enfrentar Satanás, e ao mesmo tempo enfrentá-lo deve fazê-lo obedecer a você. Após o confronto, o jardim a ser inserido é o verdadeiro jardim.

Comparando o Alcorão 7:13 com a definição de hubut de Muhammad Ali, devemos concluir que Satanás deve se opor a Satanás, torná-lo obediente para si mesmo, e depois entra no verdadeiro jardim? Ou que Satanás deve se opor a toda a humanidade, torná-los obedientes a ele e após o confronto, o jardim em que ele entrará será o verdadeiro jardim? Na verdade, "ihbitu" simplesmente significa que "todos vocês saem do jardim" ou "descem" ou "vão para fora"; ou mesmo "saia, todos vocês se degradaram". Eles são expulsos por causa de sua degradação que eles herdaram de Adão. Não há evidências para sustentar a afirmação de que hubut significa "confronto com Satanás" - seja no Alcorão, em Hadith bem autenticado ou em qualquer dicionário respeitável. Além do Alcorão 2: 36-38, é claro que a ordem de Deus de deixar o jardim veio antes e depois do arrependimento de Adão e não, como Muhammad Ali enfatiza, somente depois que ele se arrependeu. Hubut e ikhraj são essencialmente os mesmos.

Outro hadith testemunha que o pecado é resultado da desobediência de Adão e de uma forma de punição:

Abu Huraira informou que o mensageiro de Deus contou a Adão e Moisés levando uma disputa na presença de seu Senhor e de Adão, obtendo o melhor de Mqses em discussão. Moisés disse: "Você é Adão, que Deus criou com a Sua mão, em quem Ele expirou de Seu espírito, a quem Ele fez os anjos fazer obediência, e a quem Ele causou habitar em Seu jardim, então, por causa do seu pecado, você causou a humanidade descer à terra ". Adão respondeu: "E você é Moisés, a quem Deus escolheu entregar Suas mensagens e dirigir, a quem Ele deu as tabuletas sobre as quais tudo foi explicado e quem Ele trouxe perto como um confidente. Quanto tempo antes de eu fui criado, você achou aquele Deus escreveu a Torá? " Moisés disse: "Quarenta anos". Adão perguntou: "Você achou nisso," E Adão desobedeceu ao Senhor e cometeu um erro "? Ao ser dito que ele fez, ele disse: "Você me culpa por fazer uma ação que Deus decretou que eu deveria fazer quarenta anos antes de Ele me criar?" O mensageiro de Deus disse: "Então, Adão foi melhor que Moisés em discussão.

Bukhari cita este hadith em uma forma ligeiramente diferente: "Por causa do seu pecado, você expulsou as pessoas (akhrajat) do jardim (al-jannat) e assim é responsável por colocá-los em problemas". Isso contradiz a afirmação de Muhammad

Ali que o que a humanidade faz aqui não envolve punição e não é o resultado da desobediência de Adão, e que a humanidade não deixou o jardim.

Finalmente, o Alcorão afirma claramente que Satanás é amaldiçoado até o dia do julgamento. Como, então, podemos fazer Satanás obediente, ou como Muhammad Ali fez Satanás obediente a si mesmo?"

Fim dos Argumentos

Então, isso é o Islã. Uma infinita discussão sobre coisas que Muhammad não deixou claras; e pior ainda fica quando cada escola de pensamento tira da cartola algum "hadith", uma frase ouvida informalmente de Muhammad e acrescenta isso ao significado do Corão. Como resultado disso, temos desde a visão clássica de que o homem nasce sem pecado e o estado natural das criaturas é o Islã, até a visão praticamente Calvinista da Haddit de Aisha de que alguns nascem salvos, e outros condenados. No final das contas, é inconclusivo para o Islã mas a maioria adota a visão clássica.

Por exemplo para Muçulmanos, o fato de crianças nascerem com deficiências físicas não é resultado de um pecado original, como para os Cristãos, mas que Allah é completamente distinto de sua criação sob todas as formas - "Al-Shura 42:11 - Não há nada como Ele, Ele tudo ouve e tudo vê". Por isso Muçulmanos entendem que Deus pode fazer uso de sua 'propriedade' da forma que quiser. Ele tem a suprema sabedoria e não se discute com Allah assim como não se discute com um médico, quando ele é especialista em uma área e o paciente não é. Então uma criança que nasce com sofrimentos, se ela consegue um final feliz, isso foi um teste imposto aos pais por Allah; e se ela morre por causa disso, foi um ato de Misericórdia de Allah, e se ele sobrevive por conta própria mas é incapacitado, é Misericórdia de Allah que impede que ele seja capaz de cometer muitos pecados, e assim ser julgado por menos coisas no dia do juízo. Nenhum desses paleativos pios explica a necessidade ou causa disso, ou mesmo a justiça nisso ou questiona Allah; é simplesmente um "Allah assim quis, e pronto". O Islã não apresenta elaboradas explicações da cosmologia que expliquem essa condição como aleatória, e prefere apenas afirmar a autoridade de Allah de forma simples.

Mas entre os haddiths existe um monte de contradições do que Muhammad disse ou não. Enquanto em Aisha ele diz que alguns nascem infiéis, em Al Bukhari ele diz que todos nascem fiéis, mas são desviados. Ou um ou outro. Ele ainda diz que nenhum animal nasce mutilado como analogia, mas o fato é que nasce sim. O Islã não consegue resolver essas contradições, e isso é gravíssimo pois Muhammad é considerado o modelo perfeito de vida e então o que ele disser importa para os Muçulmanos que seja claro.

Mas ainda assim Genesis é importante para o Islã. Muito importante. Eu diria mais importante do que os Muçulmanos se dão conta, mais até do que os Hadiths.

Pois no Corão, que é tido como a revelação direta das palavras de Allah para o profeta Muhammad, ele fala do capítulo III de Genesis, ainda que com algumas mudanças, como um fato histórico. Se de alguma forma Genesis for baseado em alguma versão anterior retirada de contexto, então não era Allah mas sim Muhammad elaborando em cima do que ele sabia do livro de Genesis mas conciliando com conceitos da Arábia pré-Islã. De fato, a visão Islamica sobre a Queda é a que mais se aproxima da Filosofia e Teologia pré-abraamica, ainda que de forma simplificada e tratando a história como fato histórico real e com grandes contradições. Se o capítulo III de Genesis não tiver

ocorrido histórica e realmente, toda a palavra de Allah é invalidada como uma revelação autêntica; e ao mesmo tempo que o Islã mantém que o mundo é criado em estado natural sem corrupção do Pecado, ele afirma que o mundo deve ser destruído no Juízo Final para criação de um novo mundo. Como os cristãos, os muçulmanos acreditam que a vida presente é apenas uma preparação de ensaio para o próximo reino da existência. Esta vida é uma prova para cada indivíduo para a vida após a morte. Um dia virá quando todo o universo será destruído e os mortos ressuscitarão para o julgamento de Deus. Este dia será o início de uma vida que nunca terminará. Este dia é o dia do julgamento. Naquele dia, todas as pessoas serão recompensadas por Deus de acordo com suas crenças e ações. Aqueles que morrem enquanto crêem que "Não há um deus verdadeiro senão Deus, e Muhammad é o Mensageiro (de Deus)" e são muçulmanos serão recompensados naquele dia e serão admitidos no Paraíso para sempre:

"E aqueles que crêem e fazem boas ações, são moradores do Paraíso, eles habitarão nele para sempre." (Alcorão, 2:82)

Essa escatologia é diretamente ligada aos eventos de Genesis III sem os quais não faria sentido. Sem o desafio de Iblis, não há razão para um julgamento coletivo da humanidade ser fixo em um determinado ponto no futuro.



Cristianismo e a Queda do Homem



Smbora o termo "pecado original" não seja encontrado na Bíblia Sagrada, a idéia do pecado original, o pecado de Adão, sempre foi um elemento vital dentro da doutrina do pecado como os cristãos o entenderam. Alguns teólogos cristãos alegaram que faz parte da revelação cristã. Há aqueles que afirmam que a doutrina, profundamente enraizada na interpretação Cristã da Bíblia Sagrada, está em conformidade também com a realidade e a razão. Por outro lado, algumas denominações Cristãs familiarizadas com o conceito consideraram que a doutrina do pecado original não era revelacional nem racional. Eles usaram também uma interpretação profundamente enraizada na Bíblia para apoiar a rejeição desta doutrina. Mas o que todos os tratamentos cristãos do tema concordam é que sem a Queda do Homem como um fato histórico e real, não haveria necessidade de Cristo.

Pois independente do pecado de Adão ter sido ou não passado aos seus descendentes, ele teve uma consequencia, segundo os Cristãos, que todos herdaram: a Morte. Tendo pecado contra Deus, e a consequência disto sendo a perda da vida, não sobrou ao homem nenhuma forma de reparar o pecado com algo de maior valor. Por este motivo, Deus teve que encarnar e sacrificar a si mesmo pela humanidade, pois apenas este sacrifício poderia compensar o pecado de Adão e abrir as portas do Paraíso. Essa é toda a lógica e racional por trás da crença em Jesus Cristo como redentor e salvador.

É portanto inadmissível para qualquer denominação Cristã descartar a história de Adão e Eva e a queda como uma ficção ou alegoria. No máximo uma questão muitas vezes levantada neste contexto é se a raça humana descendeu de um par original de dois seres humanos (um ensinamento conhecido como monogenismo) ou um grupo de jovens casais humanos (um ensino conhecido como poligenismo) de quem "Adão" e "Eva", como judaísmo ensina, seria um nome genérico para esse coletivo.

A este respeito, o Papa Pio XII afirmou: "Quando, no entanto, há uma questão de outra opinião conjectória, ou seja, o poligenismo, os filhos da Igreja não gozam de tal liberdade. Pois os fiéis não podem abraçar essa opinião que mantém isso pois de Adão existiriam nesta terra verdadeiros homens que não levaram sua origem por meio da geração natural dele desde os primeiros pais de todos, ou que Adão representa um certo número de primeiros pais. Agora, não é de modo algum aparente como essa opinião pode reconciliar-se o que as fontes da verdade revelada e os documentos da autoridade docente da Igreja propuseram em relação ao pecado original que decorre de

um pecado realmente cometido por um Adão individual, no qual, através da geração, é transmitido a todos e está em todos como em si próprio "(Humani Generis 37).

O Papa está certo. Se alguém acredita que a Bíblia é a revelação de Deus, e que Deus depois enviou um Messias para reparar um rompimento entre Deus e os homens, ele não pode tratar o rompimento como ficção ou alegoria e o salvador como fato histórico que só pode ser realizado através dele.

O Catecismo afirma: "O relato da queda em Gênesis 3 usa linguagem figurativa, mas afirma um evento primitivo, uma ação que teve lugar no início da história do homem. A revelação nos dá a certeza de fé que toda a história humana é marcada pela falha original livremente cometida pelos nossos primeiros pais "(CCC 390).

Nesse capítulo vou levar em consideração como Cristianismo apenas as crenças dos Patriarcas, da Igreja Católica e Ortodoxa e do Protestantismo. As outras denominações que surgem depois como Testemunhas de Jeová, Mormonismo, e as infinitas denominações evangélicas que surgiram na América, eu sequer as levo a sério como representantes do Cristianismo. Pelo seguinte motivo: Tudo que elas proclamam, foi construído em cima do que foi preservado pelas Igrejas Católica e Ortodoxa ou desenvolvidas em cima da Reforma Protestante. Ou seja, eles partem da aceitação destes textos elaborados e mantidos por essas Igrejas e trabalham a partir deles, e suas visões variantes não chegam a questionar a validade destes textos, e muitas vezes, os retiram de contexto livremente.

No que diz respeito ao pecado original - ou "primeiro", que é cometido por Adão e Eva, a Igreja Ortodoxa e similares acredita que, enquanto todos carregam as conseqüências do primeiro pecado, o primeiro dos quais é a morte, somente Adão e Eva são culpados por esse pecado. O catolicismo romano ensina que todos carregam não só a conseqüência, mas também a culpa, desse pecado. De toda forma, ambos partem da veracidade literal do relato de Genesis III.

Quanto à Reforma Protestante e suas denominações, um de seus dogmas centrais é a Sola Scriptura. Simplesmente isso quer dizer que não existe maior autoridade do que a Escritura. Se Genesis diz que Adão comeu do fruto e foi expulso, literalmente Adão comeu do fruto e foi expulso. Não importa se você é Lutherano, Calvinista, Prebisteriano, etc.

Uma das principais razões pelas quais os cristãos precisam afirmar que Adão foi o primeiro ser humano a existir é a doutrina da queda e do pecado original.

Gênesis 3:17 diz: "E a Adão, ele disse:" Por ter ouvido a voz da sua mulher e comido da árvore de que eu lhe ordenei: "Não comerás dela", maldito é o chão por causa de você; com dor você comerá todos os dias da sua vida. "Aqui vemos que Deus, como resultado do pecado de Adão, pronuncia uma maldição sobre Adão e toda a humanidade depois dele.

Os cristãos tomam a sério o fato de que Deus fez todas as coisas boas e sem pecado (Gênesis 1:31), e isso tem ramificações importantes para a consumação e a nova criação (Apocalipse 21). No entanto, Adão, como primeira pessoa, trouxe o pecado para o mundo e contaminou a criação perfeita de Deus. Romanos 5:12 diz que "o pecado veio ao mundo através de um homem [Adão], e a morte pelo pecado, e a morte se espalhou para todos os homens porque todos pecaram". E Romanos 6:23 diz que "o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor".

Com base no que a própria Escritura ensina, o cristão deve poder afirmar como verdade que Adão foi a primeira pessoa, por meio da qual o pecado entrou no mundo, para falar de Cristo como o "último Adão", por meio do qual o pecado e a sua maldição - morte - foram vencidos (1 Coríntios 15:45).

Me desculpe por ser repetitivo sobre isso, mas é impressionante o número de ditos "Cristãos" que não fazem idéia da importância de Gênesis III para o Cristianismo!

Pois veja se Adão não foi a primeira pessoa literalmente, se Gênesis não for literal, isso é o mesmo que afirmar que Jesus teria mentido, e também o Espírito Santo. Pois o Novo Testamento é dito ter sido escrito sob inspiração e direção do Espírito Santo; e a genealogia de Lucas liga diretamente Jesus à Adão. Se alguém nega Adão, não tem nenhum motivo para acreditar no resto das pessoas citadas por Lucas como ancestrais.

Pois mesmo que alguém diga que ele citou pessoas reais mas apenas acreditava que Adão era real, o Espírito Santo então deveria ter alertado Lucas sobre isso.

Além disso, se alguém negar que Adão era uma pessoa real, é difícil entender a analogia de Paulo sobre o relacionamento entre Cristo e Adão. Por um lado, Paulo diz que o pecado veio ao mundo através de uma pessoa real (Romanos 5:12). Mas mais do que isso, tanto em 1 Coríntios 15:22, 45 e Romanos 5: 12-21, Paulo faz uma conexão direta entre Adão e Cristo.

Mesmo que alguém passe sobre Lucas e Paulo, é preciso lidar com Jesus e seus ensinamentos. Em Marcos 10: 6 e Mateus 19: 4, Jesus se refere a Gênesis, falando da ordem de Deus ao criar Adão e Eva e relacionando esse ato literal com a instituição do casamento. É difícil pensar que o próprio Deus (Jesus) poderia estar errado sobre seu próprio evento criativo, já que ele estava lá como o Criador quando aconteceu (João 1: 1-2; Col. 1: 15-17).

Por isso Gênesis III é fundamental para os Cristãos, muito mais do que para Judeus e Muçulmanos. Pois se Gênesis não for original e uma revelação real e historicamente verídico, então Jesus acreditava que um mito era fato histórico, o que contraria sua divindade, e o Novo Testamento não teria sido inspirado pelo Espírito Santo.

Gênesis, que muitas vezes é desconsiderado com maior facilidade pelos Cristãos, Judeus, e Muçulmanos, é na realidade a pedra fundamental para todas as Religiões Abraâmicas, é o que sustenta o prédio inteiro; é o que sustenta a Bíblia como Revelação, seja o Velho ou o Novo Testamento. Diria até, dada as implicações, ser mais fundamental ainda para o Novo Testamento pelo endosso que recebe de Jesus.

Ainda assim você vai ver em vários lugares teólogos querendo parecer modernos e intelectuais dizendo que é uma alegoria, e que não se abalam com descobertas arqueológicas. Deveriam se abalar.

Para começar, é aconselhável recordar a afirmação do Teólogo francês Católico Blaise Pascal de que, se é impossível explicar completamente a doutrina do pecado original, é impossível explicar pessoas e eventos na história do mundo para o Cristianismo sem isso. A origem, o legado e a universalidade do pecado são tão reais como o próprio pecado para a Cristandade.

De acordo com a Bíblia, o mundo, como Deus criou, foi perfeitamente ordenado. Deus não criou pecado. Contudo, por mais que ordenado que este mundo ainda possa aparecer, o mundo presente também é considerado pelos Cristãos um mundo desordenado no qual o novo filho entra, pelo qual ele já está condicionado e ao qual ele (eventualmente) contribui. É um mundo cujos habitantes, começando com Adão, legaram um legado assustador de pecado aos seus filhos. É considerado como esse legado é apropriado pela criança e internalizado biologicamente, psicologicamente e espiritualmente! Na verdade, o abuso real e potencial da tecnologia moderna demonstra como esse legado derrama toda a criação, iluminando a afirmação bíblica de que toda a criação, agora gemeu em trabalho de parto por causa da aberração humana, aguarda a libertação final de Deus por meio da recriação (Romanos 8). É por isso que para os Cristãos é necessária a destruição do Mundo para sua restauração final, e como o conservadorismo Cristão se baseia na premissa de que tentativas de tornar "o mundo um lugar melhor" são vãs.

Muitos cristãos falam da depravação total do homem. O que isso significa? A depravação total (Romanos 3: 13-18) não significa que o que o homem é e faz é totalmente apodrecido, mas que o mal sempre encontrou seu ponto de saturação nele. Os cristãos sempre reconheceram a capacidade de todas as pessoas para distinguir entre, e fazer, o bem e o mal dentro da sociedade, qualquer que seja sua intenção. Nem significa que todo recém nascido é odioso e abominável aos olhos de Deus, culpado diante de Deus e digno do inferno. Tais exagerações não são bíblicas e dificilmente são compatíveis com o ensino de Jesus sobre as crianças. O que está em jogo nesta doutrina é a relação da aliança entre Deus e a humanidade, o mandamento de Deus de que o homem lhe obedece e a capacidade do homem de amar de todo coração a Deus e ao próximo como Deus o ordena. Isso significa não só entender e confessar, mas submeter-se à ação, ao Senhorio de Deus como o próprio Deus definiu Seu Senhorio sobre o homem e a submissão do homem a Ele através da obediência.

A depravação total do homem, então, nas palavras de Lutero, é o homem incurvatus em si, ("voltado em si mesmo"), centrado em si mesmo mais do que centrado em Deus e centrado no vizinho. Isso sugere que o mal deste mundo o condicionou a submeter-se mais prontamente à sua própria vontade do que à vontade de Deus. É como se as raízes do pecado estivessem presentes em um recém nascido, embora neste estado ele seja culpado de nenhum pecado. Assim, os cristãos também falam do estado pecaminoso do homem, e isso em si não requer necessariamente a historicidade de Genesis; mas para os Cristãos esse estado é muito mais grave do que para qualquer outra Religião.

Dito de outra forma, a depravação total torna o homem incapaz de restaurar-se de volta à relação correta com Deus, ganhando o perdão de Deus e alcançando sua própria salvação. A depravação humana deixa-o com nada em suas mãos para negociar com Deus para sua salvação. Isso é uma implicação direta de Genesis III onde ocorreu um crime que exige uma reparação acima das capacidades humanas.

Como vimos, na compreensão bíblica Cristã, o pecado, tanto original como real, pode finalmente ser medido apenas em termos de: a) a criação do homem por Deus, à imagem de Deus e inquebrável pelo Espírito de Deus e b) O caráter de Deus, Sua santidade e amor, como demonstrado para a humanidade em Sua Lei (Você amará o Senhor seu Deus com sua pessoa total e você amará seu próximo como a si mesmo) e em Jesus, Sua Palavra feita carne, que viveu o que Ele ensinou: "Amem uns aos outros como eu vos amei". Aqui está a luz teológica, no entendimento cristão, que ilumina o pecado primeiro e acima de tudo como alienação de Deus, o Criador, como a destruição de uma relação pessoal entre Deus e o homem baseado na aliança e, conseqüentemente, a alienação da humanidade, uma da outra. Somente em segundo lugar, o pecado é uma infração de uma regra impessoal. É essa luz que demonstra a pecaminosidade do pecado, sua culpa, sua universalidade e seu legado, a diferença entre o que Deus queria que Adão fosse e o que ele realmente se tornou em si mesmo e em todos nós.

A natureza humana, a moral Cristã, a divindade de Cristo, na visão Cristã dependem não apenas de Genesis ser uma Revelação Divina, mas desta Revelação proclamar um fato histórico individual de um homem real, e não uma alegoria universal. Se for uma alegoria universal, a gravidade não seria tão irreparável, pois essa gravidade exige um rompimento literal de uma aliança por um ato de vontade, e não apenas uma condição existencial natural que possuiria em si os próprios meios para Salvação.

A cruz do Messias personaliza, tragicamente, a resposta de Deus ao pecado da humanidade: o amor de Deus pela humanidade e a ira de Deus, é inerente em Sua santidade, contra o pecado da humanidade.

Sem Genesis III não existe a concepção de um Deus pessoal que encarna.

Deus advertiu Adão desde o início: "Você é livre para comer de qualquer uma das árvores do jardim, exceto a árvore do conhecimento do bem e do mal. Daquela árvore você não deve comer, o momento em que você come, você certamente está condenado a morrer "(Gênesis 2:17). O Jardim do Éden continha duas árvores especiais. A primeira era a árvore proibida do conhecimento do bem e do mal e a segunda árvore era a árvore da vida eterna. A história de Gênesis nos diz que Adão e Eva desobedeceram o mandamento de Deus e caíram no pecado sob as tentações de Satanás. Eles escolheram livremente desafiar a Deus comendo da árvore proibida do bem e do mal. A Igreja nos ensina que este primeiro pecado do homem constituía uma perda de confiança no homem para Deus e um abuso da liberdade da humanidade. Porque o homem desobedeceu seu criador e se entregou ao pecado, o homem finalmente soube do mal e perdeu a justiça e a santidade originais. O estado privilegiado e harmonioso do homem no Jardim do Mal foi dilacerado e os resultados devastadores resultaram. Pela primeira vez, a morte entrou no mundo e o homem estava condenado a experimentar uma natureza terminal. "Porque você é pó e ao pó, você retornará" (Gênesis 3:19). O homem estava agora destinado a trabalhar para viver, "pelo suor do seu rosto, você faça pão para comer" (Gênesis 3:19). As mulheres receberam as dores do nascimento infantil e foram colocadas sob o domínio do homem: "Eu intensificarei o sofrimento da sua gravidez, com dor você produzirá filhos. No entanto, seu desejo será para o seu marido, e ele será o seu senhor (Gênesis 3:16) ". Finalmente, a natureza se voltou contra o homem: "Maldito seja o chão por causa de você! Com todo o trabalho, você comerá o seu rendimento durante todos os dias da sua vida. Espinhos e cardos, isso produzirá para você, como você come das plantas do campo" (Gênesis 3: 17-18).

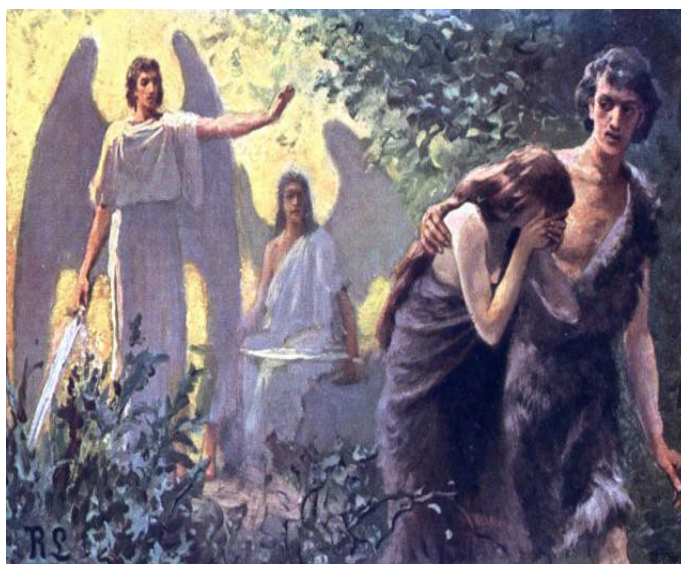
Tudo isso é tido como um castigo porque o Cristianismo, como o Judaísmo, é incapaz de não ver essas coisas como sendo objetivamente más, e isso é por causa de Genesis

III. A própria instituição Cristã do que constitui família depende de Gênesis III, onde o pai é a autoridade da casa.


Na concepção Cristã, o pecado de Adão trouxe consequências devastadoras: a morte e a tristeza do equilíbrio harmonioso entre Deus, homem e criação. Além disso, a vontade do homem é enfraquecida para sempre pelo primeiro pecado. O pecado original, a perda da justiça e da santidade originais, afetaram a progênie de Adão e Eva através da fraqueza da vontade. O homem já não possui justiça e santidade originais e, em vez disso, é atraído para os prazeres doentios e egoístas. Chama-se essa fraqueza da vontade de concupiscência. As tentações contínuas de Satanás e a perda dos dons da santidade e da justiça originais prejudicaram a alma de Adão, e como ele é a cabeça da raça humana, todos os seus descendentes foram igualmente condenados. A mancha do pecado original é herdada por todos os humanos no momento da concepção e traz os seus efeitos de ignorância, concupiscência, morte e sofrimento.

Pela própria natureza do pecado original do homem, ninguém pode esperar receber o reino de Deus sobre a morte natural. O homem, através de Adão, rejeitou o amor de Deus e o estado privilegiado e não pode esperar alcançar a vida eterna por seus próprios méritos e poder.

“Jesus Cristo, Filho de Deus, verdadeiro Deus e homem verdadeiro, ofereceu-se a uma morte imerecida e se tornou o sacrifício pelos pecados do homem.” A paixão, a morte e a ressurreição de Jesus foram oferecidas de uma vez por todas pelos pecados da humanidade, para que o homem possa ser salvo pela graça de Deus. "Pois, se por uma ofensa de um homem a morte reinou através de um, muito mais os que recebem abundância de graça, de presente e de justiça, reinarão na vida através de um Jesus Cristo. Portanto, como por ofensa de um, até todos os homens para a condenação, assim também pela justiça de um, para todos os homens para a justificação da vida" (Romanos 5: 17-18). A carta de São Paulo aos romanos nos diz que, pelo pecado de Adão, todos os homens foram condenados e agora a obediência e paixão de Cristo redimiram a todos os homens. A redenção de Jesus Cristo é sem sentido se Genesis for apenas uma parábola, toda a Cristandade descansa sobre Genesis III como pedra fundamental muito mais do que nos Evangelhos.





 Como vimos o texto de Genesis III é fundamental para o Judaísmo, Cristianismo, e Islã. As três religiões dependem absolutamente não apenas que Genesis III seja fato histórico, como também uma infalível revelação de

Se você conhece um pouco de estudos da Bíblia, você sabe que na Bíblia hebraica você encontra, não uma, mas duas histórias de criação. A existência de ambas as versões é explicada pelo que se chama hoje a "Hipótese Documental", formulada pela primeira vez por Julius Wellhausen no século XIX. O brilho da proposta deste estudioso da Bíblia foi confirmado repetidas vezes ao longo dos anos através da meticulosa análise do Pentateuco e outros livros da Bíblia e pela Arqueologia e Paleografia. Ao longo dos anos, mais, e mais evidências são recolhidas a partir do próprio texto da Bíblia hebraica e à luz de novas descobertas feitas sobre a Antiguidade.

Para aqueles de vocês que não conhecem, a Hipótese documental, como está formulada hoje, diz que o Pentateuco foi criado de quatro tradições distintas por dois grupos sacerdotais:

- **Tradição Yahwist (J):** Esta é a mais antiga das quatro tradições, geralmente datada do final da suposta era salomônica (950 aC). Concentra todas as suas histórias no território sulista da terra do antigo Israel, e não faz nenhuma referência às tribos do norte. Seu estilo parece refletir a ideologia dos sacerdotes de Aaróides (os supostos descendentes de Arão) que adoraram a Yhwh no Templo de Jerusalém. Isso mostra YHWH como uma espécie de Deus "próximo à Terra", com qualidades muito antropomórficas: ele caminha, ele é temporariamente ignorante do que está acontecendo, ele se arrepende, e assim por diante. É chamada de tradição Yahwist, porque em Gênesis é a tradição que chama Deus "YHWH". Então, sempre que você lê uma história em Gênesis com o nome de YHWH, apenas saiba que seu núcleo vem da tradição Yahwist. A representação habitual na discussão acadêmica é a letra J,

principalmente porque quando a Hipótese Documental foi proposta pela primeira vez, foi em alemão, e YHWH é escrito como "Jahweh" com um "J" em alemão.

- **Tradição Elohista (E):** Esta é a segunda tradição mais antiga produzida pelo sacerdócio mais importante da parte norte do antigo Israel. Os textos sugerem fortemente que esta tradição foi produzida por este sacerdócio, porque todas as suas histórias se concentram no Norte ou se referem a tribos do norte. Também sabemos que isso foi produzido após a divisão do antigo Israel em dois Reinos: o Reino de Israel (Norte) e o Reino de Judá (Sul). Como nós sabemos disso? Porque o sacerdócio de Shilo denuncia explicitamente o culto usando bezerros dourados instituídos pelo rei do norte, Jeroboão (Êxodo 32; 1 Reis 12: 25-33). Os sacerdotes Shilo foram marginalizados deste culto, então inventaram a história sobre Moisés destruindo o bezerro de ouro como forma de denunciar os altares dos bezerros de ouro em Betel e Dan (1 Rei 12:31; 14: 1-19). Isso significa que essa tradição apareceu aproximadamente durante a segunda metade do século 10 a.C. Geralmente, acreditava-se que os sacerdotes de Siló, cidade da Samaria, eram descendentes de Moisés, e que eram os guardas originais da Arca da Aliança. É chamada de Tradição Elohista, porque em Gênesis, ela se refere a Deus como Elohim.

- **Tradição Sacerdotal (P de Priestly, em Inglês):** Após a invasão assíria do território norte do antigo Israel, os sacerdotes Shilo tiveram que fugir do Norte e estabelecer-se em Jerusalém junto com seus rivais, os sacerdotes de Aarão do Templo de Jerusalém. Dada a situação, durante a sua estadia, alguém ou algum grupo fundiram as tradições J e E, criando uma espécie de documento JE (721-716 a.C.). Os sacerdotes de Aarão não gostaram disso e aproveitaram um momento de crise (invasão assíria sob a liderança de Senacherib) e criaram sua própria versão alternativa do documento JE, este é o Código Sacerdotal, ou a Tradição Sacerdotal (P). É facilmente reconhecível na Bíblia hebraica devido ao seu estilo repetitivo. Sabemos hoje que a primeira versão da criação (Gen. 1: 1-2: 4a) foi criada por eles precisamente por causa desse estilo repetitivo. Seu estilo é árido e mostra a Deus como uma entidade abstrata, distante e, ainda, uma entidade poderosa, porque eles já tinham sido totalmente influenciados pelo Zoroastrismo durante o exílio e se afastaram da noção de um Deus tribal puramente nacional, para uma noção de um Deus de domínio universal aos moldes de Ahura Mazda e das legislações mesopotâmicas e por isso também é muito prescritivo em termos da Lei. Outra razão pela qual sabemos que a primeira versão da criação foi escrita por eles é porque foi criada para justificar o sábado como um dia santo: Elohim (Deus) criou o mundo em seis dias e no sétimo Ele descansou. Todo o Livro do Levítico é basicamente Código Sacerdotal, já que é prescritivo do começo ao fim. Eles também moldaram-no para que ele fizesse aos sacerdotes de Aarão as autoridades supremas nos cultos no Templo, diminuindo o papel de outros sacerdotes levitas. É pensado pela maioria dos estudiosos que foi produzido pelos sacerdotes de Aarão durante o exílio judaico da Babilônia (5 ° século a.C.).

- **Tradição Deuteronomica (D):** Esta tradição é realmente uma resposta do sacerdócio de Siló para P. Eles adotam algum Código Sacerdotal, mas removendo a legislação excessiva e os privilégios Aarônicas. Centra-se em torno de uma escrita que se disse ao lado da Arca da Aliança, que mais tarde se tornou o centro ou núcleo do Livro do Deuterônimo (Deuterônimo 12-26). D é distintivo até agora só reconhece as histórias contadas em JE enquanto ignoram aqueles em P, o que mostra mais uma vez as disputas irritadas entre os sacerdotes Aarão e Siló. D foi produzido durante o sexto século a.C.

Muito depois, depois que os judeus voltaram do exílio da Babilônia, alguns sacerdotes ou um grupo de sacerdotes que se consideravam da dinastia de Aarão compilaram todas essas tradições juntas (JEPD) criando os cinco primeiros livros da Bíblia, o Pentateuco, como os conhecemos hoje. Nós sabemos disso porque, com exceção do Livro do Deuteronômio, todos e cada um dos livros do Pentateuco começam com uma história P ou texto.

Como vemos Genesis não é uma Revelação pronta, dada inteira para nenhum escriba Bíblico ou profeta. Teria sido uma revelação em partes? Também não, como vemos que os grupos disputavam entre si com revelações contraditórias e no final um grupo resolveu editar todos e formar um único texto. Alguém poderia alegar que esse último grupo é que realmente foi inspirado? E porque Deus então não conseguiu inspirar os outros grupos direito, se aparentemente teria então tentado cada um? Essa desculpa não funciona. Pois não apenas são "revelações" diferentes como surgem em períodos extremamente distantes um do outro e retiram umas às outras de seu contexto original. E mais ainda: É revelação quando todo mundo ao seu redor já sabe a mesma coisa? Tudo indica que um grupo apenas clamava revelação quando novos dados convenientes aos seus interesses eram acrescentados. Gênesis não é uma revelação divina e muito menos é original.

Mas teria sido baseada em algum fato histórico? Também não. É pura colagem com edições de interesse político, nacionalista e sacerdotal em cima da memória racial de eventos e mitos de outras civilizações.

Ninguém pode dizer que desenvolveu independentemente uma tradição quando sua nação e todos ao seu redor vivem sob Impérios que já possuem tradições semelhantes há milênios. É óbvio uma influência direta.

É como dizer que descobriu a pólvora nos dias de hoje, só que a sua deve ser melhor por ser produto nacional.

De onde então vem a história de Genesis, e mesmo não sendo originalmente Judaica, seria então um fato histórico de outra civilização? Isso não a invalidaria como revelação, se ela ainda tiver o mesmo contexto. Apologistas dizem que Deus se revela aos poucos, “de modo apropriado à cada cultura e época”. Bom, isso só é válido se ele não se contradiz na Revelação e se o contexto de cada uma e o fundo e verdade espiritual contido nelas for o mesmo. Pois averiguemos:

A maioria dos judeus e cristãos tradicionais são realmente surpreendidos pelo fato de que a Torá (o Pentateuco) foi o resultado de conflitos entre os sacerdócios e não uma Revelação Divina como os Judeus alegam. A arqueologia pode apontar para o fato de que é impossível que sejam revelações, dado o fato de que, durante o período que a Bíblia atribui aos reinos monoteístas de Davi e Salomão, o antigo Israel na verdade era fundamentalmente uma sociedade politeísta. Na verdade, estava em um ponto de eclecticismo, o que significa que ele absorvia as crenças em deidades ao redor do Oriente Médio. Como sabemos pela arqueologia, longe de vir de fugitivos nômades do Egito, o antigo Israel levantou-se de uma revolta por cananeus de classes mais baixas. Seu deus principal era El (𐤇𐤋, de onde vem a palavra "Elohim" (אֱלֹהִים)), geralmente representada como um homem, mas também simbolicamente por um bezerro e que não estava particularmente associado a qualquer poder natural.

El era o deus supremo, a cabeça e o pai do resto dos deuses. Simultaneamente, no espírito do eclectismo, muitos dos cananeus na parte meridional de Israel simpatizaram com um deus Shasu chamado Yahu (יָהוּ), de onde o nome "YHWH" (יְהוָה) parece ter vindo. Mais tarde, os deuses de El e YHWH tornaram-se um único deus, a cabeça de todos os outros deuses. Não é por acaso que, na Bíblia hebraica, o nome "YHWH" foi revelado a Moisés enquanto permanecia em Madián, uma vez que essa cidade era o lugar onde o Shasu vivia e Yahu foi adorado (Êxodo 3). Também não é acaso que o norte parecia se concentrar no nome "Elohim", enquanto o sul com o nome "YHWH". Conhecemos de fato que o deus cananeus El tinha uma esposa ou um consorte chamado Asherah, com quem El tinha 70 filhos. Isso foi registrado nos comprimidos de argila de Ugarit.



Moeda com antigo deus Sashu Yahu

Então realmente é uma Revelação quando se fala de um deus que todo mundo já conhecia há milênios? Os pagãos receberam revelações diretas dos deuses por milhares de anos, em oráculos, epifanias, mistérios, e a manifestação direta das deidades testemunhada por filósofos e sacerdotes dos mais diferentes povos. Qual motivo para essas manifestações não serem reconhecidas hoje como revelações, já que infinitas vezes os deuses se fizeram conhecidos aos homens, não em relatos míticos, mas testemunhos rituais que nos foram deixados passo a passo, testemunhos de primeira mão, enquanto que a "revelação" de Moisés é apenas o conto do conto do que diferentes grupos de editores pensavam ter acontecido séculos antes em uma região que já conhecia uma deidade nacional, muito provavelmente se compararmos com as manifestações pagãs apenas um daemon (espírito) tribal, muito antes do suposto evento? Qual o critério aqui para que Genesis seja considerado superior à essas revelações anteriores? Nenhum, a não ser a completa ignorância a respeito delas nos séculos posteriores quando por motivações políticas e ideológicas se resolveu adotar apenas a perspectiva tribal hebraica do mundo. E nem mesmo a original, mas uma perspectiva completamente editada.

Outra inscrição foi encontrada onde Asherah aparece como consorte ou esposa de YHWH. A inscrição em si, datada do século VIII a.C., foi encontrada em Khibet El-Kom, perto de Hebron (no sul do antigo Israel), e diz isso no antigo hebraico:

בִּרְכַּתִּי אֶתְכֶם לַיהוָה שׁוֹמְרוֹן וְלֹאֲשֶׁרְתּוֹ

(Eu fui abençoado por YHWH de Samaria e por sua Asherah.)

Há também mais evidências ocultas sobre a adoração de Asherah junto de YHWH na Bíblia. Por exemplo, encontramos esta passagem em 2 Reis:

A imagem esculpida de Asera que [o rei Manassés] havia feito ele colocou na casa da qual o Senhor havia dito a Davi e ao seu filho Salomão: "Neste templo e em Jerusalém, que escolhi de todas as tribos de Israel, Eu colocarei o meu Nome para sempre" (2 Reis 21: 7).

[Rei Josias] tirou a imagem de Aserá da casa do Senhor, fora de Jerusalém, para o Wadi Kidron, queimou-a no Wadi Kidron, bateu-o no pó e jogou o pó sobre os túmulos do povo comum. Ele quebrou as casas das prostitutas do templo masculino que estavam na casa do Senhor, onde as mulheres teceram para Aserá (2 Reis 23: 7).

O rei Josias teria vivido durante o século VI a.C., o que significa que antes disso, o culto a Asherah foi amplamente aceito, até o ponto em que Manassés incluiu seu culto num templo dedicado a YHWH.

Onde está a evidência de que o YHWH bíblico ou Elohim era o chefe de outros deuses, assim como o El Canaanita? Você não precisa procurar mais do que na própria Bíblia hebraica. Permita-me citar estas passagens:

... aqueles que se inclinam sobre os telhados para o exército dos céus; aqueles que se curvam e juram a YHWH, mas também juram por Milcom (uma divindade aamonita); aqueles que voltaram do Senhor, que não procuraram o Senhor nem o perguntaram (Zef 1: 5).

YHWH tomou seu lugar no conselho divino; no meio dos deuses ele julga: "Por quanto tempo você julgará injustamente e mostrará parcialidade aos ímpios? Dê justiça aos fracos e aos órfãos; mantenha o direito do humilde e dos indigentes. Resgatar os fracos e os necessitados; entregue-os da mão dos ímpios. "Eles não têm conhecimento nem compreensão, andam na escuridão; Todos os fundamentos da terra são abalados. Eu digo: "Vocês são deuses, filhos do Altíssimo, todos vocês; no entanto, você morrerá como mortais e cairá como qualquer príncipe. "Levante-se, ó Elohim, julgue a terra; pois todas as nações pertencem a você! (Salmo 82).

Em outras palavras, Elohim ou YHWH é a divindade suprema, pai do resto dos deuses. Esses deuses são deuses nacionais que governam outras nações.

Muitas pessoas perguntam sobre o verdadeiro significado por trás do primeiro mandamento. Observe que não diz: "Você não deve acreditar em nenhum deus, apenas eu". Em vez disso, diz:

Eu sou o Senhor seu Deus ... você não terá outros deuses diante de mim. (Êx. 20: 1,3).

Então, esse mandamento diz que os israelitas reconhecem a existência de muitos outros deuses, mas só podem adorar um? A resposta é "sim".

Então, como é que o judaísmo agora está associado ao monoteísmo? Isso ocorre porque as religiões mudam e se adaptam ao longo do tempo como uma reação a toda uma variedade de eventos sociais. YHWH era inquestionavelmente o deus nacional judeu, e era adorado como tal. Se compararmos com os deuses egípcios e gregos, YHWH é mais próximo de um daemon nacional, um espírito ligado a determinado local do que uma deidade suprema hipercósmica. O povo judeu ainda não tinha teologicamente compreendido conceitos desta magnitude. A adoração de outros deuses além do deus local tribal podia significar deslealdade não só para o deus, mas para o próprio Israel antigo. Esta é a razão pela qual, em tantas partes da Bíblia, os profetas de YHWH denunciavam a infidelidade de muitos israelitas que adoraram outros deuses e interpretaram muitas desgraças como o castigo de YHWH pela idolatria de Israel. É um culto extremamente nacionalista, e foi por influência Persa e Egípcia e Hellenica, que já conheciam conceitos de deuses universais, que ao longo dos séculos as pessoas foram transformando YHWH em um deus universal.

Isso é muito longe de ser uma revelação direta de Deus, e muito mais próximo de uma adaptação por necessidade.

Por esta razão, o sacerdócio Aarão e Siló, mesmo quando eram rivais, tentaram o seu melhor para concentrar o culto em YHWH/El como forma de garantir a segurança nacional. Observe que o Código Sacerdotal e o Código Deuterônomico apareceram exatamente quando os reis Ezequias e Josias fizeram suas respectivas reformas religiosas exigindo duas coisas: que todos os israelitas concentrassem sua adoração no Deus nacional, YHWH; e a eliminação de toda adoração a outros deuses, incluindo a adoração de Asherah. Assim, do politeísmo, o judaísmo evoluiu para a monolatria, o culto de um deus, mesmo reconhecendo a existência de muitos outros deuses exatamente como Akhenaten fez no Egito com o culto de Aten. Quando os babilônios invadiram Jerusalém, destruíram o Templo e a Arca da Aliança (considerada como a presença sagrada de YHWH) desapareceu, os judeus que foram exilados a Babilônia começaram a adorar um deus onnipresente exatamente como o Ahura Mazda de Zoroastro, e assim como Zoroastro tinha malignizado e anatematizado os outros deuses como demônios, os Judeus gradualmente, deixavam sua crença na existência de outros deuses, e até o segundo ou primeiro século aC, basicamente o judaísmo tornou-se monoteísta. Isso não impediu muitos na população em geral de adorar outros deuses. No Segundo Livro dos Macabeus, há uma referência aos israelitas que adoraram secretamente outros deuses e morreram no campo de batalha (2 Mac. 12: 38-45). No entanto, desde o primeiro século a.C. até hoje, o judaísmo permaneceu monoteísta, reinterpretando suas bases fora de seu contexto original.

Como pudemos ver aqui, a história de Adão e Eva tem um quadro muito complexo. A história surge em sua forma judaica primeiro da Tradição J, mas vemos que quando J estava escrito na época, o politeísmo, pelo menos sob a forma de henoteísmo, foi praticado. Como mostrarei a seguir, não só o YHWH aparece na história, mas também aparece implicitamente como chefe de uma assembléia de deuses. Isso também significa que Asherah pode aparecer de alguma forma na história, já que seu culto parece estar associado de alguma forma à "Árvore da Vida" o que também explicarei.

Como veremos, o ponto de vista monoteísta que veio depois, e também muitas das elaborações de autores cristãos posteriores, obscureceram o significado original da história de Adão e Eva em Gênesis em uma grosseira simplificação.

Para aqueles judeus ou cristãos que duvidam desta informação, lamento informar-lhes que esta é uma visão padrão no meio oficial de estudos da Bíblia. Você encontrará essa informação em todas as entidades de pesquisa ou universidades respeitadas. Isso foi muito bem pesquisado e discutido pelas melhores autoridades no assunto (judeus, cristãos, agnósticos, ateus ou outros), especialmente arqueólogos, paleógrafos, antropólogos, entre muitas outras pessoas no campo da bolsa de estudos da Bíblia. Se você deseja obter mais informações sobre estudiosos confiáveis na área, veja a seção "Referências" no fim do livreto.

Muitos Cristãos e Judeus porém não se abalam com essas informações e por isso ajudam nessas pesquisas. Eles adotam o modelo moderno evolucionário onde Deus se revela através de um processo histórico. Pois bem, isso não funciona. Pois mesmo que a pessoa racionalize que "Deus estava se apresentando conforme o entendimento da época" ele precisa lidar com o fato que na mesma época, Deus se revelou a Egípcios, Persas e Hellenicos, de forma muito mais complexa e não como um deus nacional tribal. A figura de Amon-Ra como deus transcendente e universal é tudo que o YHWH nacional judeu iria se tornar, já milênios antes de YHWH.

Na arte das religiões primitivas, os deuses foram retratados com características definidas que os separavam como divindades. Os deuses hindus foram distinguidos por suas peles de céu azul e vários apêndices. Os deuses egípcios eram de cabeça animal, e agarravam o ankh, que simbolizava a imortalidade. Os artistas medievais distinguiram Cristo e os santos por meio de halos. Quanto às antigas divindades do Oriente Médio, eles eram tipicamente representadas com chifres.

Do tempo de Sumeria até o eclipse do panteão ugarítico, as cabeças das divindades carregavam os chifres de touros ou de carneiros.

Quando os hebreus invadiram Canaã, eles viveram durante séculos ao lado de adoradores nativos do poderoso Deus touro, Baal dos Auroques. E, com o passar do tempo, era inevitável que YHWH viesse a se parecer com o seu principal antagonista na mente do povo. Esta fusão de fé foi descrita com precisão pelo romancista James Michener: "de fato, quando o cidadão médio ... prostrou-se diante de YHWH, ele mal poderia ter explicado que deus ele adorava, pois El havia passado para Baal e ele para El Shaddai e todos em Yahweh ..." (The Source by James A. Michener, Random House, 1965)

Foi explicitamente afirmado no Livro de Números que Deus (Elohim) tinha "os chifres do boi Auroque" (24:8). E seu trono era guardado por touros de cabeça humana chamados querubins. Na verdade, os touros foram constituídos como imagens douradas de YHWH nos dois templos rivais das dez tribos do norte de Israel (1 Jo 12:28-29).

E, embora seja verdade que isso era escandaloso aos olhos dos Judeus do sul, que não criaram imagens de Deus, é incontestável que eles também levaram essa concepção do deus touro em suas mentes.

Nenhum zelote maior para a integridade de YHWH pode ser encontrado no Antigo Testamento do que o profeta Amós. E, no entanto, todas as evidências mostram que Amós tolerou a adoração de seu Deus na forma de um touro de ouro. Este pregador áspero explodiu no templo rival em Betel e criticou todo o mal no reino do norte, mas ele nunca diretamente atacou o culto ao touro. Retratar YHWH como um touro não era mais ofensivo do que retratar Jesus como um cordeiro hoje.

É por esse motivo que Aarão faz uma imagem de um bezerro dourado. Ele não estava fazendo nenhum deus estrangeiro como alguns pensam. A festa era uma festa para YHWH, como Exodus 32:5 deixa claro. Moisés se irritou com isso não porque isso é fato histórico, mas porque o redator do texto era um judeu pós-exílio que tinha aprendido a adorar YHWH como uma deidade transcendente semelhante a Ahura Mazda e não iria mais tolerar imagens - que ainda eram usadas em sua época. Então ele criou um texto onde sua maior autoridade - Moisés - recrimina o uso já ancestral de uma imagem de bezerro para YHWH.

Quando surgiram, os judeus eram beduínos nomades sem terra e com medo de tudo. Eles adoravam o ar, as rochas, o gado, e os espíritos de cavernas e colinas. Eles não possuíam cultura desenvolvida o bastante para uma cosmologia. Mas eles eram cercados com Impérios que possuíam suas cosmologias e eles foram construindo a sua de acordo com seu entendimento. No Egito, o touro Apis é a representação de Ptah e Osiris, e os judeus desenvolveram seu próprio culto em cima da imagem do touro porém muito mais literal do que o culto egípcio.

Quando Moisés se irrita com o bezerro dourado, a maior prova de que isso é um texto retroativo, escrito séculos mais tarde para corrigir um hábito que ainda era contemporâneo, é que na divisão do Reino em 1 Reis 12:29 Jeroboão ergue dois bezerros dourados no reino, um em Bethel e outro em Dan porque ele não queria que seu povo o abandonasse para irem adorar em Jerusalém. Ele não está fazendo nada contrário ao culto de YHWH porque essas imagens eram reconhecidas como de YHWH. A proibição para se fazer imagens não é portanto uma revelação do Deuteronomio do início da história judaica; é uma proibição escrita séculos depois para parecer que foi revelada no início da história.

A "palavra de quatro letras" original, o YHWH não era uma palavra complicada. Na verdade, tornou-se entendido como o nome mais sagrado de Deus, inefável e indescritível por todos, salvo o sumo sacerdote, que só poderia falar o nome uma vez por ano em Yom Kippur. Só poderia ser escrito, e quando foi, foi feito com muito cuidado. A tradição judaica posterior proibiria a destruição de qualquer manuscrito que pudesse suportá-lo, dando origem a genizot, armazéns mantidos em sinagogas onde manuscritos antigos poderiam ser armazenados em perpetuidade. Tudo foi perdido na tradição cristã ortodoxa/católica, substituído pelo onnipresente "Senhor", kyrie, dominus, praticado já iniciado na Bíblia hebraica como Adonai e continuado na Septuaginta. Mas o que exatamente devemos fazer com esse nome estranho, aparentemente impronunciável? O que significa, e de onde veio?

Você certamente deve ter ouvido muitos judeus dizerem que a pronúncia correta se perdeu nos tempos, que é impronunciável e que ninguém sabe. Isso não é verdade.

As línguas semíticas ocidentais contêm um verbo com três consoantes de raiz, tanto HWY como HYY, que significa "ser" ou "tornar-se". A forma mais antiga é * hawaya, uma forma preservada em aramaico como hawa e em hebraico, com algumas mudanças, como haya. O último "H" é uma convenção de ortografia, que é usada para indicar uma consoante de uma terceira raiz "fraca", "Y", que abandonou a pronúncia em uma data inicial.

O Tetragrammaton, YHWH, então, é um verbo, especificamente um verbo singular da 3ª pessoa. As partes da primeira sílaba do Nome foram preservadas em nomes, tais como aqueles que terminam em -yahu (o que representa essencialmente o nome inteiro sem a sílaba final, onde o w está enfiado como uma vogal completa, yahw → yahu) como bem como na forma curta, YAH encontrada com bastante frequência em textos poéticos como os Salmos e na frase aleluia "louvem Yah!" Com esta sílaba, sabemos que o verbo deve estar no caule causador, que na conjugação imperfeita leva a forma yaR1R2iR3, onde Rx representa as consoantes de raiz. Por exemplo, yamliḵ significa "ele faz ser rei" -> "coronados". Se aplicarmos isso ao verbo HWH, obtemos algo como * yahwī (yu). Ao longo do tempo, a última consoante de raiz fraca, "yu" caiu deixando yahwī. No hebraico, no entanto, a última sílaba encurtaria e diminuiria para se tornar e nos dar o familiar YHWH. Esta forma do verbo significaria algo como "ele faz existir / existe".

Sua pronúncia é bastante bem estabelecida, ao contrário do que muitos podem dizer, que a pronúncia é perdida ou irrecuperável. É confirmado por inscrições akkadianas que apresentam uma deidade semelhante (ou a mesma!) Chamada, yawī (a "h" cai em Akkadian), que já citei anteriormente, e nas transliterações gregas do nome, como IAO, e relatórios do nome Samaritano, que eram escrito em letras gregas como Ιαβε ou Ιαβαί vemos a pronúncia.

Uma deidade conhecida como Yahweh era conhecida no mundo semítico ocidental da Idade do Bronze do Médio ao Tardio, quando aparece em nomes de Mari, uma civilização da Idade do Bronze localizada no que é agora o leste da Síria. Na Palestina, parece estar mais intimamente associado à região sul, enquanto o nome El ou Elohim é mais comum no Norte como já vimos.

Essa deidade parece estar comumente associado aos exércitos celestiais, aos começos ou aos anfitriões angélicos, assim o epíteto comum yahweh ~~seba~~’ōṭ, "YHWH dos Exércitos". No entanto, essa designação pode significar mais arcaica: "Aquele que faz com que os anfitriões celestiais sejam". Uma deidade da montanha de onde vinham as tempestades.

Uma vez que a própria Bíblia observa que o Deus de Abraão não era conhecido como YHWH pelos patriarcas, mas somente depois do tempo de Moisés, é que o culto yahwista foi encontrado pelos escravos hebraicos retornados em Madián e trazidos para as terras altas de Canaã, onde eventualmente se fundiu com a adoração existente de El, daí os dois nomes bíblicos comuns para o deus nacional YHWH e El / Elohim.

Embora eu tenha explicado alguns significados possíveis do nome em associação com as origens, os israelitas tiveram sua própria compreensão do nome, que aparece em Êxodo 3:14, onde Moisés pede a Deus qual é o nome dele e a resposta é 'ehyeh 'āšer 'ehyeh. Ao contrário do que você pensa, este não é realmente o próprio Nome, mas uma interpretação do Nome, "Eu sou o que eu sou". Nesta frase, a forma simples do verbo HWH / HYH é usada e não a causal. É dado na conjugação imperfeita, o que significa ação incompleta, por isso pode significar algo como "Eu era o que eu era, eu sou o que eu sou, e eu serei quem eu serei". É tautológico, o que significa que, para os israelitas, ele não é definido por ninguém além de si mesmo. Na tradição judaica helenística posterior, esta frase foi traduzida para o grego como ὁ ὢν, "Aquele que é / existe", e essa é a versão da frase transmitida em toda a tradição cristã, especialmente no Oriente. Mas, é importante entender que são interpretações do nome e não o próprio nome.

Esta extrapolação pré-cristã do Tetragrammaton conduz perfeitamente à teologia pós-exílio que os Judeus aprenderam com os Persas em relação à ontologia de Deus, onde Sua transcendência total foi enfatizada. Ele não é mais definido por categorias de nosso ser ou não-ser, de existência ou inexistência, pois ele mantém em si tudo o que existe e até cria a possibilidade de não ser, μὴ ὢν. Deus não "existe" de acordo com nossas categorias criativas de existência, antes Ele "existe" apenas por referência a Si mesmo, daí a tautologia do Ex. 3:14. Esse conceito é alien aos judeus do período. Ele veio dos Egípcios e Persas e depois foi mais desenvolvido dentro do Neoplatonismo Hellenico. Não foi uma revelação de Deus para Moisés. Foi uma revelação de Deus para os pagãos e depois adaptada pelos judeus na boca de Moisés. Enquanto os Egípcios já entendiam este conceito na forma de Amun e os Persas na forma de Ahura Mazda, os judeus ainda lutaram séculos e séculos dentro do contexto Bíblico para entenderem YHWH de uma forma não tribal e local, transcendente.

Eu não estou fazendo aqui uma disputa de direitos autorais sobre a Revelação Divina. Acontece que isso nos mostra que é muito importante conhecermos essa revelação, caso seja uma revelação, como ela se apresenta ORIGINALMENTE, para termos certeza de seu contexto e significado, e não ficar seguindo uma versão distorcida ou editada por diferentes interesses.

Durante séculos, a Igreja ensinou que Deus havia comunicado sua palavra através de certos profetas judeus. Não havia dúvidas sobre quem eram estes profetas ou o que escreveram, nenhuma dúvida se o texto original já havia sido adulterado e nenhuma possibilidade de erros em traduções autorizadas. Não só o texto era acreditado como sendo internamente consistente e livre de erros, mas também não continha nada que fosse supérfluo.

Os judeus acreditavam que o texto hebraico do Antigo Testamento era a infalível palavra de Deus. Os cristãos ortodoxos consideraram que a tradução grega chamada Septuaginta tinha o mesmo status. Durante séculos, essa foi a única versão usada pelos cristãos. A Igreja Romana mais tarde concedeu o mesmo status a uma tradução latina do quarto século (a Vulgata); e, mais tarde, os protestantes concordaram com suas próprias traduções. Muitos cristãos fundamentalistas ainda acreditam que o Antigo Testamento é a palavra literal e infalível de Deus, mas, nos últimos 200 anos, quase todos os estudiosos cristãos abandonaram tais crenças mas ainda aceitam que a Bíblia é a palavra de Deus, sua Revelação, e guiam suas vidas - e a da sociedade - por elas. O Judaísmo e o Islã fazem o mesmo. Então é muito importante sim saber

qual o conteúdo e sentido original destes conceitos. A nossa compreensão da natureza humana foi formada em cima disso e os impactos históricos são inegáveis.

O que esperamos de Genesis III se fosse, como afirmado, a Palavra de Deus? Podemos razoavelmente esperar que não houvesse dúvida sobre o que constituía o Antigo Testamento. Os livros nele, chamados de cânone, devem ser claramente definidos. Além disso, este cânone deve permanecer inalterado desde os primeiros dias do judaísmo. Podemos esperar algum tipo de confirmação divina. Podemos também esperar que a Bíblia seja original. Nós, por exemplo, não esperamos encontrar histórias que foram plagiadas de culturas vizinhas ou outras religiões e retiradas de seu contexto original, pois então estas que seriam as reais Palavras de Deus. Se as reivindicações feitas para a Bíblia fossem verdadeiras, então, em vista de sua importância, poderíamos esperar que os manuscritos originais fossem cuidadosamente preservados. Na falta disso, podemos esperar que várias cópias, pelo menos, concordem entre si. Nós certamente não esperamos encontrar evidências de adulteração e posterior edição. Podemos também razoavelmente esperar que vários livros tenham sido escritos pelos autores a quem eles são atribuídos, e nos períodos históricos reivindicados por eles. Além disso, se as traduções fossem inspiradas divinamente, como a Septuaginta grega, a Vulgata latina e a Versão Autorizada de Inglês foram alegadas, então podemos esperar os mesmos padrões do que o texto original. Não esperamos encontrar evidências de tradução errada deliberada. Além disso, se a Bíblia e o Corão representassem a palavra infalível de Deus, então seria razoável esperar que fosse internamente consistente e livre de erros factuais.

Essas expectativas são razoáveis. Não são apenas as expectativas dos racionalistas modernos. Os cristãos, Judeus e Muçulmanos fizeram todas essas afirmações e, no passado, moldaram valores e sociedades e dogmas e perseguiram as pessoas por duvidá-las. Ainda hoje todos os conflitos no Oriente Médio são nada mais do que conflitos em cima disso.

Eu poderia - e farei, em futura publicação - um desmembramento de toda a Torá e Bíblia e Corão, mas aqui estamos nos concentrando apenas em Genesis III. Então vejamos se encontramos a seguir a Revelação ou Mitos originais sob os quais Genesis foi formulada.

As Influências de Genesis

A Pérsia e Zoroastrismo



Zoroastrianismo é a religião reformada da antiga Pérsia, supostamente fundada por Zoroastro; uma das mais antigas religiões monoteístas (apesar do dualismo) do mundo que tem a semelhança mais próxima do judaísmo. De acordo com a tradição dos livros Parsee, Zoroastro nasceu em 660 aC. e morreu em 583; mas muitos estudiosos afirmam que ele deve ter florescido em um tempo muito anterior, e alguns duvidam de sua existência.

Todos os pesquisadores, no entanto, concordam que seus ensinamentos estavam geralmente em vigor em todo o Irã antes do tempo do cativo judeu. Seu nome na sua forma antiga na Avesta é "Zarathustra", e em Persa posterior, "Zardusht"; A forma "Zoroastro", que agora é comum, foi adotada do grego e do latim "Zoroastres".

Acredita-se que o país natal do profeta tenha sido a mídia, no oeste do Irã, e há razões para afirmar que seu local de nascimento estava na província de Atropatene, o Azerbaijão moderno; Mas grande parte de seu ministério, ou melhor, a maior parte de sua carreira profética, foi passado no leste do Irã, especialmente na região de Bactria, onde ganhou um poderoso patrono de sua religião. Este defensor da fé era um rei chamado Vishtaspa, ou Gushtasp, um nome idêntico ao de Hystaspes, o pai de Darius, embora as duas personagens não sejam confundidas, como às vezes foi feito.

Com a morte de Dario II em 404 aC, as estruturas administrativas erguidas por Dario, o Grande, foram negligenciadas. Os sátrapas estavam fora de controle. Eles eram monarcas locais. Quando o filho de Darius II, Artaxerxes II (404-358 aC), chegou ao trono, o império estava em tumulto. Bithynia, Caria, Lydia, Lycia, Pisidia, Pamphilia, Cilicia, todos afirmaram sua independência na Ásia Menor e também Chipre, Síria e Fenícia. Os egípcios se rebelaram novamente sob o faraó Amirto e estabeleceram o domínio doméstico como a dinastia do vigésimo oitavo por sessenta anos. Agora, independentes, os egípcios destruíram a colônia militar persa de judeus em Yeb e a colônia militar persa de árabes em Tell el Maskhuta, símbolos deles de ocupação persa. Os papiros aramaicos revelam que Yeb como colônia era pro-persa, sendo o documento uma cópia da inscrição no monumento de Darius em Behistun.

Entre os papiros estavam cartas a Bagohi (governador de Yehud) e a Delaiah e Selamiah, filhos de Sanbalat, governador de Samaria (mencionado em Ezra-Nehemiah) que atesta a existência contínua de um templo judeu pouco ortodoxo até o final do quinto século, politeísta. O templo serviu a guarnição de soldados judeus permanentemente estacionados lá. Neste ponto, Ezra substituirá Neemias na verdadeira ordem dos acontecimentos. O que parece ter sido outra colônia no delta oriental dos árabes Qedarite (Tell el Maskhuta) revelou uma tigela de prata inscrita em "Qainu bar Gashmu, rei de Qedar". Este Qainu parece ser filho de "Geshem the

Arabian", que estava entre aqueles que se opuseram aos planos de Jerusalém nas escrituras judaicas.

O faraó Neferidades I (399-393 aC) é o último rei mencionado nas cartas elefantinas, dando uma idéia próxima de quando a colônia judaica estava dispersa. Para julgar a partir de uma pedra inscrita na Palestina, ele mesmo retomou a planície costeira da Filostia, aproveitando a guerra civil entre os filhos de Dario. O próximo faraó, Acoris, foi mais longe e, aliado dos cipriotas, assumiu o controle da Fenícia. O império persa começou a desmoronar logo que o estado do templo judeu foi criado, mas os persas ainda não tinham sido derrotados.

Abrocammus, um novo sátrapa de Abarnahara, com outros dois, Pharnabazus e Tithraustes, expulsou os egípcios de Abarnahara e restaurou a satrapia para a Pérsia em 380 aC. No entanto, o império balança, e a instabilidade se refletiu na fortuna da Palestina, que novamente sucumbiu às incursões egípcias. Enquanto isso, os sátrapas também se revoltaram. O faraó, Nectanebo II (359-341 aC) foi um espinho ao lado dos persas, lutando contra a invasão de Artaxerxes III Ochus em 351 aC, e fomentando a rebelião na Fenícia do rei Tennes. Artaxerxes III Ochus (358-338 aC), no entanto, foi implacável o suficiente para subjugar o Egito novamente, e ele restaurou o orden no império. Artaxerxes reconquistou Phnalia em 345 aC e enviou o exército sob o domínio de Bagoas, o sátrapa de Abarnahara, no Egito, que conquistou em 343 aC. Mazeus (Mazdi) foi feito sátrapa de Abarnahara, e segurou-o até que Alexandre derrotou os persas. De acordo com Josefo (Contra Apion), os judeus se rebelaram neste tempo, presumivelmente com os fenódios, e muitos foram punidos por expulsão de Hyrcania pelo Mar Cáspio, que era ou se tornou um centro do judaísmo.

Isócrates apelou aos gregos para parar a disputa e unir-se contra os persas. Foi Filipe da Macedônia quem escutou esse chamado. Os macedônios não eram étnicamente gregos, mas adotaram a cultura grega e não foram exaustos por séculos de conflitos internos como eram os gregos. O Império parecia forte sob Artaxerxes III e os atenienses buscaram uma paz separada, porém Filipe quis brigar. A segurança exigia que os atenienses fossem assegurados pela conquista e assim ele e seu filho, Alexandre, conquistaram Atenas em 338 aC. Os persas debaixo de Artaxerxes, o rei da Anabase, trouxeram os gregos aos joelhos com o tratado de paz de 387 aC, chamado de "Paz do Rei", ditando-os em Sardes, a capital satrapista no Ocidente.

"Artaxexes, o Grande Rei entende que as cidades da Ásia Menor e Chipre e algumas outras ilhas pertencem a ele, que outras cidades gregas ... sejam autônomas ... Quem não aceitar esta paz, eu vou fazer guerra contra ela ... com navios e com dinheiro."

As cidades gregas aceitaram! Alexandre de Macedônia, que foi criado como grego, mas não era um, vingou-se da etnia grega 55 anos depois, destruindo o Império Aquemenien, evitando a humilhação da Europa e ganhando o título, "O Grande", por seus serviços à honra Hellenica!

O Egito também recebeu Alexandre de braços abertos. Os Persas quando conquistaram o Egito, realizaram algumas mudanças e influencias, mas eles na realidade absorveram muito do Egito também, em novas interpretações de seus próprios mitos usando os mitos egípcios como base, pois o Egito sempre foi considerado o mais antigo dos Impérios e portanto possuía autoridade como "os primeiros a conhecerem os deuses". Lembre-se disso, isso será importante mais à frente.

De acordo com Berossos, sacerdote e historiador do século III aC, da Babilônia, os persas começaram a adorar estátuas desafiando o comando explícito de Zoroastro de que Deus deveria ser representado apenas pelas chamas de um fogo sagrado.

"Depois de um longo período de tempo, eles começaram a adorar estátuas em forma humana, sendo esta prática introduzida por Artaxerxes, filho de Darius ... que foi o

primeiro a criar estátuas de Afrodite Anaitis, em Babilônia, Susa, Ecbatana, Persépolis, Bactria, Damasco e Sardes, sugerindo assim a essas comunidades o dever de adorá-los." Berosus

Artaxerxes era um rei reformador, aprovando quatro mudanças no zoroastrismo, alterando permanentemente sua natureza. À medida que as mudanças sobreviveram, eles eram evidentemente populares entre as pessoas e os Magos, que ainda preferiam práticas oriundas da religião pré-zoroastro, similar a dos Caldeus.

O calendário zoroastriano, ainda usado na Pérsia muçulmana

A heresia de Zurvanita, popular até o fim do Império Sasaniano

o culto ao templo das imagens divinas, popular até o fim do Império Parthiano

o culto ao templo do fogo, continuando até hoje entre os Parsis.

Na sua promoção de imagens divinas, Artaxerxes II já não reservou seus elogios por Ahura Mazda, mas adorou uma Trindade-Ahura Mazda, Anahita (a Virgem, "Implacável" ou "Imaculada") e Mithras. Plutarco pinta Artaxerxes como um homem tímido. Parysatis, sua mãe, a esposa babilônica de Dario, dominou seu filho, e sua preferência à expressão religiosa tradicional da Babilônia geralmente é considerada responsável pelas mudanças de Artaxerxes. As pessoas preferiam a versão politeísta antiga simplesmente porque ela dava resultados. Era bem óbvio que as reformas de Zoroastro em malignizar os outros deuses além de Ahura Mazda era um movimento semelhante ao de Akhenaten em relação ao deus Aten no Egito: Um deus, um só interprete, um só rei. Isso acabava com qualquer disputa à palavra do rei. Pois antigamente, tanto na Babilônia quanto no Egito, a palavra do Rei PODERIA ser contestada na consulta de oráculos. Mas se o Rei é o único interprete e existe apenas um oráculo de um só deus? Sem contestação. Em Persepolis, Artaxerxes II provou que não considerava isso muito justo e inscreveu:

"Eu construí este palácio pelas vontades de Ahura Mazda, Anahita e Mithra. Ahura Mazda, Mithra e Anahita me protejam da mentira."

Artaxerxes II colocou uma Trindade de deuses no comando. Ele promulgou o culto da deusa, Anahita, e o império foi unido de Sardis a Bactria sob o culto de um Grande Pai e de uma Deusa Mãe, que, juntamente com Mithras, formaram a trindade de pai, mãe e filho. Os traços persistiram na Ásia Menor até o tempo de Paulo e ajudaram o cristianismo a enraizar-se tão rapidamente. As fontes romanas dão a fonte do Mithraísmo ocidental como Cilícia no sul da Ásia Menor, onde o "Paulismo" tradicionalmente nasceu e se criou.

Anahita era a deusa das águas, e a água era um elemento para não ser contaminado pelos persas. Anahita teria mantido sua virgindade tomando banho em água pura, sendo a mensagem do mito que os mortais não deveriam contaminar uma deusa. Em um mito grego, mencionado por Pausanias, Juno renovou sua virgindade tomando banho em uma fonte mágica. Anahita foi paradoxalmente identificada com uma deusa babilônica e tornou-se Anaitis, uma deusa que precisava do poder restaurador da água pura, mas era imensamente popular. Aelian menciona uma deusa que restaurou sua virgindade depois de cada coito tomando banho em uma fonte situada entre o Tigris

superior e o Eufrates, onde os zoroastrianos consideravam alguns de seus lugares sagrados. Ela deve ter sido Anahita.

Os escritores clássicos Heráclito de Éfeso (c 500 aC), Heródoto (c 490-445 aC), Cícero (54-44 aC) e Estrabão (63 aC-19 dC) concordaram que os primeiros reis persas eram anicônicos em sua adoração, e não tinha templos construídos. Heráclito admirava essa posição, ridiculizando os homens que rezavam para as estátuas. Herodoto os admirava pelos mesmos motivos. E Xerxes achava os Athenienses sacrílegos por 'aprisionarem dentro de paredes os deuses que habitam todo o universo'.

O que estamos vendo aqui é que os Persas não compreendiam muito bem qual a função teológica do Templo. Porém alguns como Artaxerxes II viam profunda importância. De onde veio essa influência de ver importância nos Templos, de se criar um local sagrado para a manifestação da presença divina? Egito.

O Templo Egípcio é uma reencenação de cada estágio da Criação. Esse espaço espiritual é necessário para a remanifestação contínua destas primeiras forças, recriando as condições iniciais da criação. Assim o Templo é um espaço separado onde o deus pode "residir" entre nós e transmitir sua luz, assim como a luz física precisa de um espaço físico. Assim diferentes forças de diferentes níveis da Criação podem rejuvenescer a criação constantemente. Essa tradição dos Templos passou para os Babilônicos, porém sem essa completa compreensão. Quando chegou até os Judeus, o primeiro lugar que vemos a idéia de Deus criando "espaço espiritual" é na criação. De acordo com a tradição mística judaica, o propósito da criação era proporcionar a Deus uma "habitação nos reinos inferiores". Eden era um lugar onde o homem caminhava com Deus, no espírito (ruach) do jardim. Este "espaço" foi corrompido pelo pecado de Adão e Eva, e eles foram banidos disso.

O processo de redenção de Deus nos leva ao Monte Sinai, onde mais uma vez, o pecado entra no caminho do plano. Para que Deus possa residir entre o seu povo, ele precisa criar um espaço espiritual que não seja contaminado pelo pecado - primeiro, o Tabernáculo e, mais tarde, o Templo.

Então já vemos aqui uma influência Egípcia que passa pelos Persas e chega aos Judeus, mas não acaba nisso. Mas não vamos por a carroça na frente dos bois, e continuar vendo a influência Persa. Chegaremos lá.

Para contrariar as imagens e templos que estavam sendo introduzidos, os zoroastrianos ortodoxos introduziram os templos de fogo. Os Magos obviamente perceberam que o aniconismo era impopular, ou as pessoas não podiam adorar satisfatoriamente sem algum foco. O fogo era um elemento divino que poderia fornecer o foco sem ser realmente uma imagem. Ele veio de Asha Vahishta - efetivamente piedade ou justiça - e o velho deus do fogo iraniano, Atar, e há muito foi venerado como sagrado pelos iranianos, mesmo sendo aceitável para o profeta. As qualidades zoroastristas parecem fluidas, fluindo constantemente de uma para outra, e aqui é um elemento espiritual, que flui de uma qualidade abstrata e um elemento físico através de um deus antigo, que parece uma forma de verdade ou arta renascido! O fogo torna-se assim a força de arta, ordem, verdade, honestidade, justiça, literalmente, o padrão moral cósmico que regula a boa criação. Nenhum mago provavelmente se afastaria agora do Zoroastrianismo, já que o cultivo das chamas permanentes lhes deu trabalho adicional, e toda a característica distintiva do fogo de um templo de fogo é que ele é eterno!

Em relação à heresia Zurvanita - o tema de um Deus do Tempo - Os zoroastrianos modernos, pensam que Zurvan foi, em primeiro lugar, o Deus do Tempo na tradição nacional em torno dos séculos VI e VI aC, e foi trazido para o reino persa em torno do reinado de Artaxerxes II em 400 aC. Eles equiparam Zurvan com Chronos, quem muitos pensam que era El, e Iao (Yehouah), um deus do ano, que se tornou um deus gnóstico. De modo que a influência foi das tribos arianas aos cananeus semíticos.

Um deus do ano é bastante logicamente pai de dois filhos sazonais (e sóis), o sol do verão e o sol do inverno, um bem e um mal, dependendo da localização. Este dualismo é característico da religião persa, mas alguns pensam que foi introduzido pelo Zurvanismo do tempo de Artaxerxes. É uma boa explicação da origem do dualismo, e o dualismo zoroastriano se estende de volta aos Gathas.

Os dois princípios não eram iguais, arta e druj, e ali estava o problema. O que parecia diferir era a ênfase. Ahura Mazda com arta prevaleceria, mas precisava do compromisso de todos para evitar a escuridão, então Zoroastro enfatizava a necessidade de as pessoas fazerem boas ações, enquanto a abordagem Zurvanita colocava a ênfase no destino. Se Ahura Mazda prevalecesse, então era o destino e o esforço humano era acessório. Cada humano também deve ter sido destinado a ser bom ou mentiroso. Já não parecia oferecer opções morais adequadas. Sem dúvida, não era tão simples. Os essênios usaram da perspectiva humana, e essa poderia ter sido a abordagem Zurvanita. Essênios acreditavam que as pessoas estavam destinadas a fazer tudo certo, mas mesmo o destino poderia ser derrubado nas bordas pela vontade humana. Um diabo não poderia ser transformado em santo, mas ao render-se um pouco ajudava na causa do Bem. Essas diferenças marginais fizeram toda a diferença no final. E vemos claramente como são abordagens simplistas e humanas, de preocupações humanas, completamente diferentes da complexidade Egípcia e Hellenica destes mesmos temas, o que mostra uma degeneração do conceito por parte dos Persas e Essênios em algo que pudessem compreender. Os Egípcios compreendiam isto sem absolutos de bem e mal, e isso foi explicado racionalmente na teologia neoplatonista tardia.

Na Babilônia, muito antes de Hammurabi, o início do ano civil foi transferido de Tisritu para Nisan, de outono a primavera. O primeiro mês do ano babilônico, Nisan, poderia começar entre 24 de março e 23 de abril, de acordo com van der Spek e Mandermakers. Então, o ano babilônico começou no equinócio vernal quando o ano iraniano teve seu Ano Novo no equinócio outonal. Mas um calendário do tipo babilônico foi adotado adiantado pela seção do sudoeste do povo iraniano, que foram influenciados pelas civilizações de Elam e Assíria. Em algum momento, os reis adotaram plenamente o calendário babilônico, com seu ano luni-solar e os nomes dos meses da Babilônia, exceto talvez no início do ano. Uma compilação de Thompson, chamada Relatórios dos Magos e Astrologistas de Nínive e Babilônia, tem uma passagem onde duas datas diferentes, Nisan e Tishri, primavera e outono, são mencionadas como o início do ano. Quando os persas governavam na Babilônia, havia confusão entre os dois sistemas, sendo o compromisso a aceitação pelos persas de um ano religioso e civil, como nos calendários babilônicos e judaicos.

Artaxerxes II supervisionou a introdução de um novo calendário, sugerindo que ele estava conscientemente envolvido na inovação religiosa. O calendário antigo já teve

alguns dias intercalares, mas os nomes persas originais para os meses foram mudados para os babilônios. O calendário babilônico foi introduzido no Egito por Darius, e casou bem com o calendário Egípcio de um ano com 12 meses e 5 dias sagrados. A reforma do calendário era adotar um ano solar regular de doze meses trinta dias, com cinco dias intercalados, mas mudar os nomes dos dias e meses para os Zoroastrianos e, possivelmente, consertar alguns dos dias das festas. O calendário dos essênios reflete isso.

Assim, os persas tomaram o cerimonial de seu festival de renovação anual dos babilônios, embora a antiga religião iraniana tenha celebrado o nascimento de Mithras (Mitra, Mihr, Mica). Os babilônios acreditavam na ordem que surgiu do caos com a derrota do monstro do caos, Tiamat, de Marduk. Marduk foi identificado com Mithras. O transtorno e o caos governaram no início do festival e, ao longo dos doze dias, representando os doze meses do ano, considerados também para períodos de doze períodos de tempo (milênios), a ordem foi restaurada através de fogueiras, luzes e uma sucessão de rituais, procissões e dramas religiosos. Em um momento o caos é imitado por uma inversão das posições normais das pessoas na sociedade. Os mestres se tornaram servos e servos mestres. Mithraístas levaram esta celebração a Roma depois das guerras com a Macedônia, onde se mesclou com e modificou a Saturnalia, o festival de um antigo deus da fertilidade rural. Aqui começou a tradição de longa vida do Senhor do Caos com a coroação de um rei dos tolos. E o nosso Carnaval de hoje.

A história estranha no livro de Esther, foi escrita em sua forma atual em torno de 100 aC, como foi a maior parte do Velho Testamento. O monarca persa, Assuero (Xerxes), abandona a rainha, Vashti, e se casa com Ester, uma mulher judaica. Isso é muito importante. Nem Zoroastrismo nem Judaísmo permitiam casamentos mistos. O rei deve ter considerado uma mulher judaica como um zoroastriano para que o casamento seja legal! A implicação aqui, portanto, é que o judaísmo e Mazdayasnaísmo foram considerados a mesma religião pelo príncipe persa e pelo autor judeu. A proximidade da relação entre Israel e a Pérsia é indicada pelas palavras semíticas nas últimas partes pahlavicas da Avesta. Nenhuma dessas intrusões é encontrada nos Yashts e na Vendidad e, obviamente, não na Gathas.

O primo de Esther e o pai adotivo, Mordecai (Marduk), advertem o monarca persa que as pessoas estão planejando contra ele. Um grande vizir persa, Haman, que se opõe a Mordecai, convence o monarca a decretar a morte contra Mordecai e outros judeus em seu império, selecionados por sorteio, em determinado dia. Esther, intervém, e o Grande Persa é em vez enforcado e Mordecai é nomeado Grande Vizir. Em vez de serem mortos, os judeus matam setenta e cinco mil inimigos.

A lenda justifica uma festa judaica, a Festa dos lotes, realizada no Ano novo persa, comemorando a fuga dos judeus e o massacre de seus inimigos. Yehouah não tem papel na história, e os personagens são historicamente fictícios, exceto pelo rei. Esther é a deusa Ishtar (Anahita). Mordecai significa Marduk (Merodach), que vimos é Ahuramazda e, portanto, também Yehouah. Haman é estranhamente o rei novamente sob outra aparência (por ser o rei do ano velho) porque o nome de família real Achaemenides em grego é Hakhamanish em Persa. A história é baseada em um conto persa sobre a astúcia das rainhas do Harem.

Esta é apenas uma das muitas influências diretas dos Persas sobre os Judeus. E estas influências Persas podem ser traçadas ao Egito, apesar que ganharam um teor muito mais político na Pérsia. Os iranianos sempre usaram o disco alado que se originou no Egito como símbolo de Horus no terceiro milênio aC, e desde o tempo de Artaxerxes, as estátuas de Anahita tornaram-se populares. Os muitos nomes de sol como Surya, Asura, Ahura, Aura, Huar, Hvar, Khor, Hor, Ra e nomes do ouro (Aureus, Or), derivadas de sua brilhante cor parecida com o sol, traem uma origem comum egípcia. Note que muitas dessas palavras vieram a significar um "senhor", e a palavra "herói", e nomes como Hércules terão a mesma origem, para não mencionar palavras como "har" que significam "alta" ou uma "colina".

O disco solar se espalhou pelo Oriente próximo no segundo milênio quando o Egito era o mais imperial. O faraó era o deus do sol encarnado, passou a representar a realeza e daí o poder, mas ele não era tão absoluto quanto se pensa, e sua função era mais sacerdotal do que se imagina como ele dividia em si o Ka Real, o espírito divino, e o humano. Na Assíria, uma figura aparece no disco carregando um arco ou um anel em uma mão enquanto saudava com o outro. Os persas tomaram o motivo dos assírios. Mas na Pérsia o Rei se mesclou muito mais profundamente com a figura divina em pequenos detalhes que fazem toda a diferença e influenciaram profundamente a Teologia, dando assim maior ênfase ao conceito de tribalismo presente nos judeus.

O efeito mais importante que os persas tiveram no mundo é de sua política de criar novos cultos locais no modelo dado por Zoroastro, mas com base em um antigo culto existente. Aí começam as distorções e adaptações. Eles criaram o culto de Yehouah no templo em Jerusalém, baseado no deus universal, Ahuramazda, e ele se tornou YHWH. Seu objetivo era apresentar o imperador, conhecido como o "rei dos reis", como o representante aprovado do Deus Universal na terra. O Deus Universal era, portanto, o "rei do rei dos reis". YHWH tem esse mesmo título (o Alenu), um título que dificilmente podemos esperar que os reis persas liberais tolerem, a menos que estejam felizes que YHWH fosse Ahuramazda! As escrituras judaicas são evidências do sucesso desta política persa. Cyrus é incessantemente elogiado.

No Egito por exemplo, Amun poderia escolher o Rei do Egito e o Zeus Grego escolher o rei da Grécia, e ser visto como a mesma divindade - Zeus-Ammun. Mas a partir dos Persas, apenas UM REI é escolhido por Ahura Mazda, e esse rei é tão universal quanto seu deus. Essa é a reforma Zoroastriana. Todos os outros reis da Terra são apenas vassalos. Quando os Persas caíram, com a conquista de Alexandre, os Judeus ainda assim continuaram com essa teologia supremacista mas ao invés de um rei, agora era um povo escolhido.

Como súditos dos reis persas, os judeus eram eminentes por sua lealdade e boa fé. Enquanto o Egito, Chipre, a Fenícia e outras dependências da coroa persa estavam freqüentemente em rebelião, os judeus permaneceram firmes em sua fidelidade ao "Grande Rei", e aumentaram rapidamente em riqueza e números.

Essa fidelidade aos persas levou até Jaddua, o sumo sacerdote, a desafiar Alexandre por um tempo. Quando Alexandre se aproximou, tendo saqueado e arrasado por Tiro, o sacerdote teve a sorte de ter um sonho dizendo para ele cumprimentar Alexandre! Ele guirlandou a cidade e saiu em sua aparência sacerdotal para receber o conquistador. Alexander era tão perspicaz quanto Ciro, porém, e prostrou-se diante do

sacerdote em adoração ao santo nome inscrito na sua tiara (uma tiara persa) e declarou ter visto tudo em uma visão. Alexandre estava destinado a conquista, como o Oráculo de Amun previu. E para ser o "rei universal" ele se ajoelhou a todos os deuses que fossem reis universais, como Amon-Ra, Zeus-Ammun, Ahura Mazda e YHWH, a essa altura já mesclado com Ahura Mazda. Mas os Judeus nunca realmente reconheceram Alexandre da forma que reconheceram os reis Persas, por verem nele um idólatra de deuses estrangeiros. A noção de 'Rei Universal' persa foi transformada pelos judeus em adoração a si mesmos, no conceito de 'povo universal escolhido' na ausência dos reis Persas. A reforma pós-exílio foi toda feita neste sentido.

A partir dessas manobras políticas veio o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, todas as importantes religiões patriarcais. Os persas e os gregos, em vez dos judeus e dos gregos, foram os fundadores do mundo ocidental, e ambos foram influenciados pelo Egito, a primeira religião, mas distorcidos por manobras políticas e ambição, como o culto herético de Akhenaten fez no próprio Egito.

Os persas consideravam que o povo hebreu fosse formado de todas as nações de Abarnahara. O templo foi instalado na região montanhosa palestina, mas deveria ser para toda a satrapia. O plano nunca teve tempo de se apoderar antes de Alexandre conquistar os persas - menos de um século. A religião se apoderou, especialmente no estado do templo que financiou, mas nunca teve tempo de unir as várias pessoas de Abarnahara em um ethnos. O sacerdócio judeu foi encarregado de um bem imensamente valioso, o templo e, portanto, a religião, e os etnos mais amplos dos hebreus foram identificados com os judeus de Yehud. Paradoxalmente, todos aqueles que adoravam Yehouah eram agora judeus (Yehudim) se eles alguma vez estiveram associados a Yehud ou não. Muitos não tinham. Então, já no início da era helenística, os judeus eram generalizados em Abarnahara e até além.

Os persas tinham encorajado todos aqueles cananeus e babilônios que se dedicavam a Ea, Yah e Yehu a aceitar o primado do estado do templo, e haviam fornecido uma história que explicava por que deveriam - a diáspora de Samaria - e por que sua religião precisava de restauração - tinha se corrompido ao ser separado do seu centro de culto. Assim, os adoradores de Yehouah em todos os lugares foram persuadidos de terem sido conduzidos em apostasia e adotaram a linha persa para se juntarem aos "remanescentes" que permaneceram puros. Na Babilônia e mesmo no Irã, muitas pessoas adoraram Ea e assim se tornaram judeus. Mesmo no início, o judaísmo tinha uma diáspora! Em breve, os judeus fenícios levaram a religião para Carthage no norte da África e para as grandes cidades mercantes do Mediterrâneo, como Roma.

O judaísmo era um fenômeno mundial em um tempo incrivelmente curto, mas foram os Ptolomeus egípcios que estimularam a extensão das escrituras das lendas relativamente curtas e simples deixadas pelos persas quando eles ofereceram traduzi-los para o grego para adicioná-los à Biblioteca Alexandrina no século III aC. Muitas coisas foram escritas ou ampliadas recentemente por redatores trabalhando em uma agenda babilônica Ptolemaica, pró-grega, anti-selúcida.

No século II aC, os Macabeus re-nacionalizaram o que tinha sido concebido como uma religião universal pelos persas. Eles alegaram, como de costume, que eram puritanos tentando manter a religião livre da Helenização que deveria ter sido forçada a eles. Desnecessário será dizer que eles não eram, mas continuaram a Hellenização, embora

a nacionalização do culto tenha consternado os judeus mais universais agora espalhados pelo mundo e completamente helenizados por necessidade. A sua consternação tornou-se a base de um judaísmo recentemente universalista. Foi o cristianismo.

A justificativa da reforma religiosa é muitas vezes apresentada como a necessidade de voltar a uma religião mais pura e original. Os persas fingiram que seu próprio conjunto de leis totalmente novo chamado "A Lei", ou agora Deuteronômio, foi encontrado e implementado por Josiah 200 anos antes. Não era verdade, mas foi escrito na história da propaganda que eles estavam se preparando para dar uma identidade à nova colônia. Os colonos persas estavam restaurando as reformas que Josias já havia introduzido, mas os apóstatas que permaneceram na terra, o Am ha Eretz, haviam minado.

Em 397 aC. Ezra, um cortesão do rei persa, foi enviado da Babilônia "para ensinar nos estatutos e ordenanças de Israel" (Esdras 7:10). Ezra nasceu e foi educado como um leitor divino na Babilônia e foi enviado por Artaxerxes para ver se o povo da Judéia "era agradável à lei de Deus". Há indícios explícitos de conversão religiosa generalizada em Ezra 6: 19-21 e Neemias 10: 28-29, mas por que os judeus deveriam se converter ao judaísmo? Neemias, capítulo 8, discute um evento em que Ezra leu do livro de lei que nem falantes hebraicos nem falantes aramaicos poderiam entender - as palavras tinham que ser traduzidas pelos sacerdotes. Que linguagem estranha poderia Ezra ter lido, Avestano talvez? A principal reforma de Ezra foi a proibição das esposas estrangeiras. Embora se casar com esposas estrangeiras sempre foi a prática judia mais favorecida, tais casamentos violam a lei zoroastriana (por exemplo, Denkard, livro 3, ch 80). A natureza alienígena de outras leis aos judeus mostra-se na distinção entre animais limpos e imundos em Levítico e Ezequiel, foi derivado da Vendidad, um livro sagrado zoroastriano, onde tudo isso é explicado. Os rituais de purificação são idênticos no Pentateuco e na antiga Vendidad. Von Gall em Brasileia tou Theou, 1926, fornece um catálogo detalhado de leis judaicas tomadas dos persas. Ezra também apresentou o novo festival de estandes no sétimo mês, que é, naturalmente, o feriado zoroastriano de Ayathrem. Finalmente, em cerca de 400 aC. O Antigo Testamento foi escrito quando Jerusalém ainda estava sob o poder dos persas.

O judaísmo era a religião do Juddin, uma religião sincrética para pessoas cooperativas criadas pelos persas. Yehud foi configurado como o centro dela, e sua presença em outro lugar foi explicada pelo cativo babilônico. Poucos deles queriam voltar para um lugar que nunca conheciam, mas eles aceitaram Yehud como sua origem, o sacerdócio do Templo como seus líderes e os mitos plantados pelos persas como seus. No momento dos Sassanídeos, eles haviam esquecido ou abandonado a política anterior de sincretismo.

A comunidade de Qumran era uma seita apocalíptica e se mantiveram mais fiéis às raízes Persas. Eles estavam esperando o fim do mundo, como Zoroastro. O ideal messiânico judeu de um Libertador veio da Pérsia. A literatura de Enoque é persa de cerca do século IV aC. O apocalíptico parece dever tudo a Pérsia e o sabor da religião persa no judaísmo decorre principalmente dos escritores apocalípticos. A biblioteca de Qumran prova que o apocalíptico era um movimento considerável no judaísmo, não apenas um interesse marginal. Os teólogos cristãos costumavam acreditar que a antecipação do reino de Deus por vir era exclusivamente a mensagem de Jesus. Agora

vemos que tinha centenas de anos, tinha saído da Pérsia com os "devolvedores" de Cyrus e tinha sido perpetuado pelos essênios.

Uma doutrina dualista era quase desconhecida para os judeus. Jacques Duchesne-Guillemin observa, na Enciclopédia Iranica, que a doutrina de dois espíritos foi apenas esporadicamente atestada na literatura judaica. No judaísmo, os espíritos sob o comando de Deus nem sempre eram bons. Deus enviou um espírito maligno entre Abimeleque e os cidadãos de Siquém, e Saul foi perturbado por um espírito maligno após o "espírito de Deus", e presumivelmente, portanto, bom, afastou-se dele.

Os documentos de Qumran falam do bem e do mal, da luz e da escuridão, do caminho das trevas e do caminho da luz, do espírito das trevas e do espírito da luz, dos filhos das trevas e dos filhos da luz, a verdade é a luz, a falsidade é a escuridão de uma forma simplória e dualista. O professor de justiça se opõe a Belial, o Demônio do mal. O Caminho do Bem leva à salvação, o Caminho do Mal leva ao tormento. Dos quatro evangelhos, João reflete essa terminologia com mais precisão mostrando seus elos Essênios. No evangelho apócrifo de Judas (segundo século dC), três espíritos aparecem! - Os espíritos da verdade e do erro que servem os homens e "no meio deles é o espírito da inteligência, capaz de virar onde ele escolher". Em Hermas, o espírito santo e o espírito maligno habitam no homem. Mas, o Manual de Disciplina (Regra Comunitária) dos Pergaminhos do Mar Morto tem uma pequena conta dos dois espíritos. O fato de que Deus criou todas as coisas é seguido por "Deus criou todas as coisas", então:

"Ele criou o homem para ter domínio sobre o mundo e fez para ele dois espíritos, para que ele caminhasse por eles até o horário designado de sua visita. Eles são os espíritos da verdade e do erro. Na morada da luz estão as origens da verdade, e da fonte das trevas são as origens do erro. Na mão do príncipe das luzes é domínio sobre todos os filhos da justiça. Nos caminhos da luz, eles caminham. E na mão do anjo das trevas é todo o domínio sobre os filhos do erro. E nos caminhos da escuridão eles andam. E, pelo anjo das trevas, é a destruição de todos os filhos da justiça, de todos os seus pecados e das suas iniquidades e da sua culpa, e das transgressões das suas obras no seu domínio ... Mas Deus nos mistérios do seu entendimento e na sua gloriosa sabedoria ordenou um período para a regra do erro, e no tempo designado da punição ele irá destruí-lo para sempre. E então deve sair para sempre a verdade do mundo."

Então é claro e óbvio como Gênesis não é uma revelação aos judeus, mas uma edição de contos Persas feito pelos novos Yhwistas. Agora cabe verificarmos se estes contos Persas são originalmente Persas e qual seu contexto religioso original.

Entre essas histórias, a origem zoroastriana, referente a Yima, o primeiro homem, apresenta um paralelo marcante para o Gênesis. Tendo cometido o pecado, ele é afastado de seu paraíso primordial no poder da serpente, o que traz sua morte. Em uma versão posterior sobre o primeiro par, Masha e Mashyana, é apresentado o incidente de comer frutas proibidas por instigação do espírito mentiroso. Para outros paralelos, veja J. Baring-Gould, "Legends of Old Testament Characters"; Tuch, "Gênesis".

Mas antes do Zoroatrismo, temos por toda a Mesopotâmia o Mito de Adapa, que também serviu como fonte para Gênesis e moldou profundamente a teologia Mesopotâmica com a realza até ela culminar em sua consequência óbvia, o Zoroatrismo. Vamos entender o motivo.



Mesopotâmia e o Mito de Adapa



Mito de Adapa (também conhecido como Adapa e o Alimento da Vida) é a história mesopotâmica da Queda do Homem na medida em que explica por que os seres humanos são mortais. O deus da sabedoria, Ea, cria o primeiro homem, Adapa, e lhe dá grande inteligência e sabedoria, mas não imortalidade, e quando a imortalidade é oferecida Adapa pelo grande deus Anu, Ea impede Adapa de aceitar o presente.

Embora não seja expressado diretamente no mito, o raciocínio de Ea nisso parece semelhante ao de YHWH na história de Gênesis da Bíblia onde, depois de Adão e Eva serem amaldiçoados por comer da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, Ele os expulsa antes que eles também possam comer da Árvore da Vida:

"Eis que o homem se tornou como um de nós, para conhecer o bem e o mal; e agora, para que ele não apresente a mão e tome também a árvore da vida, coma e viva para sempre; Portanto, o Senhor Deus o expulsou do jardim do Éden "(Gênesis 3: 22-23)

Se Adão e Eva fossem imortais, ficariam a par com o Senhor e haveria uma perda de status para o deus; e este é o mesmo raciocínio de Ea no mito de Adapa. No mito de Gênesis, o homem toma conhecimento para si mesmo comendo da árvore; No mito da Mesopotâmia, o deus Ea concede ao homem o conhecimento no processo de criação. Sabendo que Adapa já é sábio, Ea precisa manter o homem em seu lugar.

Adapa foi o rei da cidade de Eridu e, o mito nos diz, foi pescar um dia no Golfo Pérsico quando o vento sul subitamente virou seu barco e o jogou no mar. Furioso contra isso, Adapa quebrou a asa do vento sul e durante sete dias o vento não soprava. O Deus do céu, Anu, está irritado com isso e chama Adapa para se explicar. Adapa recebe conselho de Ea sobre como deve se comportar no tribunal dos deuses. Como Ea é o pai-deus e criador de Adapa, Adapa confia para ele dizer a verdade. Mas Ea teme que Anu seja capaz de oferecer à Adapa o alimento e a bebida da vida eterna e a Ea tem a intenção de garantir que a Adapa não aceite a oferta.

Primeiro Ea diz-lhe que ele deve lisonjear os guardiões dos portões, Tammuz e Gishida (duas deidades da morte e renascimento), sabendo que ele se lembra deles, que ele sabe quem são. Se Adapa fizer isso, então os guardiões o deixarão passar sem dificuldade e falarão favoravelmente dele para Anu. Uma vez que Adapa está na presença de Anu, Ea ainda diz, ele deve recusar qualquer comida ou bebida oferecida porque será o alimento da morte e a bebida da morte que será oferecida como punição por Adapa quebrar a asa do vento sul. No entanto, diz Ea, Adapa pode aceitar óleo para ungir-se e aceitar qualquer roupa que seja oferecida.

Isso aí ele mente na cara dura para Adapa.

Adapa faz exatamente como Ea sugere, honrando respeitosamente Tammuz e Gishida e recusando os alimentos e bebidas oferecidos por Anu (embora sendo ungido e aceitando uma túnica). Anu, intrigado com o fato de o homem recusar a comida e a bebida da vida e o dom da imortalidade, envia Adapa de volta à terra, onde ele deve viver sua vida como mortal. O conto parece concluir com Anu puniu Ea por enganar Adapa, mas como o terceiro bloco é fragmentário, é difícil dizer com certeza.

Uma interpretação alternativa do mito afirma que Ea está sinceramente agindo no melhor interesse da Adapa quando o adverte contra aceitar comida ou bebida de Anu porque Ea acredita sinceramente que Anu punirá Adapa com a morte por quebrar a asa do vento sul. Esta interpretação afirma que a punição de Ea no final do poema não é por enganar Adapa, mas por alertá-lo contra os planos de Anu. Em nenhum lugar do poema, no entanto, afirma que Anu planejava matar a Adapa, só que estava chateado com o vento sul que não estava soprando (a vida na Terra não estava funcionando como deveria) e queria que Adapa se explicasse.

O poema faz mais sentido quando entendido como Ea enganando Adapa para manter a imortalidade dos seres humanos e Anu castigando Ea por esse engano. Anu, ao ouvir a explicação de Adapa para sua ação, pergunta: "Por que Ea revelou a humanidade impura / O coração do céu e da terra?" Esta resposta parece indicar que Anu respeita a resposta de Adapa e fica impressionado com isso, mas se pergunta por que Ea fez com que Adapa fosse tão inteligente, mas negou-lhe a vida eterna. É diretamente depois que Anu faz esta pergunta e "O que podemos fazer com ele?" que ele ordena que a comida e a água da vida eterna sejam trazidas para a Adapa. Anu deseja corrigir o erro de Ea e concede a vida eterna de Adapa e parece genuinamente intrigado quando Adapa recusa sua hospitalidade. Anu está tentando antecipar a questão fundamental que os seres humanos têm perguntado ao longo dos tempos "Por que eu deveria nascer para morrer e, sabendo que vou morrer? qual o sentido da vida? ".

O mito vem do período Kassite da Babilônia do século 14 aC (quando a tribo Kassite governou na Babilônia). O escritor do século III aC, Berossus, chamou Adapa "Oannes" e descreveu-o como um peixe-homem que morava no Golfo Pérsico e ensinou sabedoria e civilização aos seres humanos. Berossus seguia a tradição de Adapa como um dos Abgal (ou Apkallu) os sete demi-deuses sábios que deram civilização aos seres humanos nos dias antigos antes do Grande Dilúvio. No Mito de Adapa, no entanto, o personagem central é representado como um rei sábio que é enganado por um deus, não como um demi-deus mesmo.



A seguinte tradução do mito é por Robert W. Rogers de sua obra de 1912, Paralelos Cuneiformes ao Antigo Testamento:

A PRIMEIRA TABULETA:

Ele [Adapa] possuía inteligência. . .
Seu comando é como o comando de Anu ...
Ele [o deus Ea] lhe concedeu uma ampla orelha para revelar o destino da terra,
Ele concedeu-lhe sabedoria, mas não lhe concedeu a vida eterna.
Naqueles dias, naqueles anos, o sábio de Eridu,
Ea o criou como chefe entre os homens,
Um homem sábio cujo comando nenhum se oporia,
O prudente, o mais sábio entre os Anunnaki era ele,
Sem culpa, de mãos limpas, ungidas, observadoras dos estatutos divinos,
Com os padeiros ele fez pão
Com os padeiros de Eridu, ele fez pão,
A comida e a água para Eridu ele fazia diariamente,

Com suas mãos limpas, ele preparou a mesa,
E sem ele a mesa não foi limpa.

O navio que dirigiu, pescando e caçando para Eridu, ele fez.

Então Adapa de Eridu

Enquanto Ea, ... na câmara, sobre a cama.

Diariamente, o fechamento de Eridu ele atendeu.

Sobre a barragem pura, a barragem da lua nova) ele embarcou no navio,

O vento soprou e seu navio partiu, Com o remo, seja conduzido seu navio no mar largo. . .

A SEGUNDA TABULETA:

O vento sul ... quando
Ele me levou para a casa de meu senhor, eu disse:
O vento sul, no caminho eu vou para você ... tudo o que,
Tua asa, vou quebrar. "Enquanto falava com a boca,
A asa do vento sul estava quebrada, sete dias
O vento do Sul não soprava sobre a terra. Anu
Chamado a seu mensageiro Ilabrat:
Por que o vento do Sul não foi soprado na terra por sete dias?
Seu mensageiro Ilabrat respondeu-lhe: "Meu senhor,
Adapa, filho de Ea, a asa do vento sul
Quebrou."
Quando Anu ouviu essas palavras
Ele gritou: "Ajuda!" Ele subiu ao seu trono,
"Que alguém o traga"
Igualmente, Ea, quem conhece o céu. Ele o despertou
... ele o fez vestir. Com uma roupa de luto
Ele o vestiu e lhe deu conselho
Dizendo: "Adapa, antes do rosto de Anu, o rei, você quer ir
... ao céu
Quando você virar, e quando você chegar à porta de Anu,
À porta de Anu, Tammuz e Gishzida estão de pé,
eles te verão, eles te perguntarão; 'Senhor,'
Por que motivo você parece, Adapa? Para quem
Você está vestido com um vestido de luto? "No nosso país, dois deuses desapareceram,
portanto,
Eu também? "Quem são os dois deuses, que na terra
Já desapareceu? 'Tammuz e Gishzida'. Eles se olharão um para o outro e
Espanta-te. Boas palavras
Eles falarão com Anu. Um bom semblante de Anu
Eles vão te mostrar. Quando você se posiciona antes de Anu
Alimento da morte que eles colocam diante de ti,
Não coma. Água da morte que eles estabelecerão diante de ti,
Não beba. Vestuário que eles vão definir antes de você,
Coloque-os. Óleo que eles definirão diante de você, unguem-se.
O conselho que eu te dei, não esqueça. As palavras
O que eu falei, mantenha firme. "O mensageiro
De Anu veio: "Adapa quebrou

A asa do vento sul. Traga-o antes de mim. "

O caminho para o céu ele o fez tomar, e ao céu ele subiu.

Quando ele chegou ao Céu, quando ele se aproximou da porta de Anu,

À porta de Anu, Tammuz e Gishida estão de pé.

Quando o viram, Adapa, eles choraram: "Ajuda,

Senhor, por quem você parece? Adapa,

Para quem você está vestido com um vestido de luto? "

"No país, dois deuses desapareceram, por isso estou vestido

Em roupas de luto. "" Quem são os dois deuses, quem

desapareceram da terra?

"Tammuz e Gishzida". Eles se olharam e

Ficaram atônitos. Quando Adapa antes de Anu, o Rei,

Aproximou-se, e Anu o viu, ele gritou:

"Venha aqui, Adapa. Por que você quebrou as asas

Do vento sul? "Adapa respondeu Anu:" Meu senhor,

Para a casa de meu senhor no meio do mar,

Estava pegando peixe. O mar era como um espelho,

O vento do Sul soprou e me virou.

Para a casa do meu senhor, eu dirigi. Na ira do meu coração,

Fiquei atento. "Tammuz e Gishzida

Respondido ... "você é". Para Anu

Eles falam. Ele se acalmou, seu coração estava. . .

"Por que Ea revelou à humanidade impura

O coração do céu e da terra? Um coração

... criou dentro dele, fez dele um nome?

O que podemos fazer com ele? Comida da vida

Traga-o, para que ele coma. "Comida da vida

Eles o trouxeram, mas ele não comeu. Água da vida

Eles o trouxeram, mas ele não bebeu. Vestuário

Eles o trouxeram. Ele se vestiu. Óleo

Eles o trouxeram. Ele se ungiu.

Anu olhou para ele; ele se perguntou a ele.

"Venha, Adapa, por que você não comeu, não está bêbado?

Agora não viverás. "... homens ... Ea, meu senhor

Disse: "Não coma, não beba".

Leve-o e traga-o de volta à sua terra.

... olhou para ele.

A TERCEIRA TABULETA

Quando [Anu] ouviu isso

Na raiva de seu coração

Seu mensageiro enviou.

Aquele que conhece o coração dos grandes deuses

.....

Ao rei Ea para vir,

Para ele, ele causou que as palavras fossem suportadas.

... para ele, para o rei Ea.

Ele enviou um mensageiro

Com uma orelha larga, conhecendo o coração dos grandes deuses,

... dos céus sejam consertados.

Uma veste suja que ele o vestiu,

Com uma roupa de luto, ele o vestiu,

Uma palavra que ele falou com ele.

"Adapa, antes do rei Anu, você vai

Falha na ordem, mantenha a minha palavra

Quando você chegar ao céu, e aproximar-se da porta de Anu,

Tammuz e Gishzida na porta de Anu estão de pé.

Os Mistérios de Adapa tiveram um papel fundamental na preparação para o reinado na Assíria de Sargão e o lugar do rei e do homem dentro do modelo assírio do mundo.

Tanto o mito como a disciplina de Adapa podem ser argumentados ter sido de importância cultural central no período Sargônido; A evidência disso é particularmente forte nos restos textuais dos reis posteriores, Esarhaddon e Ashurbanipal. Este aspecto do reinado ilumina a autopercepção dos Sargônides, talvez de forma mais clara e concisa do que qualquer outra evidência única, e pode até constituir a espinha dorsal dessa autopercepção, fornecendo a ordem sobre a qual os outros tipos de evidências deveriam ser organizados.

É interessante ver que a realeza assíria neste período (principalmente oitavo e sétimo séculos aC) estava firmemente associada à ação moral. Muito no estado assírio dependia do rei, suas habilidades e a realização de observâncias rituais. Isto é em parte o resultado do entendimento assírio de que a ação moral ocorreu dentro de um quadro teleológico. Como representante do divino Ashur na terra, o rei reflete a compreensão da perfeição de Ashur, e que tal perfeição deve ser imitada em sua vida. A boa ordem no estado dependia disso.

Isso é muito semelhante ao princípio Egípcio de Maat.

Também é claro agora que era possível para o rei assírio assumir uma divindade temporária em circunstâncias especiais. O mesmo vale para outros funcionários da Assíria.

Temos duas fontes principais sobre o mito ea disciplina da Adapa:

1. O mito é conhecido principalmente por um documento encontrado em dois locais: a biblioteca de Ashurbanipal em Nineveh e um texto anterior do arquivo Amarna no Egito (Em seu livro, *Mitos da Mesopotâmia*, Stephanie Dalley afirma incorretamente [p. 183] que as tábuas assírias vêm de Assur e parece pensar que pertencem ao segundo milênio tardio, o que os tornaria quase contemporâneos com a tabua egípcia, em vez de pertencerem ao século VII aC.)

2. Os Anais de Ashurbanipal, em que ele descreve a disciplina do Adapa, que formou parte de seu treinamento para a realeza, enquanto o príncipe da coroa (ARAB, vol. II s.985ff. Luckenbill.)

O mito da Adapa é atualmente entendido como uma explicação contemporânea da convenção de que os reis assírios não eram divinos, ao contrário do que os Egípcios pensavam de seus reis e também uma justificativa de seu direito de governar mesmo assim. Essa explicação foi levada às últimas consequências pelo Zoroastrianismo mais tarde. A conta dada por Ashurbanipal de seu treinamento nos dá algo do contexto em que o mito funcionou, e a forma como os reis assírios compreenderam o seu papel. Sua descrição divide-se naturalmente em três categorias de instruções:

1. Estudos e pesquisa
2. Habilidades militares
3. Emulação da função administrativa do rei

A importância deste padrão de treinamento para o posterior funcionamento do rei pode ser ilustrada pela comparação analítica com a correspondência real. Pode ser dividido em agrupamentos aproximadamente paralelos:

1. Religião, Magia e Medicina, Astronomia, Astrologia e Adivinhação
2. Guerra
3. Administração provincial Agricultura e Comércio Tribunal e funcionários e Propriedade e Receita dos Templos

Adapa é instruído nos caminhos do céu por Ea, a "orelha larga" (que significa sabedoria).

Adapa também era conhecido como Uan, que é o nome dado como Oannes por Berossus ao primeiro sábio, o nome de Uan também forma um trocadilho na palavra Sumero-Akkadiana para um artesão... como o primeiro sábio, Adapa-Oannes introduziu os corretos ritos de observância religiosa para a humanidade, e foi o sacerdote de Ea em seu templo em Eridu. Os paralelos com a mitologia grega são óbvios (Prometheus, por exemplo); no *Timeus* de Platão, o Demiurgo (Deus Criador) é chamado de artesão, e tanto Demiurgo quanto Adapa estão intimamente ligados à

música e à ordem do cosmos: o artesão de Platão constrói o universo de acordo com um esquema de harmonia pitagórica e um instrumento musical (um tambor) usado em contextos culturais assírios e era denominado "Adapa" (semelhante ao tegu). Disciplina e ordem são inevitavelmente associados à música, e vice-versa, pois música é a harmonia das esferas.

O texto que fala do treinamento de Ashurbanipal para o papel do rei proclama que:

"[Marduk], mestre dos deuses, me concedeu como presente uma mente receptiva (iluminada, ouvido largo) e um amplo poder de pensamento"

Esta é uma alusão deliberada à concessão da sabedoria divina por Ea (a largura) a Adapa. Ele ainda nos diz que:

"a arte (lit., trabalho) do Mestre Adapa eu aprendi (iluminado, adquirido), o tesouro escondido de todo conhecimento de escrivão, os [sinais] do céu e da terra"

O treinamento de escrivão foi a parte mais importante da educação do príncipe herdeiro. Uma vez que o futuro rei assírio foi entendido na mesma relação com os deuses que a Adapa estava em relação a Ea.

Isso mostra que não só foi parte de seu treinamento para a realeza, que ele conhecesse algo de outros grupos sociais, mas que ele também deveria saber como seguir instruções. Ele continua:

"Eu estudei (iluminado, lutou com) os céus com os sábios mestros da adivinhação das estrelas".

Isso significa que Ashurbanipal recebeu instruções oráculos de Ea e outros deuses através de uma assembléia de adivinhadores, nas linhas sugeridas no texto de Esarhaddon, "A renovação dos deuses", publicado em Borger's *Die Inschriften Asarhaddons*. Neste texto, Esarhaddon diz que ele "arranjou adivinhadores em grupos para obter um pronunciamento oracular favorável". Isso foi relacionado à renovação das imagens de culto. Ea, é claro, era o deus dos artesãos. Seja intencional ou não, estamos vendo aqui uma sociedade se organizando em moldes muito semelhantes ao Egito.

Ele também nos diz que ele :

"resolvi os trabalhosos (problemas de) divisão e multiplicação, que não eram claros".

ele também leu: "o roteiro artístico de Sumer (e) o obscuro (obscuro) akkadiano, que é difícil de dominar, (agora) aproveitando a leitura das pedras (isto é, as estelas) (vindas) antes da inundação (agora) ficando irritado (porque eu era) estúpido (e) abafado (?) pelo belo script."

Ele está tentando traduzir tábuas que vieram de uma civilização que viu as grandes geleiras se desfazerem. São as culturas primitivas do Fértil Crescente e a pré-Dinástica do Nilo.

Os requisitos acima descritos da disciplina da Adapa se enquadram no título de estudo e pesquisa. Em seguida, vem os detalhes das habilidades militares. Ele nos diz que ele cavalcou um cavalo, foi caçar, era hábil como arqueiro e como lançador de lanças

pesadas. Ele poderia lidar com os escudos aritu e kababu; Além dessas habilidades, ele poderia dirigir uma carruagem. (ARAB, vol. II, s.986. Veja também Reade, J, Assyrian Sculpture, pl. 98, mostrando Ashurbanipal inspecionando o saque da Babilônia a partir do ponto de vista de uma carruagem [British Museum, Sala 89]; também pl.83; pl. 80 [ambos do Museu Britânico, Sala 17], mostrando Ashurbanipal no decorrer de uma caça ao leão; e pl. 79 [British Museum, Room 17] mostra-o em preparação para o mesmo. Pl. 69 e 79 mostram Sennacherib em Lachish em um estilo de carro do século IX)

Tudo isso parece ter sido entendido como artesanato, pois ele conclui estas observações dizendo que "eu desejava ser o grande senhor (?) De todos os artesãos" (ou seja, ser o melhor de todos. Veja a carta ao rei de Marduk-shum-usur, na qual ele diz que Assur havia falado com o avô do rei em um sonho dizendo: O sábio ... você, o rei, o senhor dos reis, é o neto do sábio e Adapa ... a extensão do seu conhecimento supera isso ... de todos os artesãos - SLA 248 [= Harper 923]). Dada a natureza da cerimônia de coroação, para a qual temos um texto inestimável, parece que ele exigiu a aclamação de seus inferiores, para ser percebido que merece a honra de ocupar um ofício transcendente. De fato, ao falar de suas habilidades como arqueiro , ele diz especificamente que ele "disparou (aceso, deixa voar) a flecha, o sinal do meu valor"

Ashurbanipal passa então a uma descrição de sua preparação para o cargo mais alto: "Ao mesmo tempo, eu estava aprendendo decoro real, andando nos caminhos reais" . Ele diz que ele

"estava diante do rei, meu engenheiro, dando comandos aos nobres. Sem o meu (consentimento) (iluminado, sem mim) nenhum governador foi nomeado, nenhum prefeito foi instalado na minha ausência".

Assim, o papel do príncipe herdeiro é imitar o rei, pois é o papel do rei emular Adapa. O mais próximo que temos para uma discussão contemporânea de realeza e magnanimidade é a Ética de Aristóteles: o monarca pode possuir virtudes, cuja "coroa" é magnanimidade, porque ele pode agir mais livremente. Pois a virtude de Aristóteles só poderia ser alcançada através da ação, portanto aqueles cujas escolhas e ações eram limitadas eram necessariamente menos virtuosos. Se o rei é o mais virtuoso e apenas na terra, segue-se (de acordo com a prescrição de Aristóteles) que um rei deve agir de certa forma, se ele for visto como justo e virtuoso, para ser um rei legítimo. Ele diz que ele,

"uma vez que ele merece mais, deve ser bom, no mais alto grau; Pois o homem melhor sempre merece mais por ser melhor homem. Portanto, o homem verdadeiramente magnânimo deve ser bom. E a grandeza em todas as virtudes parece ser característica do homem magnânimo"

Embora o ofício do rei deve ser merecido, o mérito do candidato para o príncipe da coroa foi entendido como conferido pelo favor dos deuses:

"O pai, meu engenheiro, viu para si a bravura que os grandes deuses decretaram como minha (porção)".

O rei concebeu um grande amor por esse filho em particular, mas, é explicitamente afirmado que esse amor é o comando dos grandes deuses. O filho particular foi escolhido da assembléia dos irmãos pela vontade divina; para que ele pudesse governar dependia do rei implorando os deuses, dirigindo suas orações "a Nabu e Marduk, que dão trono e cetro, que estabelecem a soberania ..."

Ashurbanipal descreve sua instalação como rei no bit-riduti:

"ao comando de Assur, pai dos deuses, senhor dos senhores de Marduk, rei dos deuses, ele me elevou acima dos (outros) filhos do rei" (exaltado).

Esta instalação é representada como causando paz na terra:

"as quatro regiões (do mundo) estavam em perfeita ordem, como o melhor óleo".

Ele também diz que em seu primeiro ano de regra

"Eu segurei a bainha da roupa de sua grande divindade, eu dei minha atenção aos seus santuários".

Ou seja, a cadeia de conexão entre o mundo dos deuses e a do homem era sua primeira prioridade, exatamente como no Egito. Não era como fazem parecer hoje, uma exaltação de ego, e sim uma imensa responsabilidade sacerdotal de valores e virtudes.

Ao longo dos textos e inscrições e iconografia, somos apresentados imagens do rei como uma espécie de perfeição. Ele está no ápice da estrutura social da Assíria e é o seu principal sacerdote (em termos de sua participação simbólica nos rituais-chave). Assim, ele é o mais excelente dos seres humanos e detém sua posição por causa de sua excelência teórica em todos os aspectos da vida assíria: exercitar as virtudes da realeza, justiça, estado civil, guerra, adivinhação, administração, etc. Seria fácil argumentar que o rei entendeu ter o privilégio de contato com o divino por causa de sua preeminência na sociedade humana; quase que o rei arrogou esse privilégio a si mesmo por causa de seu poder de fazê-lo. No entanto, isso seria projetar um secularismo na sociedade assíria, que a evidência não garante. O ofício do sacerdote, por exemplo, não se distingue por um termo que podemos equiparar facilmente com "sacerdote". É designado simplesmente "kalu". Em outras palavras, a função desses funcionários não é vista como algo diferente da função do resto da estrutura social assíria: a religião e a sociedade estão inextricavelmente interligadas, nunca tendo sido concebidas como formas separadas de olhar para o mundo. Ler "kalu" simplesmente como um nome para uma posição no contexto de uma cultura altamente ritualizada é um erro, mas continua a ser a prática comum de estudiosos para transliterar tais palavras em suas traduções, como se o significado tivesse pouca ou nenhuma influência no sentido geral da passagem. O termo "apkallum" (usado para descrever o sacerdócio de Adapa de Ea em Eridu) é um termo assírio que indica uma "saga mortal", embora em conexão com Adapa eu acho que o termo tem um significado técnico mais preciso que não é bem servido por tal tradução.

Em qualquer caso, há pouca evidência de que as pessoas pensavam assim. Mesmo que alguém roubasse privilégios em virtude do seu poder de fazê-lo, o ato seria compreendido e explicado dentro de um quadro moral, e o sucesso do ato dependeria da vontade dos deuses (é importante entender que não estamos lidando com um universo moral cristão: é um sistema baseado em honra, com seus próprios valores característicos). Quando Esarhaddon entrou em Nínive e sentou-se no trono de seu pai, ele descreve como Poderes avulsos se aproximaram no céu e na terra ... mensagens de deuses e deusas que me enviaram continuamente e me deram coragem [Borger, Rykle Die Inschriften Asarhaddons (AfO Beiheft 9) 1959, Nin. A-F Ep. 2] (tradução fornecida por A.T.L. Kuhrt).

O rei é descrito como "rei dos reis", cujo conceito foi entendido como um componente essencial na função de sua realeza, e não apenas como um estilo vantelante. Ou seja, a totalidade de sua realeza é em si mesma de importância funcional.

Em vez disso, grande parte da evidência é explicada se inferirmos que o rei devia seus privilégios de contato com os deuses e seu governo sobre a humanidade ao fato de que ele era percebido como um modelo de excelência e perfeição: ele foi recompensado de acordo com seus méritos dentro de o quadro de uma economia de presentes. Em outras palavras, que sua sabedoria e seu poder vieram a ele como corolários em virtude de sua perfeição, não só em eminência entre os homens, mas entre todos os homens. Do ponto de vista assírio, o motivo da existência de um ponto de contato entre o rei e os deuses é que eles têm algo em comum, e que o ponto de contato é precisamente a preeminência, a excelência e a perfeição do rei em todos os seus papéis. É essa semelhança que estabelece a harmonia entre o mundo do homem e o dos deuses. É exatamente na mesma forma no Egito. O Rei antigo não precisa, como os secularistas marxistas pensam, atribuir a si divindade para ser respeitado. Ele é atribuído contato com a divindade porque ele se mostra digno desse respeito.

Foi amplamente entendido na antiguidade que a perfeição era uma característica de conclusão: o perfeito é o que é completo, e o que é completo é perfeito. Assim, o rei também está completo, em suas conquistas, seu poder, sua sabedoria e sua capacidade. Nisto, o rei emula o divino, cujos aspectos devem ser completos nas suas próprias naturezas. Essa conclusão foi entendida como uma virtude em si mesma é ilustrada pelo fato de que, na Mesopotâmia e no Egito, o pecado foi muitas vezes reprimido, não por uma tentativa de desfazer o pecado diretamente, mas pela perfeita atuação de rituais e encantamentos. Cada um deles, devidamente executado, contou para a expiação do pecado, independentemente da natureza do ato original. Assim, para desfazer o dano causado pelo pecado, não é necessário reparar o dano, e sim agir como "apkallum" (em efeito, estar em Ea) em rituais necessários para a continuação do estado assírio e egípcio (como ilustrado no alívio da sala do trono, onde o rei é mostrado aparentemente envolvido no negócio de fertilizar a palmeira de data representada como uma árvore sagrada), o ritual é aproximado da criação divina e a consonância do ato com a vontade divina é enfatizada. Ou seja você pode ter cometido um pecado, mas se você foi capaz de realizar um ato mágico, foi porque prestou completa atenção e dedicação e se aproximou do divino; logo, se os deuses aceitaram seu esforço e concederam efeito ao ritual, seu pecado foi perdoado do contrário não teria conseguido.

O rei foi "escolhido" pelos deuses por causa de sua excelência e sua virtude, e ele era o responsável pelas ações de importância fundamental. Tudo relacionado com o ritual sendo realizado é de importância igual e crítica: do momento do ritual dependia seu sucesso - veja, por exemplo, SLA 342 [= Harper 406], onde o dia auspicioso para um sacrifício é discutido; veja também SLA 344 [= Harper 365] e SLA 328 [= Harper 356]. Os juramentos também foram motivo de dias auspiciosos, e o rei estava disponível para ser visitado apenas quando o dia era julgado correto e astrologicamente favorável.

O rei é o agente do divino na luta contra o caos e a manutenção da ordem no seu reino (cuja luta pode ser caracterizada como guerra com o imperfeito e o incompleto: veja o Enuma Elish e as criaturas estranhas que foram feitas no Primeira criação). O divino é entendido como um lugar do outro lado do limite do mundo que o rei governa, do qual ele é excluído, exceto em termos de contato sacerdotal. Ele está perto do divino, mas não tão próximo para se qualificar como divino. Ele pode ser questionado por outros com proximidade ao divino - os sacerdotes. E assim era feito, no Egito e Mesopotâmia. Isso mostra o real contexto das reformas de Zoroastro como único profeta de Ahura Mazda = eliminar qualquer contestação.

Como o indivíduo mais perfeito em seu estado, o rei quase imitava o divino ao conter todas as coisas: ele está completo. É um pequeno passo de tal visão para a noção de que a conclusão de sua natureza e a de Assur podem ser concretizadas pela sua realização literal. O rei é "rei dos reis", e o conceito torna-se enfático por meio da conquista e da sujeição dos estados vizinhos do Mar Superior ao Mar Baixo. Daí também a sua descrição como "rei dos países" e "rei de os quatro quartos (iluminados, bordas) do mundo ". É possível que a incorporação do rei da idéia do divino se estendesse tão longe que seus modos "oficiais" imitassem os deuses, entendidos como manifestos nos movimentos dos planetas: a prova disso é o fato de que o Príncipe Herdeiro foi excluído da presença do Rei quando Marte estava em oposição ao Sol e, portanto, sujeito a movimentos retrógrados. Um Rei que agisse fora da ordem Astrológica não seria respeitado por mais que achasse divino ou próximo do divino. Seus atos descrevem sua proximidade com a divindade ou não.

Isso porque o principal ponto das ações do rei era criar uma harmonia entre o céu e a terra - literalmente para juntá-los; para agir como agente do divino, não suplantando sua posição ou para explorá-la para fins pessoais. A Teologia não era uma ferramenta do Estado, mas o Estado era uma ferramenta da Teologia.

O conceito de totalidade, uma característica tanto de Adapa (mito e disciplina) como da teologia assíria e egípcia, é o corolário lógico da associação do rei com a ação completa: é outra maneira de enquadrar a idéia de que o universo está estruturado de acordo com graus de participação na conclusão final (o reino do divino). Esta conclusão final é necessariamente transcendente - a conclusão das conclusões - na medida em que não podemos ter comércio com ela, exceto através de certos indivíduos especiais em circunstâncias auspiciosas. No entanto, a característica essencial do divino, se não se pode dizer que existe no mundo, pode ser imitada nas limitações impostas pela natureza da realidade terrena. Por isso, encontramos o rei envolvido na conquista e na construção do império, tentando se apoderar do universo conhecido e sujeitá-lo à vontade dele (o que é naturalmente a vontade do divino). Esta ambição (se não for necessariamente a realidade) é refletida no estilo das inscrições dos reis, seja dirigida a um público humano ou divino. Os reis vassallos fazem sentido dentro deste sistema emulatório: um rei não precisa governar diretamente. Um representante (vinculado por juramentos ao rei assírio ou ao Faraó, assim como o rei é preso pelo juramento ao deus) não é apenas satisfatório, mas se encaixa harmoniosamente no modelo assírio do mundo. Assim é permitido vários reis, e vários deuses sem conflito, como todos os deuses operam para a mesma harmonia do Universo, mesmo quando se enfrentam. Apenas com Zoroastro vamos ver o dualismo onde outros deuses são malignizados e portanto outros reis também.

Vários conceitos-chave são reunidos no mito, ou, em vez disso, parecem ser removidos de uma idéia central, relacionada ao problema da conexão do homem com o divino: no poema Anu é o deus supremo: Ea conhece a mente e os planos de Céu e terra. Adapa tem conexão com Ea em duas contas:

1. ele é seu filho e
2. Ele foi iniciado nos caminhos do céu e da terra por ele.

Os homens, em geral, têm conexão com o divino através da realeza de Adapa, e ultimamente através da realeza daqueles que estudaram a disciplina do Adapa.

Adapa quebra a asa do vento do sul (um vento favorável para a realeza) enquanto pesca no mar para o templo de Ea em Eridu. * 31 Ele está no mar largo (descrito como

"como um espelho"); A sabedoria de Ea é explicitamente comparada com o amplo mar, e Adapa está no lugar de Ea e claramente identificado com ele no momento em que a realeza é destruída (note também que, como a ocorrência ocorre à noite, o mar deve ser como um espelho preto, com as mesmas características que o fígado no momento em que é removido do corpo de uma ovelha. Este paralelo é provavelmente deliberado, já que o ponto de adivinhação é conhecer a mente dos deuses).

O amplo entendimento estava associado ao poder de fazer decretos, e ambas eram características do reinado. O primeiro fragmento nos diz que Adapa possuía sabedoria e que "seu comando era como o comando de [Anu] [...]" (linha 2), com amplo entendimento o aperfeiçoou para expor (?) Os decretos da terra "(linha 3). Seu poder de dar decretos vem de sua perfeição, sua conclusão, que é como a dos deuses, mas, naturalmente, não é a mesma conclusão. Sua conexão com o divino deve ser entendida como funcionando através de Sua conclusão: veja o Fédon de Plato, 100, "a grandeza é a participação no grande". Mas, embora tenha sido dado sabedoria por Ea, ele não concedeu a vida eterna de Adapa (linha 4). Ea, no entanto, o criou como líder entre os homens (linha 6) e: "ninguém tratou seu comando levemente" (linha 7).

Assim, Adapa está no lugar da realeza, na medida em que ele foi colocado no reino de seu pai; porque ele está naquele lugar, ele tem o poder de fazer decretos e ele quebra a asa do vento do sul com o enunciado de seu comando. Ele efetivamente usurpou a realeza, porque ele foi lançado profundamente no reino de seu pai.

Por que o vento sul trouxe Adapa para o reino de seu pai? Para responder a isso, devemos perguntar por que é que o vento sul deve ser associado a realeza em primeiro lugar. É em parte porque na Mesopotâmia o vento sul está associado a tempestades e imprevisibilidade. Assim, o vento sul concentra poder e poder que transcende nossa capacidade de prever seu comportamento. Como os deuses são poderosos e transcendentemente imprevisíveis, os reis como representantes (e emuladores) são igualmente poderosos e imprevisíveis. E isso explica porque YHWH um deus local de uma montanha, de onde surgiam as tempestades, se tornou para os nomades hebreus a principal deidade e senhor dos exércitos. Enquanto no Egito, a realeza é marcada pelo poder do Sol e do Nilo de conceder vida e prosperidade, o poder dos semitas vem do conceito de se ter o poder de destruir estas coisas. O que para Assírios e Nomades viria a representar a Realeza, para o Egito representava Set, o deus do caos. Esse é um dos motivos pelos quais Set é associado com os deuses líderes de panteões semitas e assírios.

Este aspecto do mito é provavelmente significativo para a compreensão de como os Sargônidos entenderam a sucessão real. Os reis institucionalizaram a transferência do poder do rei para o príncipe herdeiro (possivelmente como resultado de numerosas ocorrências de lutas internas faccionais na corte real). Sua educação o preparou para ficar no lugar de seu pai. Enquanto sua educação continuava, ele não tinha permissão para viver no mesmo lugar que seu pai (o palácio real), mas vivia em um estabelecimento separado que refletia seu caráter e funções. O príncipe herdeiro recebeu uma comitiva como a do rei, tirada dos filhos dos nobres formando sua própria corte. Assim, como o rei é a imagem do deus, então o príncipe da coroa é a imagem do rei. O príncipe herdeiro foi escolhido pelo rei entre seus filhos e a decisão foi confirmada por presságios e adivinhação. Ou seja, a realeza do príncipe herdeiro só era legítima se confirmada pelos deuses. Observe que Adapa se dedicou a pescar fora da vista do deus do sol (isto é, à noite) no momento em que encontrou o vento sul e,

portanto, O Deus do sol não podia ver o que estava acontecendo e dar a sua sanção. Portanto, a arrogância da realeza, até a divindade, de Adapa, é ilegítima.

Adapa é levado diante dos deuses para responder por seu crime. Ele é instruído por Ea sobre o que dizer. Ele expressa consternação que faltam dois deuses da terra, Dumuzi e Gizzida. O significado do primeiro nome é "filho fiel", e o segundo (traduzido por Dalley como "madeira confiável") pode ser traduzido como "trono legitimador" (GIS.ZI.DA). Como o destruidor da realeza pertencente ao pai, ele não conseguiu ser um filho fiel e usurpou o trono.

Seu pai, no entanto, sendo mais sábio do que Adapa, conhecendo os planos dos deuses, instrui-o a recusar a comida e a água que lhe são oferecidas, dizendo que lhe será oferecida comida e água da morte.

Ele é instruído apenas para aceitar a roupa de luto e o óleo de unção. Mas, de fato, Anu instrui que seja oferecido o alimento e a água da vida eterna (o que é efetivamente o devido de Adapa, já que ele imitou os deuses). Ele se recusa, talvez porque confia em seu pai, que é, de acordo com esse tipo de visão de mundo, um erro, já que os caminhos dos deuses são para sempre além da nossa capacidade de entender. De acordo com Dalley, as palavras reais usadas no texto para denotar a comida e a água da vida envolvem o jogo de palavras que torna o sentido confuso e ambíguo, o que é apropriado para as circunstâncias em que a Adapa se encontra. Dalley comenta que o verbo escolhido para aliterar com as palavras "comida" e "comer" é incomum [akalu, kalu e akalu (estresse diferente)]. Também que "uma forma plural incomum da palavra" céu "produz um trocadilho," pão do céu / pão da morte "[shamuti / sha muti] - "Ele perguntou, no céu tem pão? e morreu." Desculpem não resisti.

Vale a pena comparar o seguinte texto neobabilônico para fins de ilustração da perplexidade da Mesopotâmia na natureza dos deuses:

Ensinei a minha terra a observar as ordenanças divinas,
Para homenagear o nome da deusa instruí o meu povo.
A majestade do rei igualava a de um deus,
E a reverência pelo palácio real que inculquei nas tropas.
Ah, só sabia que essas coisas são boas para um deus!
O que é bom à vista é mau para um deus.
O que é ruim na própria mente é bom para o deus.
Quem pode entender o conselho dos deuses no meio do céu?
O plano de um deus é águas profundas, quem pode compreendê-lo?
Onde a humanidade confundida já aprendeu qual é a conduta de Deus?
E, falando de homens:
Quando eles estão famintos eles se assemelham a cadáveres,
Quando eles estão saciados, eles rivalizam com o deus. Em boa sorte eles falam de ascender ao céu. Quando eles estão aflitos, eles resmungam sobre ir ao submundo.

A resposta irracional de Adapa confirma aos deuses a natureza accidental da emulação de Adapa: se ele tivesse realmente entendido os caminhos do céu e da terra (como seu pai), se ele fosse iniciado nos Mistérios Divinos de fato, ele não teria recusado a oferta de comida e água. É provavelmente por esta razão que Anu ordena que Adapa seja trazido de volta à Terra: Adapa não mereceu o corolário de uma emulação completa dos deuses. Era sempre a intenção de Ea que Adapa fosse um líder entre os homens e Ea parece ter certeza de que Adapa voltou a cumprir o papel pelo qual ele, como o príncipe herdeiro, foi escolhido.

É exatamente daí que vem Adão comer o fruto e com isso tentar usurpar uma sabedoria que não lhe pertence. Ea, o deus da sabedoria, se torna a serpente na versão Bíblica. A razão pela qual ele é retratado como serpente na versão hebraica é uma disputa com as religiões egípcias que mostrarei mais adiante. Mas já vemos que o mito de Adapa, a fonte Mesopotâmica de Genesis, não possui o mesmo contexto e implicação do pecado da Genesis Bíblica, e sim uma explicação de como legitima-se o poder Real. Mas outras influências foram acrescentadas além do mito de Adapa, outra e mais antiga versão da Queda, a versão original, que explicarei mais à frente. Do mito de Adapa vemos como os elementos de comida, fruto, sabedoria e usurpação entraram na narrativa da Queda.

O caráter de Ea e suas associações com sabedoria parece problemático, mas provavelmente a dificuldade é mais aparente que real. A sabedoria para aqueles sem ela é necessariamente misteriosa - e as vezes parece imprática e contraprodutiva. Seu pedido é vislumbrado ocasionalmente, mas principalmente parece caos, para o qual a água é uma metáfora excelente. Na cosmologia da Antiguidade, o mundo inteiro é cercado por água, que simultaneamente representa tanto a sua limitação quanto a sua base e o cosmos. O mundo habitado é um mundo de ordem relativa separado das águas do caos; o rei, como agente dos deuses tem como uma de suas funções a manutenção e o aumento da ordem disponível dentro dos limites de sua regra.

Daí a representação da batalha entre Ashur (ou Marduk) e Tiamat no festival de Akitu. Como WG Lambert observa, Sennacherib instituiu um festival Akitu como parte de sua tentativa de substituir Ashur por Marduk "o Deus alto "da terra ..." O festival ocorreu na cidade assíria de akitu, e :

"Uma inscrição bem conhecida descreve a porta desta casa, na qual foi carregado Ashur avançando para lutar contra Tiamat, acompanhado por dez deuses na frente e quinze atrás. Uma lista ligeiramente quebrada dos mesmos dez deuses ocorre em um fragmento ritual assírio tardio. ... o que os descreve como "precedendo [Ashur] para a casa de Akitu" ... Uma combinação desses dois itens sugere, se não provar, que a procissão de deuses da cidade para a casa de Akitu foi interpretada como uma disputa para a batalha com Tiamat ".

A batalha, Lambert presume, ocorreu dentro da casa de Akitu. Se houver um paralelo aqui com a quebra de Adapa da asa do vento sul, enquanto no mar devemos esperar que, em algum momento do festival de Akitu, que o rei ou uma estátua do "Deus alto" seja representado como no mar; literalmente em pé no lugar de Tiamat. Três peças de

evidências relacionadas da Babilônia são oferecidas por Lambert: o primeiro que ele descreve como um comentário sobre um texto mágico tardio, citando a linha:

"Isso se refere a Bel que se senta no meio do Mar (Tiamat) no Akitu" (Aberto XVII, p.315 F4. Lambert refere-se também a AfO XIX, p.118.)

A segunda evidência vem do texto chamado "topografia da Babilônia", que nos dá informações sobre pequenas estruturas cultuais na cidade:

"Tiamat (O Mar) é o assento de Bel em que Bel se senta."

A terceira evidência vem de um "épico até então não identificado que parece descrever a exaltação de Nabu à igualdade com seu pai Marduk". Esta passagem é interessante em si mesma como ideias presentes no mito de Adapa, uma vez que se o texto foi corretamente compreendido, Nabu foi com seu pai, como de costume, com o Akitu, mas insistiu em realizar os ritos que devidamente deveriam ser feitos por seu pai.. A linha citada por Lambert é:

"Ele colocou os pés no mar ondulado (Tiamat)"

Note-se que o mar é descrito como "ondulado" - isto é, o mar não é calmo e está na condição em que mais se assemelha ao caos, em paralelo com a luta entre Adapa e o vento sul.

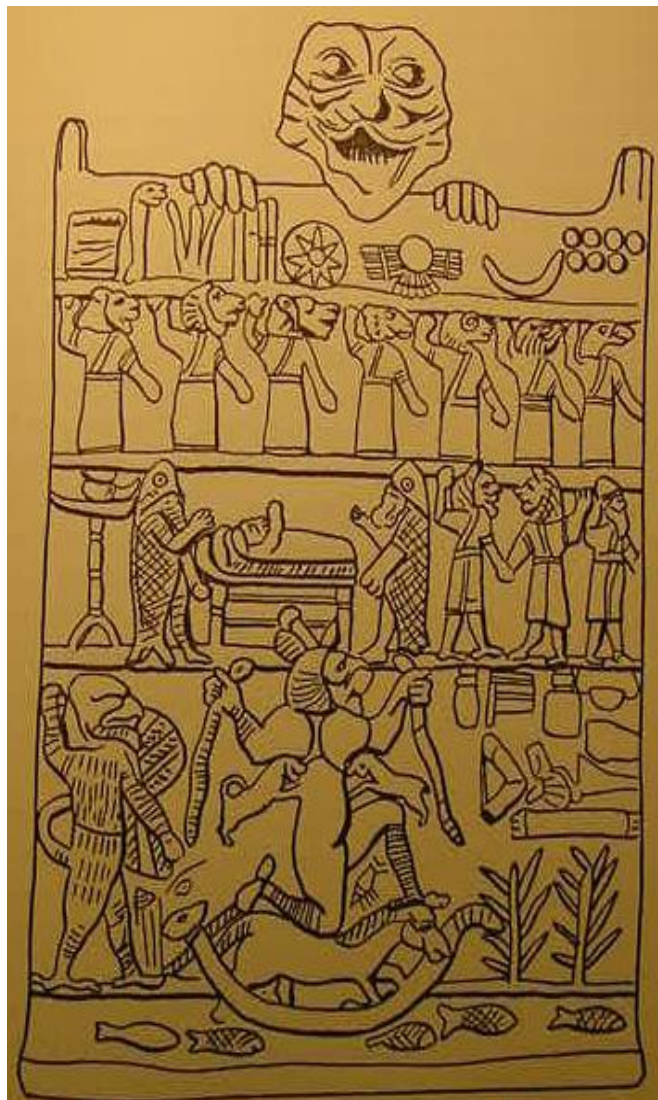
Claramente, o mito de Adapa explica muito o caráter da soberania Mesopotâmica e em quais pequenos detalhes ela se assemelha e ao mesmo tempo se diferencia da Egípcia, e no que esses detalhes favoreceram o surgimento do Zoroastrianismo e alguns elementos de Genesis III. O mito engloba uma série de temas, incluindo a importância da sabedoria para a realeza, a ordem e o poder dos deuses (e o corolário: a inescrutabilidade para os meros mortais); o significado do arranjo racional, demonstrado pelo fato de a Adapa ser também o nome de um instrumento musical; a conquista do caos pelas forças da ordem; a transferência de poder de uma autoridade legítima para outra (ou seja, a sucessão); que todos os aspectos da sociedade assíria foram entendidos como abraçados no sentido do reinado, do artesão ao soldado, do escriba ao sacerdote. Grande parte da natureza do reinado Mesopotâmico pode estar relacionada ao mito de Adapa: isso já é conhecido por nós porque Ashurbanipal nos informa da disciplina do reinado que tem seu nome (Adapa). O exame minucioso do mito (aludido pelos outros reis Sargonidas) mostra que os aspectos do Império neo-assírio não mencionados em documentos e inscrições reais em conexão com o mito podem ser explicados com base nos temas que ele contém.

Ao traçar esses temas juntos, o mito reflete o conceito assírio da função simbólica do rei, que deve incorporar os vários aspectos do estado assírio e, ao menos, emblematicamente, a totalidade do mundo, a encarnação de todo poder terrenal, sabedoria, aprendizado, justiça, valor, habilidade, etc. A própria Assíria deve conter em si o melhor do que o resto do universo tinha para oferecer: daí os jardins botânicos, a coleção zoológica e, da mais significativa de todas, a biblioteca de Nineveh, coletada

por Ashurbanipal e destinada a aceitar documentos importantes e textos de toda a Mesopotâmia e de todos os períodos de sua história. Isso é paralelo com a realeza Egípcia que possui a mesma construção. Porém os Egípcios eram mais equilibrados em seu conceito de Maat, uma vez que o poder associado à Realeza era o de conceder e manter a vida com a previsibilidade do Sol e Nilo, dando mais ênfase à estabilidade enquanto que o Mesopotâmico era associado com os espíritos das tempestades e portanto mais pró-ativo e imprevisível. Essa pró-atividade vai se transformar no supremacismo típico do Zoroastrianismo e Judaísmo, uma vez que a ocupação do trono de Ashur implica uma emulação do divino, o rei incorporando algumas das características dos deuses mesopotâmicos, em particular a sua imprevisibilidade.

Muito do Mito de Adapa influenciou a criação da figura de Adão, assim como Ekindu no épico de Gilgamesh, mas basicamente os mesmos elementos.

Os elementos de "Queda", porém, vêm do Antigo Egito.




Sete Demonios dos Ventos

Egito a Primeira Revelação



"Pois como os Deuses demonstraram todo o dialeto das nações sagradas, tais como os Egípcios e Assírios, é adaptado à assuntos sagrados; e por isso consideramos necessário que nossa conferência com os Deuses seja em uma linguagem semelhante. Porque tal modo de linguagem é o primeiro e mais antigo. E especialmente porque eles aprenderam primeiro os nomes dos Deuses, e os misturaram à sua própria linguagem, e os entregaram a nós, para que possamos sempre preservá-los na lei sagrada da tradição em uma linguagem peculiar e adaptada ao divino." - Jâmblico, Sobre os Mistérios do Egito

"Egito, eles dizem, é o lar natural da Mágica, e se toda a mágica do mundo fosse dividida em dez partes, o Egito possuiria nove." - Einsenmenger's Etdeckt, Judenthum, V1, citando o que Filósofos e Patriarcas diziam igualmente do Egito.

gito era unanimemente considerada a civilização mais antiga da antiguidade, mesmo por civilizações aparentemente tão antigas quanto, como as do Vale do Indu. A influência do Egito alcançou da Mesopotâmia até o Mediterrâneo e até mesmo a Índia. Seus mitos foram os primeiros mitos, suas revelações as primeiras revelações. Existiu por muito tempo um debate sobre qual dos dois - civilização egípcia e civilização suméria (Mesopotâmia) - seria a mais antiga. De acordo com o consenso vigente por muito tempo, Sumeria era a região mais antiga em termos de habitação com uma data de 4000 aC, mas, o Egito foi a primeira civilização verdadeiramente organizada, embora não tão antiga como a suméria. Porém estes estudos iniciais eram muito corrompidos por preconceitos, seja eurocentricos ou Bíblicos. Hoje novas informações e métodos de estudo dos Egiptólogos datam a civilização egípcia, contando o período pré-dinástico, a 6.000 a.C.

Dessa forma o consenso atual é que ambas regiões foram habitadas quase ao mesmo tempo, exceto que o Egito era mais organizado que a Suméria e o Vale do Indu. A Suméria recebeu uma data de 3.800 a.C. para a ascensão de sua civilização ao longo do Tigris e Eufrates, e o Egito recebeu a data de 5.000 a.C. - uma civilização pré-dinástica que começou na Savanah ao longo do Wadis e se uniu a nativos do Nilo. Antigamente, se contava o Egito apenas depois da unificação, em 3.000 a.C. mas hoje

se viu que isso não faz realmente sentido, já que a unificação manteve o desenvolvimento da cultura original pré-dinástica.

O que mudou foi a organização, não o povo e os valores culturais e religiosos. Outro ponto de preconceito era a definição de que linguagem escrita era o definidor de cultura, e a Suméria desenvolveu a escrita primeiro. Mas por este padrão os Incas jamais foram uma civilização quando na realidade foram um dos maiores Impérios da Mesoamérica sem nunca terem desenvolvido a escrita. Agricultura, outro fator, era igualmente favorável tanto no fértil crescente da Suméria quanto no Delta do Nilo.

O interessante mesmo é que o Egito já tinha milhares de anos ANTES da unificação que formou a primeira Dinastia. E já existia uma larga população de viajantes entre a região do Egito e Suméria, antes que as duas virassem as grandes Civilizações que viriam a ser. De fato não há muita diferença entre os primeiros artefatos egípcios e sumérios, e fica difícil dizer quem influenciou quem. Egito influenciou a Mesopotâmia e a Mesopotâmia influenciou o Egito.

A arqueologia egípcia tem o hábito de surpreender seus praticantes. Cerca de uma geração atrás, as linhas de desenvolvimento pareciam muito claras. A pré-história do país, por exemplo, estava começando a parecer cada vez mais irrelevante, em comparação com as descobertas que estavam saindo do resto do Oriente Próximo e fora da Europa. A maioria dos especialistas teria dito que havia poucas surpresas na área e que havia outros campos para arar. Ao mesmo tempo, havia um consenso de que certos locais importantes, como Abydos, foram já superexplorados e que havia coisas melhores para fazer. Ambas as ideias estavam erradas.

Outra característica daqueles dias distantes era que era difícil encontrar alguém que pudesse estudar a arqueologia da Mesopotâmia e do Egito - e principalmente sem usar a Bíblia como orientação. Como os dois campos estavam crescendo rapidamente, a probabilidade era que eles continuassem a se afastar. Esta foi mais uma má notícia para a pré-história egípcia, uma vez que a influência da Mesopotâmia no surgimento do estado egípcio era clara e contestada apenas por alguns poucos. Mais uma razão para deixar a pré-história de um lado.

O que aconteceu, é claro, foi que Abydos, longe de ser exausto, começou a produzir enterros reais mais antigos do que qualquer outro conhecido no Egito, enquanto os primeiros locais foram descobertos no Delta, um território anteriormente quase desconhecido, que lançava luz sem precedentes sobre uma cultura predinástica que resultou ser muito mais antiga que o Egito unificado.

O primeiro Egito dinástico estava em um estado de fluxo, mas os templos faraônicos foram construídos para durar. Eles estão entre os monumentos mais óbvios para sobreviver, e são impressionantes mesmo em seu estado arruinado, depois de dois ou três milênios. Muito é conhecido sobre eles, mas isso só serve como um destaque para o que é desconhecido. Este paradoxo é bem sucedido nos "Templos do antigo Egito", uma série de ensaios bem documentados editados por Byron Shafer. Com os templos, o espaço é sagrado: a arquitetura é um reflexo da teologia, e a teologia é um produto de reflexões e revelações divinas sobre a natureza dos deuses, a realeza e o mundo material, para se relacionar com as formas em que estes deviam interagir. Isto é trazido bem no ensaio de Lanny Bell no templo de Luxor, um complexo muito visitado pelos turistas, mas cujo propósito está longe de ser compreendido. Bell vincula a arquitetura deste templo com um festival religioso particular, conhecido como Opet, e a teoria da realeza que este festival foi projetado para decretar. Isso o capacita a desenhar paralelos interessantes entre a noção egípcia de realeza divina imanente em uma forma humana e que a população medieval e primitiva teve maior acesso aos templos dos Egípcios do que é geralmente assumido. A lógica por trás dos Mistérios de

Adapa que legitimizam a realeza Mesopotâmica como expliquei antes, são muito semelhantes à própria lógica Egípcia para a relação entre o Rei e os Deuses.

A participação popular foi um elemento útil, se não essencial, para garantir a continuidade da religião e do estado. Os egípcios, no início de sua história, criaram o primeiro estado unificado. Os templos eram o meio principal para adorar os deuses, mas também eram um elemento na preservação da unidade política. Eles foram bem sucedidos nisso, como pode ser visto pelo fato de que, por trinta e cinco dos cinquenta e dois séculos desde o início da história registrada, havia um faraó no trono do Egito, enquanto a Mesopotâmia ainda estava tomando a sua forma mais famosa de Império.

Hoje também é reconhecida a influência que o Egito teve na Índia, até recentemente desconhecida ou ignorada.

As seguintes são declarações dos escritos de escritores clássicos gregos que viajaram pelo mundo antigo e relataram sobre os povos que viram e as terras onde viviam, bem como suas inter-relações.

"Falarei do rei que reinou em seguida, cujo nome era Sesostris (Senusert I, reinou em 1971. a.C). Ele, disseram os sacerdotes, antes de tudo seguiu uma frota de navios de guerra do golfo árabe ao longo das margens do oceano Índico, subjugando as nações à medida que ele foi avançando, até que ele finalmente atingiu um mar que não podia ser navegado por causa dos cardumes. Por isso, ele voltou para o Egito, onde, eles me disseram, ele recolheu um vasto armamento e realizou um progresso por terra em todo o continente, conquistando todas as pessoas que caíram no seu caminho. Desta forma, percorreu todo o continente da Ásia, de onde ele passou para a Europa e se fez mestre de Scythia e da Trácia, além dos quais países eu não acho que seu exército tenha prolongado sua marcha ".

- História de Heródoto (historiador grego 484 a.C.)

"Da Etiópia, ele (Osiris {Asar} ou algum rei representando Osíris) passou pela Arábia, na fronteira com o Mar Vermelho até a Índia e costas habitadas mais remotas; ele construiu também muitas cidades na Índia, uma das quais ele chamou Nysa, disposto a ter lembrança de que (Nysa) no Egito, onde ele foi criado. Na Índia, ele plantou Hera, que continua a crescer lá, mas em nenhum outro lugar na Índia ou em torno disso. Ele deixou também outras marcas de seu ser nessas partes, pelas quais os últimos habitantes são induzidos e afirmam que esse Deus nasceu na Índia. Ele também se adicta à caça de elefantes, e teve o cuidado de ter estátuas de si mesmo em todos os lugares, como monumentos duradouros de sua expedição".

- Diodoro (historiador grego 100 a.C.)

A evidência mais brilhante das relações diretas da Índia com o Egito é, no entanto, preservada no edito da rocha inscrito nas primeiras décadas do século III a.C. Nela, o Imperador Ashoka se refere aos seus contatos com Ptolomeu do Egito (285-246 aC), em conexão com a expansão de sua política de propagação da Lei de Justiça (dharma). Nos registros de Ashoka Ptolemy II é referido como Turamaya. Não há dúvida de que as embaixadas oficiais foram trocadas entre o tribunal de Mauryan e o de Ptolomeu II. Plínio nomeia o embaixador egípcio de Ptolomeu II na Índia como Dionísio.

Ashoka, em seu segundo edito de rock, refere-se às atividades filantrópicas empreendidas por ele próprio. Ele registra que ele havia feito arranjos para o tratamento médico de homens e animais nos territórios de seu próprio império, bem

como na região governada por Antíoco Theos II da Síria (260-246 aC) e seus reinos vizinhos, e também incluiu o Egito.

Curiosamente, afirma-se que o governante egípcio Ptolomeu IV, Philopator, alinhou uma parte de sua barca com pedras indianas. A presença de indianos no Egito no terceiro século aC foi atestada por Ateneo que observa que as procissões de Ptolomeu II também incluíam mulheres, vacas e cães de caça da Índia.

No capítulo do livro Índia e Egito: Influências e Interações, 1993, intitulado Transmissão de Idéias e Imagens, o erudito M. C. Joshi relata em antigos documentos escritos atestando as comunicações e intercâmbios culturais entre o antigo Egito e a Índia durante o tempo do imperador indiano Ashoka. Fronteiras culturais não eram tão bem estabelecidas quanto hoje. Se um estrangeiro visse um conceito que lhe parecia familiar, não teria nenhum problema em absorver esse conceito em sua cultura.



O uso simbólico do lótus que acabamos de ver para comparação é levado a outro nível quando as correlações entre os lotus do Egito e da Índia são examinados mais de perto. Primeiro, em ambas as mitologias, o lótus simboliza o número 1.000 (múltiplo). Uma vez que o lótus abre e se volta para a luz do sol, é um símbolo natural tanto do Neterianismo quanto do Hinduísmo de virar para a luz do Espírito Divino. Além disso, o lótus simboliza a desapaixonação em ambas as mitologias à medida que cresce nas águas lamacentas, mas permanece intocado pelas águas devido a um revestimento especial. Assim também, um aspirante espiritual deve permanecer separado do mundo, mesmo que continuando a viver e a trabalhar nele, ao mesmo tempo que se afasta do mundo e em direção ao Divino. Em ambas as mitologias, o símbolo é usado para representar a própria criação, que surge das águas obscuras e desordenadas do potencial primordial, a fim de estabelecer ordem e verdade e criar um caminho para a vida. O lótus também simboliza a gloriosa fragrância do Eu Divino, bem como o estado de espiritualidade e iluminação. Assim, o símbolo que foi usado pela primeira vez no antigo Egito foi adotado na Índia e, embora o nome mude de Seshen (Egípcio - uma fonte para o nome em inglês "Susan") para Padma (hindu) o simbolismo, o número, o mito e o uso permaneceram os mesmos.

Um outro mito onde percebemos conceitos de queda e ascensão oriundos do Egito e Mesopotâmia no Hinduísmo é o mito da Árvore de Jiva e Atman. Variações semelhantes são a origem de Gênesis III, como vimos a relação entre Adão, o fruto, e Adapa, aqui também vemos entre o fruto e dois pássaros que representam o corpo e a alma. A Árvore de Jiva e Atman aparece nas escrituras védicas, antes do hinduísmo atual, como uma metáfora metafísica sobre a alma.

O Rig Veda samhita 1.164.20-22, Mundaka Upanishad 3.1.1-2 e Svetasvatara Upanishad 4.6-7, falam de dois pássaros, um empoleirado no ramo da árvore, o que significa o corpo e comer o seu fruto, o outro simplesmente observando.

Rig Veda samhita diz:

1.164.20 Dois pássaros associados juntos e amigos mútuos se refugiam na mesma árvore; um deles come o doce figueiro; o outro se abstendo de comida, meramente olha.

1.164.21 Onde os raios de deslizamento suave, conscientes, destilam a parcela perpétua da água; tem o Senhor e firme protetor, todos os seres me aceitaram, embora imaturos na sabedoria.

1.164.22 Na árvore em que os raios de deslizamento suave alimentam o doce, entra, e novamente produzem luz sobre todos, eles chamaram a fruta doce, mas não participa disso quem não conhece o protetor do universo.

O primeiro pássaro representa um Jiva, ou indivíduo, ou alma. Ela tem uma natureza feminina, sendo um shakti, uma energia de Deus. Quando o jiva se distrai com os frutos (significando prazer sensual), ela esquece momentaneamente o seu senhor e amante e tenta apreciar a fruta independentemente dele. Este esquecimento incompleto é maha-maya, ou paixão espiritual, morte espiritual e constitui a queda do jiva no mundo do nascimento material, da morte, da doença e da velhice.

O segundo pássaro é o Paramatman, um aspecto de Deus que acompanha todo ser vivo no coração enquanto permanece no mundo material. Ele é o suporte de todos os seres e está além do prazer sensual.

Pode-se afirmar que este conceito de Atman e Jiva foi personificado e levado para a Bíblia como Adão e Eva e a queda do homem. Foi opinado por um Shankaracharya altamente venerado do Kanchi Mutt, Chandrashekharendra Saraswati, que o termo "Atman" também conhecido comumente como "Atma" poderia ter se tornado "Adam" e "Jeeva", "Eve" mas isso é muito improvável e não existe evidência etimológica; o mais provável e que possui mais evidência é que ambos nomes derivam de fontes comuns do antigo Oriente Médio e Mesopotâmia.

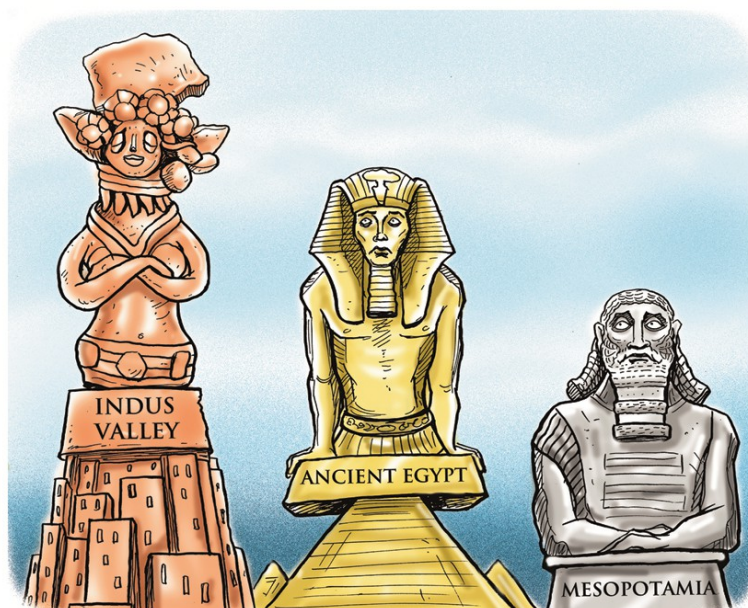
Isso indica como o mito da queda foi se simplificando à medida que se distanciou de sua fonte original, o Egito; e digo Egito porque apesar do mito de Adapa ser Mesopotâmico e explicar a mortalidade, ele não é o primeiro mito a tratar uma queda; mostrarei qual foi a primeira revelação sobre queda da humanidade. Mas o que foi se

tornando comum e explicarei mais adiante em Jamblico, é a noção de que a alma imortal sofre algum tipo de mortalidade.

Também é interessante notar a influência Egípcia e Mesopotâmica no Vale do Indu. Um novo estudo financiado por uma concessão IIT Kharagpur que reuniu um geólogo, um paleocientista e físicos de quatro instituições científicas para trabalhar nas escavações de um arqueólogo ASI, descobriu que a civilização do Vale do Indo tinha pelo menos 8 mil anos, e não cerca de 5.000 anos, como se acreditava anteriormente.

Se a sua evidência, publicada na Nature - o jornal de ciência interdisciplinar - e usando o método de "luminosidade óptica estimulada" em fragmentos de cerâmica antigos, é correto, então, remete substancialmente os primórdios da antiga civilização indiana. Isso prova que ele correu bem antes do auge dos faraós do Egito (7000-3000 aC) ou a civilização da Mesopotamia (6500-3100 aC) no vale do Tigris e do Eufrates.

Os pesquisadores também encontraram evidências de uma civilização pré-Harappan que existiu há pelo menos mil anos antes disso, porém curiosamente eles nunca alcançaram o nível de desenvolvimento do Egito e Mesopotamia, seja tecnologicamente ou espiritualmente, e viveram sob domínio destes dois Impérios posteriores.



A visão acadêmica padrão até agora, aceita nos livros didáticos, é que os arios eram imigrantes na Índia, entrando por volta de 1500 aC. A visão alternativa - que eram criadores indígenas de Harappa e Mohenjo Daro - foi muitas vezes desprezada por acadêmicos tradicionais, porque esse argumento também é apropriado pela direita hindu.

Na evidência atual, ambas as teorias são inadequadas. A visão padrão em si mudou de uma teoria de invasores arianos de pele branca que subjugou os habitantes da pele escura para uma noção de migração e difusão ariana lenta ao longo dos séculos. A teoria do invasor foi essencialmente baseada em uma leitura racial por estudiosos coloniais como Friedrich Max Mueller, que achava que o Rig Veda usava termos raciais para os arianos como tendo bonitos narizes (susipra); e desprezaram seus inimigos, dasas, como nariz de touro (vrsasipra). Especialistas em linguas mostraram que era uma leitura errada.

O livro "New Interpretations on Indus Civilization" de Shri R.Jeyakumar é um excelente livro, com novas abordagens desfazendo vários mitos do séc 19 e 20, e apoiado por vastas evidencias.

O autor do livro toma uma visão neutra sobre a questão da etnia das pessoas da Indus. Ele afirma que não eram nem arianos nem dravídeos, mas eram pessoas de origem do Oriente Médio (Primeiros agricultores do Oriente Médio) e, provavelmente, do estoque do atual Iraque. Embora o Autor venha de Tamil Nadu, onde as pessoas são geralmente partidários firmes da teoria da origem dravidiana das pessoas da Indus, ele tem uma visão diferente de que existe a possibilidade de que as pessoas da Indus pudessem ter falado algum tipo de linguagem proto elamita antes da chegada dos Nômades da Ásia Central.

Pouco se sabe sobre a religião e a língua de Harappan, a civilização do Vale do Indu. Uma coleção de textos escritos sobre tabelas de argila e pedra descobertas em Harappa - que tem carbono datado de 3300-3200 aC - contém marcas em forma de tridente e semelhantes a plantas que parecem estar escritas da direita para a esquerda. Há um debate considerável sobre se era uma linguagem codificada e se ela está relacionada com famílias de línguas indo-européias e do sul da Índia. O script Indu permanece indecifrável sem símbolos comparáveis, e pensa-se que evoluiu independentemente da escrita na Mesopotâmia e no antigo Egito, mas isso não significa que sua religião tenha se desenvolvido sem esta influência.

Ao que toda evidência indica, foi exatamente a religião que permitiu a Mesopotâmia e o Egito avançarem a um nível de desenvolvimento que o Vale do Indo nunca alcançou.

Sugeriu-se amplamente que os Harappans adorassem uma mãe deusa que simbolizasse a fertilidade. Em contraste com as civilizações egípcia e mesopotâmica, a civilização do Vale do Indus parece ter faltado templos ou palácios que dariam evidências claras de ritos religiosos ou deidades específicas, e a religião deles não seria de um nível de desenvolvimento muito diferente de tribos indígenas da Amazonia em comparação com as grandes civilizações Mesoamericanas.

Muitos selos do Vale do Indo incluem as formas dos animais; alguns descrevem os animais sendo transportados em procissões, enquanto outros mostram criações mitológicas como unicórnios, levando os estudiosos a especular sobre o papel dos animais nas religiões do Vale do Indu. As interpretações desses motivos animais incluem significação da adesão em um clã, classe de elite ou estrutura de parentesco. Um selo de Mohenjodaro mostra um monstro meio humano, meio búfalo, atacando um tigre. Esta pode ser uma referência ao mito sumério de um monstro criado por Aruru - a Terra Suméria e a deusa da fertilidade - para lutar contra Gilgamesh, o herói de um antigo poema épico da Mesopotâmia. Esta é uma sugestão adicional do comércio internacional na cultura Harappan.

Até 1800 aC, o clima do Vale do Indus tornou-se mais frio e mais seco, e um evento tectônico pode ter desviado ou perturbado os sistemas de rios, que eram as linhas de vida da civilização do Vale do Indu. Os Harappans podem ter migrado para a bacia do Ganges, no leste, onde poderiam ter estabelecido vilas e fazendas isoladas. Essas pequenas comunidades não teriam podido produzir os mesmos excedentes agrícolas para apoiar grandes cidades. Com a redução da produção de bens, haveria um declínio no comércio com o Egito e a Mesopotâmia. Por volta de 1700 aC, a maioria das cidades da Civilização do Vale do Indo havia sido abandonada.

Harappans tinham arquitetura avançada com estaleiros, celeiros, armazéns, plataformas de tijolos e paredes protetoras, mas nenhum templo.. Essas paredes maciças provavelmente protegeram os Harappans das inundações e podem ter dissuadido os conflitos militares. Ao contrário da Mesopotâmia e do antigo Egito, os habitantes da civilização do Vale do Indo não construíram grandes estruturas monumentais. Não há provas conclusivas de palácios ou templos - ou mesmo de reis, exércitos ou sacerdotes - e as maiores estruturas são celeiros.

Eles alcançaram feitos de tecnologia impressionantes para uma “cultura indígena” digamos assim, incluindo sistema de medições e ferramentas e selos para comércio e o primeiro sistema de sanitização do mundo. Mas o pouco que sobra de sua religião mostra elementos mais próximos do Oriente Médio do que da Índia e dos Vedas, que realmente apresentam uma influência Egípcia maior do que Suméria! A Mesopotâmia, a "terra entre os rios", está no pensamento acadêmico europeu como parte do "Oriente", as civilizações orientais. A influência "oriental" nas civilizações clássicas tem sido reconhecida há muito tempo, mas a Mesopotâmia teve, desde o início, conexões com civilizações mais distantes do Oriente, em particular com a Índia antiga e a China. A antiga civilização mesopotâmica é muitas vezes vista como um "precursor" da Bíblia e do cristianismo, mas antes do Zoroastrismo, existiu uma troca cultural e mútua influência entre o Egito Pré-Dinástico e a Mesopotâmia e outras regiões do Oriente.

É interessante por exemplo que povos sem um contato com o Egito não possuem qualquer noção conceitual teológica de "Queda do Homem".

Por exemplo, os Nórdicos.

Os povos nórdicos não compreendiam nada sobre qualquer queda antes da influência mística do Mediterrâneo.

O Mito Nórdico do Primeiro Casal Humano, Ask e Embla



Ask (Antigo Nórdico Askr, "Freixo") e Embla (Antigo Nórdico Embla, "Jarra de Água") são os dois primeiros humanos (masculino e feminino, respectivamente) na mitologia nórdica.

Depois que os deuses de Aesir criaram o cosmos, eles formaram Ask e Embla de dois troncos de árvores que haviam lavado na praia da massa terrestre que os deuses haviam levantado recentemente das águas primordiais. Os deuses, neste caso liderados por Odin, dotaram esses seres recém-vivificados com önd ("respiração / espírito"), örr ("ecstasy / inspiration") e lá (uma palavra nórdica antiga, de outra forma, não atestada, ninguém sabe realmente o que lá significa, mas as sugestões mais acadêmicas têm algo a ver com processos vitais e saúde). Ask e Embla receberam

então Midgard, o mundo da civilização humana, para a sua morada. Eles se tornaram o pai e a mãe de toda a espécie humana.

Uma das nossas duas principais fontes para a narrativa da origem de Ask e Embla é o Völuspá ("O Insight da Vidente"), um dos poemas da Edda Poética. A estrofe que segue a conta de Ask e Embla diz:

Há um freixo chamado Yggdrasil,

Uma árvore poderosa tomou banho no granizo branco.

De lá vem o orvalho que cai nos vales.

Ele está sempre acima do poço de Urd.

No texto original em antigo Nórdico, a primeira palavra desta estrofe é "Ask". Como Henning Kure apontou, alguém que ouviu este poema pela primeira vez teria assumido imediatamente que "Ask" se referia ao homem humano dos versículos anteriores até que ficou claro que este "Ask" é a árvore Yggdrasil, o pilar central do cosmos que mantém os Nove Mundos em seus ramos e raízes. Yggdrasil ergue-se acima do poço de Urd, um corpo de água cujas profundidades detêm vários poderes misteriosos. Entre estes estão as Norns, "três donzelas extremamente sábias" que têm mais influência ao longo do destino do que quaisquer outros seres, e as runas, imensas forças cosmológicas que são simbolizadas pelas formas dos primeiros alfabetos germânicos. As águas do Poço de Urd alimentam Yggdrasil, e orvalho goteja das folhas da árvore de volta ao poço, reabastecendo-o.

Além de ser um modelo do desenvolvimento cíclico do tempo, a árvore e o bem fornecem uma imagem do que os historiadores da religião chamam de "hierogamia" ou casamento divino entre um deus do céu e uma deusa da Terra, uma concepção comum a todos os Povos indo-europeus - incluindo, claro, os nórdicos e outros povos germânicos. A chuva (ou, neste caso, orvalho de uma árvore cuja coroa chega suficientemente alta para ser comparada com um pico coberto de neve) é análoga ao sêmen, e a terra (ou, neste caso, o poço) é análoga ao útero. Da união da terra e do céu vem a fertilidade e a nova vida, algo que observamos no mundo físico - literalmente ou metaforicamente - toda vez que chove.

Este simbolismo sexual funciona sobre o que se poderia chamar a um nível visual também. O tronco ereto do freixo é quintessencialmente fálico, e a bacia côncava do poço é quintessencialmente vaginal.

Ao chamar o primeiro homem Ask ("Freixo") e a primeira mulher Embla ("Jarra de Água"), e ligando este primeiro casal humano à imagem da árvore e do poço na estrutura de sua poesia mítica, os pagãos nórdicos demonstraram que a masculinidade e a feminilidade são princípios complementares, entrelaçados e recíprocos, que são tão essenciais para a promoção da vida e do bem-estar como os outros. Basta ler os primeiros capítulos de Gênesis para ver quão favoráveis este modelo de relação entre os dois sexos se compara com o previsto pelas religiões monoteístas cuja ideologia domina o mundo moderno. Porém, é claro que em termos de Teologia nunca devemos escolher o que é mais agradável ou favorável, e sim o que for verdade. Mas está mais do que claro que a relação submissa da mulher em Gênesis

é mais uma edição dos patriarcas judeus em cima de mitos antigos, como a tribo deles era absolutamente patriarcal e a mulher uma comodidade.

Temos registros de várias versões diferentes da mitologia pré-cristã dos nórdicos e de outros povos germânicos. Algumas dessas variantes apresentam o que, a primeira vista, são relatos contraditórios das origens da humanidade. Em vários lugares, os seres humanos são descritos como descendentes de deuses. Em outro caso, a humanidade (ou pelo menos uma tribo particular) vem de um certo bosque de árvores.

No entanto, quando vistos mais de perto, essas contas, incluindo o conto da criação de Ask e Embla, acabaram por transmitir a mesma idéia. Declarando que a humanidade vem de árvores, seja na praia ou em um bosque, e afirmando que somos deuses são, em uma perspectiva germanica tradicional, diferentes maneiras de dizer o mesmo. Como o historiador romano Tácito escreveu sobre as tribos germânicas do primeiro século dC, "Seus lugares sagrados são bosques, e aplicam os nomes das divindades a essa presença oculta que é vista apenas pelo olho da reverência". Nesta visão, os Nórdicos não adoravam os deuses a nível cósmico, como os Egípcios, Persas, e Gregos. Em vez disso, eles adoravam as forças animadoras encósmicas que se escondem atrás e dentro do mundo visível - espíritos das árvores e florestas inclusos. Mesmo na narrativa tardia da Era Viking de Ask e Embla, o mundo visível já havia sido moldado a partir do cadáver do gigante morto Ymir. Toda a vida, incluindo as árvores e, por extensão, a humanidade, é descendente dessa figura divina.

Assim como não há nenhuma linha afiada que divide deidades do mundo que as manifesta, não há uma linha afiada entre os seres humanos e o resto do mundo. "Natureza", uma parte do mundo a partir da qual a humanidade é, por definição, excluída, é um conceito estranho à visão de mundo germânica indígena e mais ainda o conceito Judaico de que a humanidade tenha sido criada para reinar sobre a natureza. Esse conceito, como vimos, é uma distorção do conceito de realeza universal dos Persas e não uma verdade teológica. Todas as espécies são únicas de alguma forma, é claro, mas não há nada que distingue a humanidade como sendo único. A humanidade faz parte da ordem normal do mundo mais do que humano, como são as árvores. Para os Nórdicos nossas origens estão neste reino maior, nossas vidas são vivas inteiramente dentro dela, e permanecemos dentro dela quando morremos. Nós não somos estranhos em um "vale de lágrimas"; o mundo mais do que humano é nosso lar. Os Incas tinham uma visão muito semelhante, e outros povos mesoamericanos também; na realidade todos os povos que não tiveram contato com o mediterrâneo até finalmente realizarem esse contato.

E apesar que universalmente todas as culturas do mundo tiveram a revelação teológica da cosmologia a partir das águas do caos até a primeira formação de terra, nem todas se desenvolveram até o estágio Hiper-Cósmico de compreensão do Nous, apesar dele estar presente geralmente de forma simples. Mas a primeira cultura a ter uma revelação sobre "Queda do Homem" e assim desenvolver uma teologia que leve em conta nossa parte divina superior e não apenas a anímica mundana, foi o Egito.

Eu chamo de Revelação e não Mito porque os Egípcios alegam ser uma revelação e de fato ela contém verdades espirituais e teológicas reais sem precedentes. O Corão e a Bíblia alegam serem revelações mas como vimos são distorções e colagens de mitos e revelações anteriores e ainda que contenham uma fração dessas verdades, não podem

ser chamadas de revelação mais do que de trabalho de edição. Ainda assim são consideradas revelações! A primeira versão sobre o mito da Queda do Homem merece muito mais esse título, afinal é sem precedentes! E isso importa porque então o contexto original é a real revelação, e não o contexto atribuído à versão editada milhares de anos depois.

A influencia da Mesopotamia na Cultura Hebraica é tão forte, tão conhecida, que podemos sem medo nenhum afirmar que o Judaísmo é uma criação, direta ou indireta, dos Persas e sua influência sobre os povos conquistados, principalmente no chamado Período do Exílio, quando os Hebreus foram conquistados pelos Persas e o Judaísmo tomou sua forma mais conhecida. A influencia Egípcia na cultura Hebraica é evidente mas menos comentada pq essa influencia foi filtrada pela cultura Mesopotamica, em um período de grande propaganda "anti-egípcia" por parte dos persas, e além disso, ao invés da Religião Egípcia Tradicional, o que os Hebreus vieram a conhecer foram as reformas radicais de Amenhotep IV, ou seja, Akhenaten.

Geralmente, é aceito que alguns dos textos da Bíblia hebraica têm precedentes anteriores (Idade do Bronze) das antigas religiões e mitologia do Oriente Médio, especialmente a Mesopotâmia (ver o Panbabylonianismo), mas também o egípcio antigo. Por exemplo, o material do Livro dos Provérbios deriva diretamente da Instrução de Amenemope. Porém até por causa de Alexandria, a Religião Egípcia teve mais influência sobre o Cristianismo, e a Mesopotâmia sobre o Judaísmo.

Mas ainda é fácil encontrar as influências Egípcias no Judaísmo.

O Rio do Éden



Existe uma referência interessante a um rio que sai do Éden encontrado no livro de Gênesis.

E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, do lado oriental; e pôs ali o homem que tinha formado.

E o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal.

E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços.

Gênesis 2:8-10

As Escrituras não dão explicações detalhadas sobre este rio. Não aparece novamente até o final do livro de Apocalipse, onde é mostrado, juntamente com a Árvore da Vida, para beneficiar a humanidade:

E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro.

No meio da sua praça, e de um e de outro lado do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a saúde das nações.

Apocalipse 22:1,2

Nestes versos, as águas do rio do Éden estão associadas a prover o homem quando ele está em estado de falta de pecado. Sua primeira aparição é antes da queda e retorna com a criação do novo céu e da nova terra. Entre Gênesis 2 e Apocalipse 21, no entanto, o homem tem a questão do pecado para lidar - é aqui que vemos essas águas assumirem um papel diferente - ajudando o homem a se conectar a Deus.

A água é vista como um propósito especial no Tenakh, na forma do mikvah, ou imersão. Dentro da Torá, o mikvah está associado a esses mandamentos para os quais não existe um motivo aparente (como as leis kosher). Estes mandamentos são conhecidos como Chukim. A manutenção de tais mandamentos é vista como um sinal de alguém cuja fé é forte o suficiente para colocar a vontade de Deus acima de sua própria compreensão. E eles não possuem a compreensão não porque isso é um mistério, mas porque não é um conceito original do Judaísmo.

Mesmo assim o mikvah era uma parte muito importante do processo de conversão no judaísmo, associado a uma mudança espiritual na identidade. Tal ato de fé, participando de um ritual que não tem um significado óbvio, era um sinal da prontidão do converso.

Uma das principais razões para o Mikvah, como se viu no Tenakh, teve que ver com a purificação - o processo de ir espiritualmente "impuro" para "limpar". Os mandamentos de Deus em relação à impureza espiritual também estão na classe de Chukim. Os mandamentos relativos à purificação abrangeram muitas áreas - do Sumo Sacerdote em Yom Kippur a uma mulher após o parto. Um excelente livro sobre este assunto é Waters of Eden, de Aryeh Kaplan.

Para o propósito deste livreto, abordaremos o aspecto deste mundo em um estado impuro devido ao pecado de Adão. Quando Adão pecou - toda a criação caiu em um estado impuro com ele. Isso cria uma "dificuldade" para que Deus se relacione com nós, como o homem não pode em seu estado impuro se aproximar de Deus, nem Deus pode "residir" no "espaço físico" contaminado em que existe. Deve notar-se que o pecado e a impureza não são sinônimos como se poderia tornar impuro sem realmente pecar. Esse é o entendimento Judaico e ele surge diretamente por causa de Genesis III, logo a origem do conceito para os Judeus está em Genesis III mas como não o compreendem a real origem é externa, e de fato vem do Egito.

Existe, portanto, uma profunda conexão mística entre as águas do mikvah, que purificam um homem por um certo período de tempo, e o rio do Éden que ele existiu com um estado de pureza contínuo (e novamente um dia). Por causa dessa conexão com o Éden, a água tem um significado espiritual em toda a Escritura - e não apenas para os "bons".

Os egípcios adoraram o rio Nilo como uma fonte de bênçãos espirituais. Observe que no mito das Dez Pragas, Moisés se aproxima do Faraó quando o Rei está adorando nas águas do Nilo. É um ataque contra os verdadeiros progenitores do conceito de purificação pelas águas.

O rei, apesar de ter sido considerado o filho de Ra, de acordo com Horus e ser para seus súditos, para todos os efeitos, tão divino como qualquer deus, era um ser humano e, como tal, tinha que estar preparado para o seu papel de governante do mundo quando foi entronizado e, posteriormente, diariamente para seu encontro com os deuses. Esses preparativos eram rituais de purificação, executados em lugares como a Casa da Manhã.

Foi Gardiner quem usou o termo batismo para a purificação ritual do faraó, com base no fato de que o batismo em grego significa limpar através da água.

No reino divino, o rei era purificado pelos deuses, a representação em Medinet Habu mostrando Horus e Seth derramando as águas sagradas na forma do ankh e símbolos de vida e domínio sobre Ramsés III. O feitiço que acompanha a cena é:

Eu o purifiquei com vida, estabilidade e domínio, sua purificação é a purificação de Thoth e vice-versa.



Sacerdotes realizavam a cerimônia de purificação usando água da piscina do templo. Os próprios sacerdotes tiveram que passar pela limpeza do corpo, seja tomando um mergulho na piscina do templo ou derramando água sobre eles na Casa da Manhã do templo e lavando a boca com uma solução de natrão. Somente quando estavam


ritualmente limpos, eles podiam preparar o lugar onde o ritual de purificação do rei deveria ser realizado varrendo o chão, aspergindo-o com água e espalhando areia fresca. A fumigação também foi empregada às vezes.

Com o aprofundamento do culto osiriano, tais rituais de lustração, originalmente em homenagem ao Deus do sol Ra, foram - pelo Novo Reino - transformados em parte do culto funerário em um novo renascimento, e passaram a ser realizados nas cerimônias da Abertura da Boca com as quais falecido recupera a capacidade de usar seus corpos em sua busca para ganhar a vida eterna e as estátuas eram despertadas.

O conceito de "batismo" é um ritual associado ou visto como a encarnação do renascimento do novo sol nas águas de Nun ou do rio Nilo; que é conceitualizado, em forma de espelho, astro-teologicamente, como uma cópia da constelação Aquarius (Bede, 600 a.C).

O conceito de batismo originou-se no Egito com o deus Anubis que batizou o deus Horus usando a água que correu sob o templo, que foi considerado associado com o deus Nun ou Osiris e considerado santo. Assim como a palavra Messias, que vem do Egípcio Messheh, "gordura de crocodilo" usada para ungir e santificar o Rei, o batismo também foi outra prática que os grupos hebreus místicos como os Essenios e outros grupos messianicos herdaram do Egito.

Origem da Serpente, a Árvore da Vida e Eva

s estudiosos da Bíblia hebraica reconheceram há muito tempo que o escritor que escreveu a história de Adão e Eva no Jardim do Éden e muitas outras narrativas nos primeiros 5 livros da Bíblia hebraica tinham uma agenda claramente anti-cananeíta, anti-egípcia e anti-babilônica, e que sua polêmica anti-tudo começou em sua história do Éden, onde ele distorceu estes mitos para seus próprios fins nacionalistas tribais.

É interessante como grupos religiosos iniciam seus fundamentos contra outras doutrinas a partir de uma influencia das mesmas. Por exemplo, apesar de que a Igreja Católica combate todos os modernos grupos Nova Era como heresias e estes grupos combatam a Igreja Católica, eles jamais conheceriam a figura de Jesus ou a Bíblia sem a Igreja Católica. E apesar de terem visões radicalmente diferentes da Igreja, esses grupos constroem essas visões em cima dessas duas influências que receberam da Igreja e vivem falando de Jesus.

Este autor, conhecido como o Yahwist (porque ele foi o primeiro autor da Bíblia hebraica a usar o nome de Yahweh para Deus), definiu claramente suas visões anti-cananeítas no início de sua versão dos Dez Mandamentos, no Êxodo 34 12-15, onde o Senhor adverte os hebreus contra a associação com os cananeus, casando-se com eles e adorando as suas divindades; O Senhor também ordena que os hebreus derrubem altares, colunas e asheras canônicas (bastões de madeira (árvores estilizadas) em santuários que eram o objeto de culto de sua deusa Asherah (em hebraico pronunciado ah-shei-RAH) e a simbolizava). Neste contexto, a polêmica anti-cananeíta na história do Éden se torna aparente, especialmente a contra a deusa Asherah, que na época era amplamente vista pelos israelitas como esposa ou consorte de YHWH como já explicado. À medida que a religião israelita oficial se aproximava do monoteísmo, as outras divindades locais tiveram que ser eliminadas (Asherah em particular), e YHWH se apropriou de seus poderes e funções.

Antes da ascensão de Israel, Asherá era a esposa de El, o deus principal do panteão cananeu. De acordo com a evidência arqueológica, as pessoas que se tornaram israelitas eram na sua maioria cananeus nativos que se estabeleceram nas colinas do que é agora a Cisjordânia, embora pareça que grupos pequenos, mas influentes, também migraram lá do sul no Midian (dentro e ao redor da Vale de Araba no Sinai) como também já vimos. Como a própria Bíblia testifica, é aí que a veneração de YHWH se originou e, em um processo que, nesse sentido, ressoa com a história de Moisés, os migrantes introduziram YHWH aos cananeus nativos que se tornavam israelitas. Com o tempo, El se juntou a YHWH. Como parte desse processo, YHWH herdou Asherah de El como sua esposa, como também já vimos.

A Bíblia hebraica refere-se a Asherah direta ou indiretamente cerca de 40 vezes, sempre em termos negativos (então ela deve ter sido um desafio). A maioria das referências são indiretas, para os pólos de ashera que a simbolizaram, mas alguns deles claramente referem-se diretamente à deusa Asherah (ex., Juizes 3: 7; 1 Reis 15:13; 1 Reis 18:19; 2 Reis 21: 7; 2 Reis 23: 4-7; 2 Crônicas 15:16). Evidentemente, ela fazia parte da religião oficial israelita tradicional. Há também muita evidência extra-bíblica de Asherah em Israel desde o tempo dos juizes até tempos monárquicos, inclusive em pinturas / desenhos, pingentes, placas, cerâmica, e inscrições . Várias inscrições referem-se especificamente a "YHWH e a sua Asherah".

O Yahwist e os outros escritores bíblicos não podiam aceitar a presença desta deusa como uma divindade em Israel, muito menos como a esposa de YHWH, que eles aprenderam com Zoroastro a retratarem especificamente em termos não-sexuais. Então eles declararam guerra contra ela, em parte, mencionando sua existência com moderação na Bíblia, referindo-se a ela negativamente quando eles a mencionaram, e fazendo uma polêmica contra ela por alusões que teriam sido claras para a audiência do Yahwist. Essas táticas são evidentes na história do Éden, dos tipos de símbolos usados e da trajetória da narrativa. Estes símbolos incluem o santuário do jardim em si, as árvores sagradas, a serpente e Eva, ela mesma uma figura de deusa. No antigo mito e iconografia do Oriente Médio, árvores sagradas, deusas e serpentes geralmente formam uma espécie de "trindade", porque eles têm simbolismo substancialmente sobreposto e intercambiável e são muitas vezes retratados juntos. Vamos examinar cada um desses símbolos brevemente.



A Deusa Egípcia da Árvore da Vida e sua Serpente Guardiã

O Jardim: Originalmente no antigo Oriente Médio, a Deusa estava associada e tinha jurisdição sobre vegetação e vida, que ela gerou. As pessoas participaram das primeiras culturas (incluindo frutas) como sua recompensa - de fato, seu corpo e sua divindade - e criou-se seu santuário com um jardim de culturas para esse fim. Tal santuário de jardim sagrado era "propriedade" sobre a qual exercia a jurisdição. Exemplos incluem a vinha de Siduri com uma árvore sagrada no épico de Gilgamesh, o recinto do jardim de Inanna com árvore sagrada na Suméria, o santuário de vinha de Calypso na Odisseia de Homero e o Jardim das Hespérides de Hera. Os santuários de jardim de deuses e reis evoluíram mais tarde. Na história do Éden, YHWH criou o jardim (ou seja, a vida) e Ele estar a cargo disso pode ser visto como parte desse processo: a Deusa (aqui Asherah) foi eliminada do santuário do jardim e de suas funções lá.

As árvores sagradas se conectam com os reinos divinos do mundo inferior e dos céus, e, portanto, foram consideradas caminhos para se comunicar com e experimentar o divino e eles mesmos são encarregados da força divina. Em harmonia com as estações, as árvores encarnam a energia da vida e simbolizam a geração, regeneração e renovação da vida. Portanto, elas estão associadas com a fonte da vida, a Deusa Terra / Mãe. Por conseguinte, as árvores sagradas foram veneradas na Palestina em santuários sagrados conhecidos como "lugares altos", como meios para acessar e experimentar a divindade, principalmente a deusa Asherah. (Da mesma forma, a divindade da deidade masculina foi acessada através de pilares de pedra verticais, por exemplo, aquele criado por Jacob em Betel). Como vimos isso era universal e os povos Nórdicos, os Mesoamericanos e Norte Americanos tinham conceitos semelhantes. Na história do Éden, as duas árvores sagradas de conhecimento do bem e do mal e da vida aludem a essa tradição de árvores sagradas, mas o significado é virado de cabeça para baixo. Na história, YHWH até cria as árvores. Ao ordenar que Adão não participe da árvore do conhecimento do bem e do mal, por implicação, o autor disse ao público que não venerasse as árvores sagradas da maneira tradicional. E, em qualquer caso, o conhecimento até então divino do bem e do mal que foi adquirido ao comer o fruto está ligado a YHWH, não a nenhuma deusa. E no final da história, a árvore da vida é claramente designada como a de YHWH, sendo guardada por seus símbolos de marca registrada, os querubins emparelhados.

Isso não é Revelação. Isso é exatamente propaganda, da mesma forma que alguns grupos protestantes fazem sobre a imagem da Virgem Maria ou a figura do Papa.

Que inicialmente o Jardim era um conceito de um jardim 'platônico', é óbvio pelo fato de que os jardins nos mitos Babilônicos e Egípcios se referem ao Céu e as estrelas e os jardins das deusas são a manifestação terrena disto. No céu, se quiser ver a cena de "Adão e Eva" é muito simples; espere o Sol passar por Libra e Virgem. Lá você verá os dois pecadores conversando com a Serpente. Adão é a constelação de Bootes, com seu braço levantado para retirada da costela; Eva é a constelação de Virgem, diante do fruto proibido, a constelação de Coma Berenices; e cercando os dois está a Serpente, as constelações de Serpens Caput e Draco.

O autor Yawhista simplesmente usou estas constelações para justificar sua nova narrativa como Revelação.

Se nosso autor Yawhista achava que isso significava que os eventos tinham ocorrido realmente, não sabemos, mas certamente seus seguidores tinham uma visão literal como se fosse um fato histórico no mundo material. Os Kabalistas mais tarde, sob influência Hellenica, adotaram novamente a versão "platônica", mas ainda acreditando que os eventos tenham ocorrido realmente, mas no mundo espiritual, mas vimos que esses eventos não ocorreram em nenhum nível. Eles são construções em cima de outros eventos de outras religiões, distorcendo seus contextos originais.



A Serpente: No antigo Oriente Médio, as serpentes tinham conotações positivas e negativas, e na história do Éden, o Yahwist tocava em cada uma. No seu aspecto positivo, a serpente representou a própria força divina, responsável pela criação, a vida e o renascimento, como simbolizado pela constante troca de sua pele. Isto é o fato de que ela vive dentro da Terra (o mundo inferior) fez uma associação natural com a Deusa da Mãe Terra ou o Submundo. Como resultado, a serpente foi venerada como tendo poderes divinos e foi usada em rituais, inclusive em casamento (para garantir a concepção de crianças) e para manter a saúde. As serpentes também foram consideradas sábias e fontes de conhecimento, e assim foram usadas na adivinhação. (O termo hebraico para a serpente (nāḥāš) conhece a adivinhação, o verbo nāḥāš significa praticar adivinhação e observar os sinais / sinais.) Daí a conexão da serpente com a transmissão do conhecimento do bem e do mal na história do Éden, assumindo o lugar do Mesopotâmico Ea. Esta "boa" serpente foi tipicamente retratada de forma vertical ou erecta, como no caso da cobra Uraeus egípcia (na ilustração anterior), a serpente de bronze de Moisés e a serpente no cajado de Asclepius (agora o símbolo da nossa profissão médica).

Mas a serpente também foi representada negativamente como um poder divino irrestrito, que produz o caos, que é o mal. Portanto, nos mitos de criação a serpente Apep/ dragão representa o caos primordial que deve ser superado para estabelecer o cosmos criado (conhecido como o motivo da "luta do dragão"). Esta serpente de caos primordial é mais frequentemente uma deusa de serpente / dragão (por exemplo, Tiamat no Enuma Elish da Babilônia) ou Apep, a Serpente das águas de Nun. A serpente neste aspecto "malvado" é mais frequentemente retratada horizontalmente. Na história do Éden, nosso autor usou esse aspecto negativo, enquanto parodiava as tradicionais associações positivas, que YHWH apropriou. Assim, na história, a serpente conotava o caos e simbolizava o caos no coração de Eva enquanto deliberava. No final

da história, YHWH amaldiçoou a serpente e aplainou sua postura (em comparação com a postura ereta que tinha quando conversava com Eva). Como resultado, YHWH foi vitorioso sobre a serpente e o caos e, por implicação, a Deusa, em uma mini versão do motivo de luta do dragão acima mencionado.

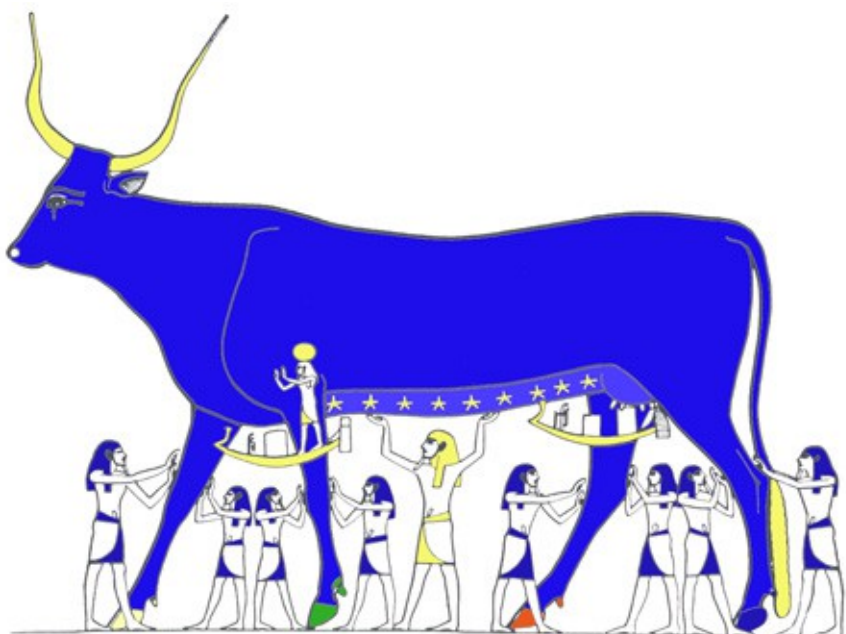
Eva: Conforme observado por inúmeros estudiosos bíblicos, a deusa também é vista na figura de Eva, a última figura em nossa trindade de Deusa-serpente-árvore. Na história do Éden, ela recebe o epíteto "a mãe de todos os vivos", um epíteto como o dado a várias antigas deusas orientais próximas, incluindo Siduri, Ninti e Mami na Mesopotâmia e Asherah na Síria-Palestina. O nome real de Eva em hebraico (ḥawwâ), além de significar a vida (da qual as deusas eram tradicionalmente responsáveis), também é provável o jogo de palavras em uma antiga palavra cananeíta para a serpente (ḥeva). O nome da deusa Tannit (a versão fenícia de Asherah) significa "serpente senhora", e ela teve o epíteto "Dama Ḥawat" (que significa "Dama da Vida"), que é derivado da mesma palavra cananeíta que o nome de Eve (ḥawwâ). No final da história, Eva é castigada por ter que dar à luz com dor, enquanto as deusas no antigo Oriente Médio deram vida sem dor. Além disso, em Gênesis 4: 1, Eva precisa da ajuda de YHWH para se tornar fértil e conceber, uma inversão do poder e da função da Deusa. A única culpa de Adão foi "ouvir" a Eva para alcançar qualidades divinas. Aqui, o Yahwist está aludindo à veneração da Deusa, dizendo para não adorá-la. Isso parece ser uma das razões para o castigo da subjugação da mulher ao homem em Gênesis 3:16.

Como resultado desses eventos, no final da história, YHWH é pintado como supremo e controla todos os poderes e funções divinas anteriormente nas mãos da Deusa, e a religião cananea em geral foi desacreditada. YHWH é responsável pelo jardim (anteriormente a Província da Deusa), de onde o caos foi removido. A veneração sagrada da árvore foi proibida e desacreditada, enquanto YHWH se apropria e se identifica com a Árvore da Vida (veja também Oséias 14: 8, onde YHWH afirma: "Eu sou como um cipreste de folhas verdes, de mim vem seu fruto".) A serpente foi vencida, achatada e privada de qualidades divinas e, portanto, não é digna de veneração, e inimizade foi estabelecida entre serpentes e seres humanos. A Deusa foi desacreditada, tornada impotente, e eliminada da imagem e enviada para o esquecimento. O divórcio de YHWH foi feito final, pelo menos na mente do autor. Mas na verdade ela persistiu, e seus equivalentes na psique inevitavelmente persistiram até hoje, como devem, pois é a realidade ao contrário da colagem política tribalista que chamamos de "Genesis".

Qual então é a doutrina de "Queda do Homem" original, a primeira Revelação a este respeito, e portanto, a verdadeira revelação sobre a queda do homem e seu real contexto e significado?



O Mito da Vaca Celestial



"Então aconteceu que a Majestade de Ra, que surgiu sozinha ..."

Livro da Vaca Celestial, linha 1.

As primeiras passagens do livro da vaca celestial são comprovadas no interior dos painéis esquerdo e traseiro do mais distante dos quatro santuários dourados descobertos em 1923 por Carter em KV62, o túmulo de Tutankhamon (1333-1313 aC) e publicado por Piankoff em 1955.

Existem versões completas nos túmulos de seus sucessores Seti I (aproximadamente 1290 - 1279 aC), Ramsés II (1279 a 1213 aC) e Ramsés III (aproximadamente 1186 a 1155 aC). Nessas tumbas, o livro é representado exclusivamente em uma sala subsidiária da câmara do sarcófago, especialmente reservada para isso. Também encontramos breves trechos no pequeno nicho esquerdo do terceiro corredor no túmulo de Ramsés VI (cerca de 1143 a 1135 aC), e outra, ainda mais curta, em um papiro do Período dos Ramsés, agora em Turim (Pleyte & Rossi, 1869 - 1876, catálogo n° 1982). Não foi usado após o Novo Reino (cerca de 1539 - 1075 aC), embora integrado no Livro do Faiyum do Período Romano (Beinlich, 1991, cols.110-112).

Em 1876, Edouard Naville publicou a versão encontrada no túmulo de Seti I (SI - KV17), situada na margem oeste do Nilo em Tebas. Este túmulo mais longo, mais profundo e completamente acabado no Vale dos Reis, foi descoberto em outubro de 1817 pelo antiquariano italiano Giovanni Battista Belzoni (o túmulo é marginalmente conhecido como "Tumba de Belzoni"). Naville traduziu os hieróglifos em francês e inglês. Mais tarde, em 1885, ele também publicou a versão mutilada encontrada no túmulo de Ramsés III (RIII - KV11), conhecida desde a Antiguidade. Foi parcialmente explorado por James Bruce em 1768. Em 1881, Heinrich Brugsch publicou a primeira tradução para o alemão. Cinco anos depois, Lefébure (chapas 15 a 18) fez a primeira descrição completa da SI.

Em 1941, Charles Maystre publicou um texto que tomou em consideração, e isso pela primeira vez, a versão descoberta no túmulo de Ramsés II (RII - KV7). Este túmulo também tinha, pelo menos parcialmente, estado aberto desde a antiguidade. Mas ele omitiu o material de Tutankhamon! Até 1982, Erik Hornung, integrando todas as versões existentes do livro e segurando aquele em RIII, que quase desapareceu após Maystre, publicou o primeiro texto crítico.

A condição atual do texto em SI pode ser vista em Burton & Hornung (1991) e Hornung (1995). Os estudos de Sternberg-el-Hotabi (1995) e Spalinger (2000) devem ser anotados. Recentemente, uma tradução completa para o inglês foi feita por Simpson (2003).

A versão do rei Seti, encontrada nas quatro paredes do anexo pequeno inserido na sala da câmara funerária de Seti I, é a cópia melhor conservada, mas também incompleta. Os versos de abertura estão faltando e a coluna 95 é a última visível.

Todas as versões estão incompletas, mas se completam. O seu número de colunas varia. Em SI, existem 95 colunas. RII tem 101 colunas. No túmulo da RVI, o texto está "muito quebrado e defeituoso" (Piankoff, 1954, p.225). Uma restauração justa é possível usando RII e RIII, finalizando o texto com o legado do rei Tutankhamon, no final do qual o texto interrompe...

Felizmente, acontece que, no túmulo do rei Tutankhamon, o texto das colunas 29 e 30 corresponde à coluna 95, a última linha visível em Seti I. No Santuário I, as colunas 31 a 28 dão a última parte do livro, mas sem oferecer um fim. Monfort produziu os hieróglifos desta versão sinóptica do Livro da Vaca Celestial. A tradução atual é baseada no texto crítico de Hornung (1982).

As seguintes camadas temporais podem ser discernidas:

inscrições existentes: a primeira inscrição incompleta está na mais externa (maior) dos quatro santuários dourados de Tutankhamon (Santuário I), e foi enterrada ca.1323 aC;

A composição literária atual: para Hornung (1999), a linguagem e a ortografia exibem influências egípcias tardias e, portanto, o original não pode ter sido escrito muito antes de sua primeira gravação sob Tutankhamon. Para Lichtheim (1976), o uso do egípcio médio, uma vez que os contos do Novo Reino foram escritos na língua vernácula daqueles dias (egípcio tardio), torna provável que ele tenha sido copiado (e possivelmente retrabalhado) no Novo Reino de um Reino médio (em 1938 - 1759 aC) original. De fato, em "A Instrução Real de Khety para Merikare", um texto do Primeiro Período Intermediário (entre 2198 e 1938 aC), o motivo central da destruição da humanidade rebelde é aludido no Hino a Rá sugerindo um quadro mitológico comum. Se Lichtheim está correto, o Livro da Vaca Celestial era um clássico da literatura egípcia.

"Bem cuidada é a humanidade - o gado do deus:

Ele fez céu e terra por causa deles,

ele subjugou o monstro da água,

Ele fez respiração pelo nariz para viverem.

São suas imagens, que vieram de seu corpo.

Ele brilha no céu por causa deles.

Ele fez para eles plantas e gado,

Ave e peixe para alimentá-los.

*Ele matou seus inimigos, reduziu seus filhos,
quando pensaram em fazer rebelião.*

Ele faz a luz do dia pelo bem deles,

Ele navega para vê-los.

Ele construiu seu santuário ao redor deles,

Quando eles choram, ele ouve.

Ele fez para eles os governantes no ovo,

líderes para levantar as costas dos fracos.

Ele criou magias como armas,

para evitar o golpe de eventos,

cuidando deles de dia e de noite.

Ele matou os traidores entre eles,

Como um homem bate seu filho por causa de seu irmão.

Pois o deus conhece todos os nomes ".

Instrução de Khety para Merikare, Hino a Rá, 284-305.

Embora atestado pela primeira vez no Santuário I de Tutankhamun, elementos centrais da lenda da Vaca Celestial aparecem em textos mais antigos. Os motivos da vaca e a ascensão de Ra aparecem nos Textos da Pirâmide. A lenda da Era de Ouro, na qual Ra governou o Egito e, cansado da maldade humana, partiu para seu palácio, provavelmente é anterior à redação de nossas fontes do Novo Reino.

A imagem da humanidade como "uma lágrima" diz tudo: a humanidade de Seth traz matança para o mundo e desencadeia o fim da Era de Ouro, bem como o advento de uma nova ordem mundial. No último, a mente divina prevalece (como vizir de Ra). Uma imagem verdadeiramente hermopolita.

"Para dizer:" Eu, rei Unas, inundei a terra que saiu do lago, abri a planta de papiro, satisfeito com as duas terras, uni as duas terras, juntei-me a minha mãe a Grande vaca Celestial. "

Textos da pirâmide, § 388.

"É minha mãe a Grande Vaca Celeste, longa, lindas de pano de cabeça, pendentes de peitos, que me levaram para o céu, não me deixando na Terra, entre os deuses que têm poder".

Pyramid Texts, § 1566.

Ao lado dessas alusões, os Textos Funerários trazem o tema de Ra estar descendo sobre o grande Inundação da vaca (feitiço 79), enquanto que no feitiço 76, os oito deuses Heh são mencionados. Estes últimos pertencem ao mito local de Hermópolis (a cidade de Thoth). Neste conto, o caos primordial é personificado por quatro deuses

com suas contrapartes femininas (formando juntos a Ogdoad). A importância de Thoth no livro também sugere uma origem hermopolita.

Estudiosos como Lalouette (1984) e Lichtheim (1975) fizeram traduções parciais. Esse hábito de separar a narrativa mitológica sobre a destruição da humanidade das seções mais escatológicas e mágicas é enganador. Iniciada no século XIX, causou que todo o livro fosse identificado com sua parte introdutória e ajudasse uma interpretação confusa (Budge, 1912/1994).

As diferentes seções formam um todo, embora complexo. O tema geral não é a destruição do homem, mas a natureza caída do homem e, como consequência, o estabelecimento de uma nova ordem mundial depois que Ra se retira para sua morada estelar na parte de trás de Nut transformada na Vaca celestial. Termina com quatro "feitiços" mágicos que permitem que os vivos e os mortos participem do processo de renovação de Ra e assim alcancem a Salvação.

O rejuvenescimento é a intenção geral dos livros do mundo inferior, especialmente o Amduat e o Livro dos Portões. Na 6ª Hora da noite, ocorre o mistério da meia-noite, e a serpente Oroboros "Muitas Caras" efetua a renovação de Ra. Anexado, o cadáver de Ra retorna ao Primeiro Tempo. O cadáver de Ra (e a imagem de Osiris) é cercado pelo ventre protetor de uma coniução misteriosa entre o ciclo físico de Ra e o poder espiritual de Atum. Daí a frente, a luz de Ra é reativada. O corpo de Khepri cercado por Muitas Caras é também o encontro de Ra com ele mesmo, o que o faz projetar fora da criação e se unir com o Primeiro Tempo e com Atum-Kheprer.

Os feitiços mágicos mencionados no livro destinam-se aos vivos e aos falecidos. Ambos precisam reavivar suas energias participando da renovação diária de Ra para sempre e sempre.

É interessante notar que, além do uso do meio-egípcio, as instruções para seu uso por não-realeza foram inscritas de forma insólita em túmulos reais do Reino do Novo Reino, e isso, apesar do fato de os livros do mundo inferior serem destinados exclusivamente a túmulos reais. Talvez o estudo sacerdotal do submundo tenha começado anteriormente? O Livro das Duas Forças, (feitiços 1029 a 1185), também sugere isso.

O tema subjacente deste texto complexo e misterioso é a retirada de Ra na parte de trás de Nut como a Vaca Celestial e a subsequente nova ordem mundial. A destruição da humanidade, um tema clássico nas narrativas mesopotâmicas e bíblicas do dilúvio, invoca a causa da retirada de Ra, a saber, a maldade humana. Os seguidores de Seth terminam a Era de Ouro e fazem do homem um matador.

Além da representação da vaca celestial, o livro tem duas outras figuras entrelaçadas no texto, atuando como apoiadores do céu. Essas figuras representam as acomodações ontológicas e antropológicas (políticas e religiosas) da nova ordem mundial, a saber: por um lado, a eternidade contínua ("djedet") e descontínua ("neheh") e, por outro lado, o governo do Faraó, que oferece dois bastões Sekhem ou "poder" (registro superior) e mantém o céu. Note os Sceptros de Was carregados pelos dois aspectos do tempo eterno. Repare como é muito mais elegantemente desenvolvido do que o mito de Adapa dos Mesopotâmicos.

Tradicionalmente, os deuses de Heh são os avatares de Shu, juntando-se a ele no esforço para defender (e proteger) o céu. O deus Heh teve como consorte Hauhet, que foi identificada com "djet" ou "djedet", igualdade eterna. Os oito deuses de Heh referem-se ao Ogdoad de Hermópolis, identificando Heh com infinito.

Antigos Conceitos Egípcios de Tempo

Tempo Fenomenal da Humanidade na Terra

At = Momento, pequena porção de Tempo = Unidade de Tempo Fenomenal

Ahau = Período, espaço de tempo, idade = Coleção de Unidades Temporais

Tempo Eterno Repetição e Duração da Era Dourada

Neheh = Eterna recorrência, descontínua = Atum-Ra, Mortos Abençoados, Ciclo Solar

Djet = Eternidade, imutável e imóvel, contínua = Nun e o Reino de Osiris, Ciclo Lunar

Esses aspectos do tempo eterno ou espiritual se juntam à economia espiritual de duas camadas que caracteriza a religião egípcia antiga:

EM MEDIO LUNA: o céu (inferior) de Osiris: o estado último da bem-aventurança humana é viver a vida de um "Osiris NN" na vasta e silenciosa escuridão do Duat. A identidade eterna, "djet" ou "djedet", representada por uma deusa, está associada ao Osiris lunar, porque (a) sua jurisdição noturna é separada do ciclo diurno de Ra, (b) nas profundezas do Duat, o águas eternas de fluxo de Nun e (c) Osiris existe em contínua escuridão (ele nunca sai do mundo inferior);

Em TERMINIS SOLIS: o céu (superior) de Ra: o céu de Osiris e o céu de Ra são próximos, e após a maior espiritualidade da servidão humana se cumpriu no reino de Osiris, o "Ba" humano do falecido é transformado, no horizonte, um divino "Akh" de Ra, navegando, entre os outros seres puros de luz, no Barca de Ra, iluminando o dia e a noite. Este caminho de Ra é eterno, cíclico e descontínuo, pois a luz e a escuridão são recorrentes. Este ciclo de nascimento (no Oriente), a morte (no Ocidente) e o renascimento à meia-noite é representado pelo deus Neheh.

A nova ordem mundial é o mundo físico da história. Tinha que acontecer depois que Ra se retirou para seu próprio lugar. Elevado por Nut, Ra está muito longe da unidade original que prevalece entre ele, as divindades e a humanidade. Criar a humanidade terminou a Era de Ouro na Terra. Faraó, herdeiro do trono de Geb e filho de Ra, posteriormente tornou-se rei das Duas Terras.

Nesta nova ordem, os poderes de Ra não são diminuídos e sua vontade ainda e sempre prevalece. Pois a criação é uma obra de luz e Atum-Ra é o criador de toda a luz ou consciência possível. O último é descontínuo e se move do nascimento à morte até o renascimento. Ao amanhecer, Ra é Khepri, enquanto ao anoitecer, sua alma entra no Duat. À meia-noite, Ra é rejuvenescido e ao amanhecer, no horizonte oriental, ele renasce.

Neste mito, Nut é o corpo da perspectiva estelar ou galáctica de "todas as possibilidades". Em vez de ver o céu noturno tão frio e remoto, os egípcios projetaram monumentos às estrelas (ver os eixos da pirâmide de Khufu no contexto das crenças funerárias do Reino antigo). Eles se consideravam filhos de Sirius. E eles estavam certos, pois a vastidão do universo não reflete a chance quase ilimitada de possível expansão? A possibilidade absoluta de espaço horário quase infinito?

Se Nut é o conjunto de todas as possibilidades, então Ra "dentro dela" é cada brilho de consciência cintilante em seu corpo e "elevada" por ele. Toda possibilidade como testemunhada por um centro de consciência singular, e original.

O pensamento egípcio exalta a Idade de Ouro. Este é o tempo da beleza e do bem ("nefer") antes que a iniquidade ("isefet") tenha ocorrido (pelo assassinato de Osiris), antes da grande batalha entre Horus e Seth.

Em um sentido ontológico, essa excelente sublimidade é a primeira vez precreacional, pré-existente ("zep tepi") de Atum e sua Enneada. Neste momento intemporal e eterno no início do tempo, uma ordem lógica de dois passos se desenrola: (a) Atum auto-cria e (b) divide-se simultaneamente em Shu e Tefnut, que engendram Geb & Nut, os pais de Osiris, Isis, Seth e Nephthys. Esta Enneada representa o equilíbrio ou simetria natural entre as forças que animam a criação, exceto para Seth, que entrega a ruptura de simetria ao assassinar seu irmão Osiris.

Antropologicamente, envolve a existência celestial em companhia do supremo criador-deus Atum-Ra, alcançado por uma transformação de "alma" (Ba) em "espírito" (Akh). Este estado de ser luminoso e efetivo ancora a espiritualidade egípcia como um todo. Projetado no plano físico, Ra é o rei de um mundo próspero, unido e pacífico. Os deuses vivem na Terra e em nenhum lugar o mal ainda botou seu pé.

Mas, como no Éden, a humanidade se rebelou ...

Com Seth, o assassinato entra na Enneada. Com os seguidores humanos de Seth, o matadouro tornou-se parte da história. Na Era de Ouro, Ra, o auto-criado, era rei dos homens e dos deuses juntos. Mas sendo velho, a humanidade conspirou contra ele! Aparentemente, a presença contínua de luz, bondade e beleza desencadeia decepções e perturbações.

Os motivos bíblicos da Queda e do Dilúvio sugerem uma ruptura, uma perda necessária de "eternidade", forçando a humanidade a retornar ao estado original de perfeição através da história. Na tradição judaico-cristã, essa clivagem entre o homem e Deus ocorreu quando o anterior comeu do fruto da Árvore do Conhecimento (entre o bem e o mal). Então, a história começa quando, nu, o homem, com sangue, suor e lágrimas, tem que trabalhar para a vida. Mas isto não é o suficiente. A ira divina inunda a humanidade, deixando apenas uma pequena percentagem de vida (ver Noé). Os paralelos literários são óbvios.

Por causa de suas intenções rebeldes e conspiradoras, Ra, o rei da Era de Ouro, está chateado com a humanidade. No Egito, a história foi simbolizada pela batalha entre Horus e Seth. Pois a perda das condições prístinas da Era de Ouro foi iniciada pelas ações assassinas do criminoso e do rebelde: Seth. Esta entrada de calamidade e turbulência é representada por (a) poder divino (Seth) e (b) a força de inércia cega e destrutiva (Apep). Ele cria um abismo entre o passado eternamente bom e o futuro incerto, possivelmente malvado.

No faraó, sendo além da justificação, e isso para todos os tempos (na vida como na morte), essas duas forças divinas reais estão em equilíbrio. Assim, ele é o único Senhor das Duas Terras, preservando a paz política entre o Alto e o Baixo Egito e assegurando a contínua comunicação espiritual entre a terra oriental dos vivos (e Ra) e a terra ocidental da morte e do silêncio (e Osiris). Como o único espírito divino na Terra, ele convida as divindades a enviar seus Bas e Kas (almas e duplas). Por esta economia celestial, o Egito, como uma metáfora do cosmos, é abençoado com um "bom Nilo", de modo que a vida, a saúde e a prosperidade sejam garantidas para todos. Sem Faraó,

esse equilíbrio vital (ka) e operacional (ba) é perdido e o universo, por inclinação natural, retorna lentamente à escuridão indiferenciada de Nun.

Nascido de uma lágrima divina que cai do Olho de Ra, a humanidade deve ser destruída pelo último. Por dizer que ele é um deus muito antigo com ossos de prata, carne de ouro e cabelos de lapis lazuli, é talvez uma blasfêmia educada. Pois isso não é adorável. Ra está farto e quer destruir a humanidade. Depois de consultar as divindades primitivas, especialmente Nun, Hathor é despachada para infligir punições severas. A humanidade é quase completamente dizimada. Além disso, as iniquidades humanas tornam Ra cansado demais para ficar com eles de qualquer maneira. Essa certa partida do deus supremo convida uma nova ordem mundial.

Curiosamente, depois de um completo abate inicial, Ra decide impedir a carnificina! Essa última compaixão para a humanidade é impressionante. Infelizmente, o olho de Ra, alias a deusa Hathor-Sekhmet, executando o comando original, não é susceptível de parar! Ela quer terminar o trabalho. Para impedir que seu olho e sua filha destruam completamente a humanidade, Ra envia Thoth que engana-a a beber grandes quantidades de cerveja vermelha. Sekhmet está tão bêbada que deixa de reconhecer a humanidade. Ra então anuncia às divindades sua decisão de não permanecer mais com deuses e homens, mas para se retirar para o céu onde ele pode viver por si mesmo. A deusa do céu Nut transforma-se em uma vaca e, colocando-se nas costas dela, Ra prosseguiu para o palácio. A terra estava em absoluta escuridão.

Embora os seres humanos sobreviventes usem arcos e clubes para punir os outros malfeitores, Ra, quem é o poder não é de modo algum diminuído pelo seu retiro, rejeita-os e suas ações. Totalmente decepcionado com a humanidade, ele ascende a seu palácio na parte de trás da vaca celestial. Mas, como ele não está mais lá para apoiar o mundo, esse último deve ser reordenado! A primeira coisa feita é a criação dos céus. Planetas e estrelas surgem, e para o benefício dos mortos abençoados, são preparados dois campos: o campo das ofertas, e dentro dele, o campo fértil de juncos. Para apoiar ainda mais Nut, que começou a tremer por já conter os milhões de estrelas da Via Láctea, os Infinitos ou os Deuses de Heh surgem. Essa organização do céu sugere suas infinitas possibilidades e vocação eterna.

Antes de chamar Geb e Thoth para terminar a reorganização do mundo, o autor do livro apresenta uma descrição da representação da vaca celestial juntando o texto. Observe os pontos salientes ao perceber que existem duas representações padrão de Nut: (a) uma mulher esticada sobre os horizontes do leste (pés) e ocidentais (cabeça) e (b) uma vaca celestial, comendo as estrelas todas as manhãs e dando-lhes nascimento no crepúsculo. As duas imagens se entrelaçam, pois o desaparecimento das estrelas todas as manhãs é co-relativo com a aparência de Ra no Oriente ao amanhecer (enquanto sua configuração é síncrona com as estrelas tornando-se visíveis novamente). Na verdade, ao anoitecer, o Sol é "comido" por Nut para renascer ao amanhecer "da sua vulva". A relação explícita entre o Sol como uma estrela da nossa galáxia e Nut como esta Via Láctea é pertinente.

Na imagem de abertura do capítulo, vemos a cabeça da vaca voltada para o Ocidente, enquanto a barca solar se move da direita para a esquerda (do horizonte oriental, à direita, para o horizonte ocidental à esquerda). A primeira barca tem Ra parado como uma figura de adoração. Este é o barco Sektet, do meio-dia ao anoitecer, entrando no Duat. A segunda barca mostra Ra como um deus sentado. Este é o barco Matet (ou Atet), do amanhecer ao meio dia, deixando o submundo reabastecido. Todas as manhãs, Nut come as estrelas e simultaneamente dá origem a Ra. Todas as noites, Nut dá à luz as estrelas e, simultaneamente, come Ra. Ela está nos dois céus, ou seja, céu noturno e diurno. Desta forma, Nut é o corpo de estrelas através do qual Ra navega, percebendo a eternidade de seu ciclo recorrente de nascimento, culminação, depleção e

renascimento. Observe Shu embaixo da barriga, assistida pelos oito Infinitos, dois grupos de quatro deuses Heh, sugestivos de milhões de anos.

As imagens de Ra na parte de trás de Nut ou Ra navegando a Via Láctea, sugerem a complementaridade entre o ponto de brilho e consciência (Ra) e as infinitas possibilidades (Nut) dada às constantes e recorrentes transformações de luminosidade.

Para terminar sua nova ordem, Geb e Thoth são invocados. O primeiro, como Deus da Terra, representa estabilidade, continuidade e resistência (ele é retratado principalmente deitado). O segundo, um Deus da lua, é o escriba divino, o vigário e vizir de Ra. Ele é a mente divina governando os assuntos do mundo, o coração de Ra (o "eu" do Hermetismo e o Logos Platonico).

A nova ordem mundial implica um novo céu e uma nova Terra. Se o céu do dia é sugestivo da Terra, o céu noturno se refere ao Duat. Geb é invocado para avisá-lo contra as cobras "que estão em você". De fato, essas cobras terrestres e aquáticas temiam Ra quando ele ainda estava por perto, e agora Ra diz a Geb para informar a Nun para cuidar delas. Além disso, Geb deve se proteger contra magos, pois se eles conhecem seus feitiços, o deus Heka irá controlá-lo. Da mesma forma, Thoth é convocado. Como Ra vai produzir a luz do sol no Duat, a saber, como a Lua de Thoth, o último é chamado para escrever lá e acalmar os seguidores de Seth. Thoth traz a paz dos deuses. Na verdade, como vigário e vizir de Ra, Thoth engloba os dois céus. Ele é a "mente divina" deixada por Ra para governar o céu, a Terra e o Duat, para estar no lugar de Ra, enquanto o último está dentro de Nut.

Quatro feitiços fecham o livro. Depois de se preparar, a magia de Ra é tocada. Isso culmina em uma vida similar a de Ra, subindo e descendo o céu. Sendo Ra, o mago voa para o seu próprio lugar na parte de trás do céu como uma vaca celestial. Isso nada mais é do que o que os neoplatonistas gregos depois chamaram de Teurgia.

A eficácia desses feitiços é universal: eles podem ser usados por membros da realeza e não-realeza e lidar com a vida em sua totalidade, ou seja, a vida antes e depois da morte física (o último desencadeia o lançamento do "ka" e do "ba" de a "rede" do corpo).

No primeiro feitiço, o mago protege-se identificando-se com Ra. No segundo, o poder da magia é chamado de "ba" de Ra, governando em todo o mundo. Ra é invocado como "Senhor da Recorrência Eterna que criou a Eternidade da Sessão". O terceiro feitiço invoca Nut, "a quem Shu estende os braços". No quarto, os deuses Repetição Eterna e Eterna Estabilidade são feitos favoráveis ao ritualista. Sua primeira parte é para os vivos, enquanto a sua conclusão é para aqueles que, ao se dirigirem para o céu de Ra, desejam permanecer vivos na necrópolis e passarem o reino sombrio de Osiris sem lamentar.

Na conclusão, lemos como o escriba que conhece as palavras divinas, ascende e desce dentro do céu ...

O Livro da Vaca Celestial é o primeiro mito de Queda do Homem, a primeira Revelação a respeito e portanto seu contexto original é o contexto real.

Embora as diferenças entre as duas culturas sejam evidentes, a semelhança temática entre alguns motivos importantes no Gênesis, o primeiro livro da Torá e Revelações, o último livro do Novo Testamento, por um lado, e O Livro da Vaca Celestial, por outro lado, é impressionante e não significa que ambas desenvolveram ou descobriram verdades semelhantes ou revelações parciais - pois o contexto delas é auto-excludente - mas significa sim que tendo crescido dentro dos Impérios Egípcio e Mesopotâmico, o Judaísmo não teve revelação nenhuma, apenas adaptou tribalmente o que já era conhecido por todo mundo. Como Assmann (1995 e 1999) evidenciou em termos de histórias sobre Akhenaton, Josué e Moisés, o tema e subtemas do livro passaram a fazer parte de uma corrente maior e mais popular de temas e motivos literários

influenciando indiretamente a mitologia da tradição judaico-cristã, que editou estes temas para suas próprias necessidades e interesses tribais. Isso está mais do que claro, é impossível negar que Genesis III não seja a edição política e tribal dos Mitos de Adapa e da Vaca Celestial.

Digamos brevemente esses poucos paralelos:

A Queda da humanidade: no Gênesis, a situação edênica da humanidade é clara: goza da paz e da presença de Deus. Da mesma forma, na Era de Ouro, o homem é governado por Ra e o mundo ainda não é como a conhecemos hoje. O bom rei deixa a humanidade existir em harmonia e as Duas Terras estão em paz. Além disso, não há falta de nada. Deuses e homens existem em uma unidade. Apesar desta situação extraordinária, a rebelião está à mão. Embora proibido de comer da Árvore do Conhecimento (da diferença entre o bem e o mal), Eva tenta a Adão provar sua maçã, invocando a ira do Senhor. Avisos explícitos não são suficientes ... o homem tem que transgredir e sofrer. Os resultados são conhecidos: Deus castiga Adão, sua família e sua prole. Deus já não é visto e a humanidade experimenta a dor estéril causada pela expulsão e rejeição. Ele tinha que perder o que tinha sido dado livremente e depois trabalhar duro para recuperá-lo. Sua estupidez é sem segundo e sua sabedoria é fruto de tremendo sofrimento e aflição, aceita e entendida. Da mesma forma, os egípcios da Idade do Ouro não têm nada e vivem na presença do Supremo. Sua luz, calor e generosidade os cercam. E, precisamente, eles se rebelam e ficam desrespeitosos de seu criador. Ra destrói parte deles e se retira. Começa uma nova ordem, uma na qual a morte e o julgamento desempenham um papel importante; mas Ra na revelação original não coloca a mulher submissa ao homem, e nem a transgressão é cometida por um único indivíduo, nem a salvação é irrecuperável pelo homem exigindo que Deus venha a Terra como salvador. O Faraó é este salvador, e ele interliga o divino ao terrestre, assim como os sacerdotes.

O Dilúvio: o tema do Dilúvio aumenta a tragédia da humanidade. Já expulsa, ela aparentemente esquece suas origens divinas e se identifica com o plano físico. Lá, ela continua a causar problemas e angústia. Suas iniquidades são empilhadas e formam um grande protesto contra os caminhos de Deus. Embora testemunhando tudo isso de cima (e não mais do plano sutil do Éden), Deus novamente fica chocado, consternado. Ele decide inundá-los todos, exceto por um pequeno número, e isso para satisfazer a compaixão dele. Na história egípcia, a destruição da humanidade também é parcial. Ra interrompe a dizimação causada por seu olho. No entanto, ele continua aborrecido e cansado de permanecer com a humanidade. Ele quer existir em seu palácio, um lugar muito alto onde esses humanos não podem vir, pois Ra rejeita seu abate; mas ele não faz toda a humanidade recomeçar de um único casal.

O Mundo Maligno: na história egípcia, Ra, depois da retirada, reorganizou o mundo. Na Era de Ouro, ele estava presente no mundo, mas decidiu deixá-lo definitivamente, embora sem diminuir seu poder sobre ele. Ele molda um mundo em que o mal e a morte se tornam um dado, e envia seu vizir, sua própria mente, para manter a paz. As forças da escuridão atuam como uma barreira para evitar os perversos de seu reino. Assim como Cristo foi buscado como um Segundo Adão restaurando a humanidade caída, Ra instala o faraó, seu filho, no trono do Egito. E todos aqueles que pela sua virtude são dignos são como o Faraó. O último co-apoia a nova ordem e age como o guardião de Maat, justiça e verdade. Sem o rei divino, a humanidade perversa certamente se perderia.

A humanidade no Éden é tentada pela Serpente, ou por Íblis. No texto egípcio, os seguidores de Seth praticaram o mal por sua própria condição existencial de seguirem

a Seth ou seja de criarem uma ruptura entre o mundo divino e o físico ao tentarem dominar o mundo, impor a vontade deles sobre os demais. Isso será melhor explicado no próximo capítulo; mas é completamente diferente da versão de Genesis e Corão onde um anjo ou demônio se recusa a aceitar a humanidade ou da Terra ter sido dada ao domínio do homem. Na revelação original, o homem não tem direito de maior domínio sobre a Terra do que as outras criaturas.

Não obstante as diferenças, este e outros textos (Aten, Ptah e Amun), apontam para o fato de que a busca do nome (s) de Deus não se limitava ao Horeb (aproximadamente 1250 aC), mas já estava em andamento na cultura egípcia há milhares de anos antes, embora em um modo henoteístico, ante-racional e naturalista. Particularmente, a Solarificação da teologia, iniciada na IV dinastia e continuando seu lento movimento abrangente, até a Nova Teologia Solar e o monólito de curta duração de Amarna, permite identificar o nome do Grande (Deus) com Atum (Ra), como confirmou Hornung (1986). Que o monoteísmo de Amarna e a teologia mosaica surgiram debaixo de um sol egípcio, não deve ser visto como uma mera coincidência, embora a posição anônima e estranhamente remota do deus semítico retrate a adaptação que fizeram de atribuir tudo ao seu deus tribal nacional.

Em conclusão: a mentalidade ambivalente de Deus em relação à humanidade, refletida no Livro da Vaca Celestial, provavelmente é anterior a isso por um milênio, se não mais (o fim da mítica Era de Ouro e o início da história e do tempo fenomenológico). Assim, ex hipótese, esta comédia divina de Deus sendo constantemente próxima, já estava em jogo no início da era faraônica (cerca de 3000 aC - ver Frankfort, 1979 em realeza divina), se não anterior (início ca. 4000 aC).

De todas as criaturas, apenas o ser humano possui consciência de sua futura morte. Esse conhecimento não tem nenhuma utilidade prática para a vida. Portanto, ele não advém de nenhuma necessidade genética ou evolutiva. Esse conhecimento existe por necessidade do Espírito, para que assim possa preparar sua eternidade, tanto para o além quanto para esta vida. Por saber que vai morrer, o homem registra seu conhecimento para futuras gerações, e adquire imortalidade. Assim, o conhecimento da morte é o que gera civilização.

A transgressão na Revelação original então não é adquirir o "Conhecimento do Bem e do Mal" como na Bíblia.

Esse conhecimento do bem e do mal é nada mais que conhecimento prático de como agir com os outros. Ele não torna realmente o homem como Deus, mas ele é péssimo para uma sociedade tribal onde um líder tribal prefere manter seus súditos na ignorância e docilidade obediente.

Já no Egito, pelo contrário, o que configura a transgressão é a ambição do homem de querer se impor sobre seu semelhante e de se tornar um assassino.

Nos mitos do Oriente Médio, como de Adapa, não ocorre realmente uma transgressão; o mito de Adapa apenas é uma forma de explicação de porque não somos imortais fisicamente, e avisa de uma possível transgressão que é a de tentar tomar a realeza ilegítimamente.

Tanto na Bíblia como no mito de Adapa, as considerações são políticas, ainda que em Adapa se justifique de fato teologicamente como a realeza deve ser legitimada.

Mas na revelação original Egípcia, não apenas a morte é reconhecida como também esse conhecimento mostra que temos os meios para a salvação exatamente por causa desse conhecimento, e também justifica cosmologicamente e legitima o Faraó assim como os Reis Babilônicos; mas a principal preocupação é mostrar que a única e terrível transgressão humana é a do assassinato, a de tentar impor sua existência sobre a de outro. Quanto à condição de "Queda", Jamblico explicará perfeitamente no

próximo capítulo; onde também mostrarei uma exegese do Mito, que não se trata de projeção filosófica pois Jamblico consultou os sacerdotes Egípcios sobre estes assuntos, assim como era membro de uma casta sacerdotal-real na Síria.

Vejamos agora a Revelação da Queda do Homem em sua versão original:

Livro da Vaca Celestial ou O Livro de Nut

Tradução baseada nos Hieroglifos do Novo Reino. A tradução verso por verso pode ser acompanhada no site <http://sethy1.free.fr/vache.html>, em Francês, Inglês, e Alemão.

Prelúdio

Então aconteceu que a Majestade de Ra, que veio a ser por si mesmo, tendo sido rei da humanidade e dos deuses, (ainda) juntos como uma unidade, (a) humanidade conspirou contra a pessoa de Ra enquanto a Sua Majestade, a vida, a prosperidade, a saúde, envelheceu, seus ossos eram de prata, sua carne de ouro, seus cabelos de lapis lazuli genuínos.

Parte 1: A Destruição da Humanidade

o conselho divino

Agora, Sua Majestade tinha aprendido sobre a trama dividida contra ele pela humanidade. Então a Majestade, a vida, a prosperidade, a saúde, disseram àqueles que estavam no seu séquito:

"Convocar para mim o meu Olho (1), Shu, Tefnut, Geb e Nut, bem como os pais e mães que estavam comigo quando eu estava em Nun, e também o deus Nun, trazendo seus cortesãos junto com ele. (Mas) traga-os secretamente, para que a humanidade não veja e seus corações fogem. Venha com eles ao Grande Palácio, para que eles possam dar seu conselho. (Para) no final, eu posso voltar para Nun, para o lugar onde eu surgi ! "

Então esses deuses foram trazidos, e esses deuses foram alinhados em seus dois lados, inclinando a cabeça para o chão diante de Sua Majestade, para que ele pudesse falar suas palavras em frente ao pai dos mais velhos, o criador de humanidade e rei dos plebeus. (2)

Disseram a Sua Majestade:

"Fale conosco, para que possamos ouvi-lo!"

Então Ra disse a Nun:

"Ó o Deus mais velho em quem eu nasci, e vocês, deuses ancestrais! Eis que a humanidade que surgiu do meu olho (3) está planejando contra mim. Diga-me o que você faria sobre isso, desde que estou procurando. Procuro não matá-los antes de ter ouvido o que você pode ter que dizer ".

A majestade de Nun respondeu:

"Ó meu filho Ra! Deus maior do que seu criador, e mais augusto do que seus criadores, esteja sentado no seu trono! Ótimo é o medo de você quando o seu olho estiver naqueles que conspiram contra você!"

A Majestade de Ra disse:

"Veja, eles fugiram para o deserto, seus corações estavam com medo de falar com eles".

Disseram a Sua Majestade:

"Mande seu Olho para que possa feri-los por Você, aqueles conspiradores do mal! Nenhum Olho é mais apto para feri-los para Você. Que ele venha como Hathor!"

o abate divino manteve-se

(E assim), essa deusa voltou depois de matar a humanidade no deserto, e a Majestade deste deus disse:

"Bem-vindo em paz, Hathor, Olho, que fez o que eu vim fazer!"

Disse a deusa:

"Enquanto você vive para mim, eu tenho dominado a humanidade, e foi um bálsamo para meu coração".

Então a Majestade de Ra disse:

"Eu terei poder sobre eles como rei!

Mantenha a diminuição do número deles! "

E assim, a poderosa (Sekhmet) surgiu.

embriaguez divina

A cervejaria da noite para aquela que perambulava no sangue até Henes. (4)

Ra disse:

"Convocar para mim mensageiros rápidos que correm como a sombra de um corpo".

Estes mensageiros foram trazidos imediatamente, e a Majestade deste deus disse:

"Corra para Yebu (5) e me tire ocre vermelho em grande quantidade!"

Então, este ocre vermelho foi trazido para ele, e a Majestade deste grande deus ordenou ao Engenheiro em On (6) para moer este ocre vermelho, enquanto as servas esmagavam cevada para cerveja. Então o ocre vermelho foi adicionado ao purê de cerveja, e parecia o sangue dos homens; Foram feitos sete mil frascos de cerveja. Então, a Majestade do Rei do Alto e Baixo Egito, Ra juntou-se com os deuses para ver esta cerveja.

E quando a Terra era leve para a morte da humanidade por esta deusa em seu tempo de viajar para o sul, a Majestade de Ra disse:

"É bom! Eu vou salvar a humanidade dela (por ela)".

Ra disse:

"Leve isto para o lugar onde ela planeja matar a humanidade".

Ra, a Majestade do Rei do Alto e Baixo Egito, levantou-se cedo quando ainda era noite para que este esvaziamento fosse derramado. Então os campos foram inundados com três palmeiras altas com o líquido pelo poder da Majestade desse deus. Quando a deusa partiu pela manhã, ela encontrou esses (campos) inundados, e seu rosto ficou encantado com isso. Ela bebeu e agradou seu coração. Ela voltou bêbada e não reconheceu a humanidade.

A Majestade de Ra disse a esta deusa:

"Bem-vindo em paz! O lindo!"

Assim, mulheres bonitas vieram estar em Imu. (7)

A Majestade de Ra disse a esta deusa:

"Deixe que os cursos de sono estejam preparados para ela nas festas sazonais do ano e que isso seja confiado às criadas".

E desde este primeiro dia, surgiu o (costume) que as pessoas confiam a preparação de bebidas adormecidas para servas na Festa de Hathor. (8) "

A Majestade de Ra disse a esta deusa:

"Existe uma dor ardente na doença?"

E, portanto, o respeito é obrigado a surgir através da dor.

Parte 2: A retirada de Ra

A Majestade de Ra disse:

"Tanto quanto eu vivo, meu coração está muito cansado de permanecer com eles. Eu queria matá-los, mas não o fiz. Atualmente, seu pequeno número já não me interessa".

Os deuses em seu séquito disseram:

"Não se retire em seu cansaço, pois você tem poder sobre tudo o que deseja".

A Majestade deste deus disse então à Majestade de Nun:

"Meus membros são fracos como na Primeira Vez. Não irei retornar até que outro (ciclo) me ultrapasse".

Então a Majestade de Nun disse:

"O (meu) filho Shu, seu olho deve servir seu pai como proteção. O (minha) filha Nut, coloque-o {nas costas}".

Nut respondeu:

"Mas como, meu pai, Nun?"

Nut disse: "Não seja criança, ó Nun!" (9)

{E então} Nut tornou-se uma vaca.

Então, a Majestade do Ra foi colocada nas costas dele!

a rejeição do abate

Então estes homens voltaram do seu lugar de voo, e eles o viram nas costas da vaca e falaram com ele:

"(---) nós temos {viemos} para que possamos derrubar seus inimigos, que complotaram contra aqueles que os criaram".

(Mas) Sua Majestade procedeu a {seu} palácio {na parte de trás} desta vaca. Ele não partiu com eles! Então a terra estava na escuridão. E quando percebeu no início da manhã, esses homens saíram carregando arcos e {clavas}, e eles encontraram uma maneira de atirar nos inimigos.

(Mas) a Majestade deste deus disse:

*"Sua baixaza está por trás de você, matadores!
Que seu abate seja bem removido {de mim}. "*

E, assim, a matança se originou entre os homens.

A ascensão de Ra e palácio entre as estrelas

Esse deus então disse a Nut:

"Eu me coloquei nas suas costas para ser levado".

"O que é isso?", Perguntou Nut.

E então ela veio a estar lá nos dois céus.

A Majestade deste deus disse:

"Fique longe deles!

Levante-me!

Olhe para mim !"

E então ela se tornou o céu.

Então, a Majestade de Deus era visível dentro dela.

Ela disse :

"Se ao menos você me fornecer uma multidão!"

{E assim, a Via Láctea} (10) surgiu.

Sua Majestade, vida, prosperidade, saúde, disse:

"Tranqüilo é o campo aqui".

E assim surgiu o Campo de Ofertas (ou Paz).

"Oh, eu vou plantar ervas verdes nele".

E então o Campo de Juncos surgiu.

"Vou fornecer-lhes tudo".

E, assim, estrelas sempre cintilantes (surgiram). (11)

Então Nut começou a tremer devido à altura.

Então, a Majestade de Ra disse:

"Se eu tivesse os deuses Heh que a apoiam!"

E assim os Infinitos surgiram. (12)

A Majestade de Ra disse:

"Ó meu filho, Shu, coloque-se sob minha filha Nut e proteja-me dos dois grupos de Infinitos que vivem no crepúsculo. Coloque-a sobre sua cabeça e nutra ela".

E assim aconteceu que uma babá é dada a um filho ou a uma filha, e que um pai coloca um filho em cima de sua cabeça.

Parte 3: A vaca celestial

Este feitiço deve ser recitado sobre a (figura de) uma vaca, com "os Infinitos que estão" (inscritos) em seu peito, e sobre cujas costas está (inscrito) "os Infinitos que são". Cujos quatro cascos são preenchidos em tinta e sobre a qual a barriga tem nove estrelas, saindo de seus traseiros em frente às pernas traseiras, enquanto sob a barriga está Shu, pintado em ocre amarelo, seus braços sustentam essas estrelas e inscrevem-se com o nome dele entre eles, o que diz "Shu é ele mesmo".

Uma barca, na qual estão um remo de direção e um santuário com um disco solar sobre ele e Ra, está em frente a Shu, perto de sua mão, enquanto outra versão (de uma barca) está atrás dele, perto de sua outra mão. Seus dois úberes são colocados no meio da perna esquerda, metade deles sendo desenhada em tinta no meio desta perna traseira com as seguintes palavras afastadas atrás: "Eu sou quem eu sou. Não vou deixá-los agir". O que está (escrito) abaixo da barca que está na frente é: "Você não se cansará, meu filho". - atrás, e da seguinte forma: "Sua condição é como a de quem vive para sempre". e da seguinte forma: "Seu filho está em mim. A vida, a prosperidade e a saúde são para o seu nariz!"

O que é (escrito) por trás de Shu, perto do braço, é o seguinte: "Guarda-os!" O que está por trás dele em seu flanco é (escrito) em retrógrado da seguinte maneira: "É certo que eles devem entrar quando eu me aposentar a cada dia". O que é (escrito) sob o braço da figura abaixo da perna traseira esquerda e atrás dele é o seguinte: "Tudo está selado". O que está (escrito) acima de sua cabeça, abaixo do traseiro da vaca e o que está entre as pernas traseiras é o seguinte: "Que ele saia". O que está (escrito) por trás das duas figuras que estão entre suas pernas traseiras e acima de suas cabeças: "O idoso está no reino dos mortos. O louvor é dado a ele quando ele entra". O que é (escrito) sobre as

cabeças das duas figuras que estão entre as pernas dianteiras: "Aquele que procria, aquele que adora, apoia o céu".

Parte 4: A Nova Ordem Mundial

a Terra eo Duat

Então a Majestade deste deus disse a Thoth:

"Convocar para mim a Majestade de Geb (13) dizendo:" Venha rapidamente de uma vez!"

Então veio a Majestade de Geb.

A Majestade deste deus disse:

"Tire atenção de suas cobras que estão em você! Eis que elas me temiam enquanto eu estava lá, mas você conhece seu poder mágico. Vá então para o lugar onde está o meu pai Nun e diga-lhe para vigiar as Serpentes terrestres e aquáticas. Você deve escrever cada montículo pertencente às cobras lá, dizendo: "Cuidado com estragar qualquer coisa!" Elas devem saber que eu estou aqui, porque também estou brilhando para elas. (14) Agora, quanto à sua habitação, isso existirá nesta terra para sempre. Também se proteja contra os feitiços mágicos que suas bocas sabem, desde (o deus) a Magia está nele, como de fato o conhecimento de Deus é com você. Não acontecerá que, sendo tão grande quanto eu, terei que vigiá-los como formalmente. Entrego-os a seu filho Osiris (15) que vigiará os mais jovens e que os corações dos mais velhos se esqueçam de seu poder mágico. Os que são excelentes no que os agrada contra o mundo inteiro, usando sua magia que está em seus corpos ".

a mente divina como vigário de Ra

A majestade desse deus disse então:

"Convoca então Thoth (16) para mim".

Então ele foi trazido imediatamente, e a Majestade deste deus disse a Thoth:

"Eis que estou aqui no céu na minha morada. Uma vez que vou dar luz e brilho no Duat e na Ilha do Ba gemo, (17) seja um escriba lá e acalme-se aqueles que estão lá, aqueles a quem criamos e aqueles que (no entanto) se rebelaram. É você quem repulsa os seguidores deste (deus) com o coração insatisfeito. (18) Você deve estar no meu lugar, meu vigário, então será dito sobre você: 'Thoth, o vigário de Ra.' E eu farei com que você envie aqueles que são maiores do que Você ".

E então o Ibis de Thoth surgiu.

"E eu causarei que você estique sua mão na frente dos deuses primitivos, que são maiores do que você, e meus assuntos serão bons se você fizer isso".

E então o pássaro-íris de Thoth surgiu.

"E eu causarei que você abraça os dois céus com sua perfeição e com o seu brilho".

E a Lua de Thoth surgiu.

"E eu causarei que você guie o Hanebu". (19)

E então o babuíno de Thoth surgiu e se tornou vizir.

"Enquanto você for meu vigário, os olhos de todos os que olham para você são abertos através de Você, e todos vão louvar a Deus por Você".

Parte 5: A magia da noz e Ra

os preparativos

(Se) um homem pronuncia este feitiço sobre si mesmo, ele deve ser ungido com azeite e molho, o incensário nas mãos com incenso, natrão atrás de suas orelhas e pelotas natrão na boca, vestido com duas roupas de linho frescas, (colocar) depois que ele se banhou em água corrente, calçado com sandálias de couro branco. Maat deve ser pintado na língua nas cores verdes do escriba. Se Thoth pretende recitar isso para Ra, ele deve se purificar com uma purificação nove vezes, três dias. Os servos (do deus) e os homens devem fazer o mesmo. Aquele que recita isso, deve realizar esta imagem que está neste livro. Então, ele aumenta a sua vida útil em duplo (---) de excesso. Seus olhos serão dele, e todos os seus membros serão dele. Seu passo não se desviará, de modo que as pessoas falem dele: "Ele é como Ra no dia do nascimento!" Suas coisas não podem ser diminuídas, nem sua passagem se desmorona. Este é um método bem sucedido, (comprovado) um milhão de vezes!

retornar à primeira vez

Nun foi abraçada pelo próprio Ancião (deus) (20), que disse aos deuses que saíram (com ele) no Oriente do céu:

"Elogie o deus mais velho, (21) de quem eu entrei! É eu quem criou o céu e o colocou no lugar para permitir que as almas dos deuses residissem nele. Estou com eles para a eterna recorrência (do tempo) nascida ao longo dos anos. Minha alma é mágica. É (mesmo) maior que isso ".

Khnum é a alma de Shu. (22)

A bondade é a alma da eterna recorrência.

A noite é a alma da escuridão.

Ra é a alma de Nun.

O Carneiro of Mendes é a alma de Osiris.

Os crocodilos são as almas de Sobek.

A alma de todo deus e toda deusa está nas cobras.

A alma de Apep está na Montanha Oriental, enquanto a alma de Ra está em magia em todo o mundo.

Primeiro feitiço: proteção através de Ra

(O que) um homem deve dizer para fazer sua proteção através da magia:

"Eu sou essa pura magia que está na boca e no corpo de Ra. Ó deuses, Você que está longe de mim. Eu sou Ra, o Luminoso!"

segundo feitiço: identificação com a magia de Ra

(O que) Você deve dizer quando você passa à noite no crepúsculo:

"Sobre o seu rosto!

Você é inimigo de Ra!

Eu sou sua alma, pura magia! "

(e diz) :

"Ó Senhor da Recorrência Eterna, que formou Eternidade, que diminuiu os anos dos deuses. Quando Ra desce, estes saem dele todos os dias. Senhor de sua própria piedade. Regerante que fez seu próprio criador. Amado dos pais dos deuses ".

terceiro feitiço: hino para Nut

Um mágico, com a cabeça purificada, deveria fazer uma figura feminina, de pé para o seu Sul, e desenhar uma deusa sobre ela, e no meio dela, uma cobra erguida sobre a cauda, com a mão sobre o corpo e a cauda no chão.

(Ele deve dizer):

"Ó, a quem Thoth dá louvor, enquanto a dignidade do céu está sobre você e para quem Shu estende os braços, salve-me dos dois grandes e poderosos deuses que habitam no Oriente do céu (23) quem guarda o céu, que guarda a Terra e que está com mistérios duradouros ".

Então eles devem dizer:

"Quão grande ele é quando ele vai para ver a Nun!"

quarto feitiço: ritual de Ra

para a vida

Palavras recitadas por um sacerdote no primeiro e quinze do mês, de acordo com este formato antigo. Aquele que recita esse feitiço deve viver na necrópolis, e o respeito por ele será maior que (para) aqueles que estão na Terra.

Se eles perguntarem:

"Quais são os vossos nomes ?"

(responda) :

"Recorrente eterna e eternidade!"

Então eles são obrigados a dizer:

"{Verdadeiramente} um deus!", E dizer:

"Ele nos chegou até aqui". (24)

para os mortos

(Diga):

"Eu sei o nome desse deus cujo rosto é o de Hersefu (25)! Eu sou aquele a quem um amuleto está preso na noite. Eu sou Ra na sua Enneada, seu tribunal é feito de magia. Eu passo sem lamentar. Eu pertencço à chama, que é a alma do fogo. Não tenho adversários entre homens, deuses, espíritos, entre os mortos, nem em qualquer coisa em toda essa terra ".

Palavras faladas por esses deuses que ficaram vivos. Os deuses devem ser informados, os que têm a cara na mão, (que) ele pode passar pela estrada.

E assim o Flamejante surgiu no céu.

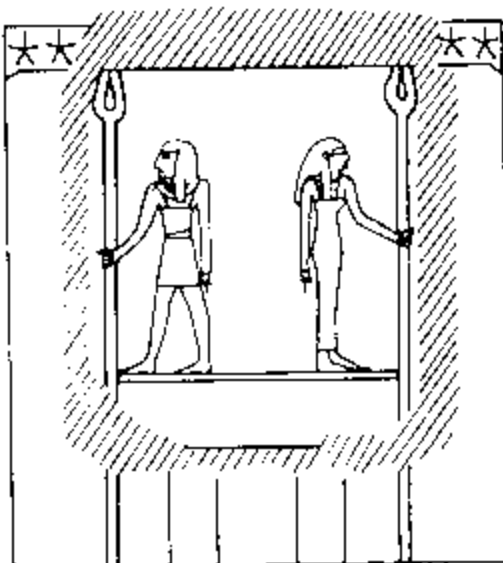
conclusão do livro

Quanto a qualquer escriba capaz que conheça as palavras divinas e os feitiços que estão na boca, ele pode subir e descer dentro do céu. Aqueles do Ocidente não podem mantê-lo de volta, nem a saliva de sua boca fica quente. Sua cabeça não pode ser removida por

decapitação, nem ele (precisa) dobrar seus braços diante do tribunal. Ele deve entrar na cabeça dos espíritos junto com aqueles que conhecem os feitiços do formulário mágico. Nenhum crime que ele tenha feito na Terra pode ser considerado. Ele não pode ser curto de doações, nem a rede pode estar preparada para ele. Se você entregar (esses feitiços) a qualquer príncipe ou a qualquer magistrado, (aqueles) que cuidem daquele que não tem pão, (então), sua toalha não precisa ser removida (antes) dos anciãos, (mas) eles vão Considerá-lo como uma folha (-----) Não deve fazer nada prejudicial para ele ou (-----)

Notas.

- (1) o "olho" de Ra é metafóricamente considerado como um ser distinto dele;*
- (2) o Deus Nun;*
- (3) o tema da humanidade como uma lágrima do olho de Ra retorna em outras obras da literatura (ver História da Criação no Papiro Rhind);*
- (4) ou Heracleópolis;*
- (5) de Elefantina;*
- (6) o sumo sacerdote de Ra em Heliópolis;*
- (7) um lugar culto de Hathor no delta ocidental;*
- (8) Hathor era deusa do vinho;*
- (9) restaurando "iHw" como "fraqueza infantil" (ver Simpson);*
- (10) o texto desapareceu completamente;*
- (11) ou "Thih" estrelas;*
- (12) dois grupos de quatro deuses de Heh (ver representação da vaca celestial);*
- (13) o deus da Terra;*
- (14) na versão de Tutankhamon, encontramos: "Eu selo para eles ...";*
- (15) o deus do Duat;*
- (16) a mente divina ou o coração de Ra;*
- (17) situado no Duat;*
- (18) provavelmente Seth;*
- (19) as ilhas do mar Egeu;*
- (20) o deus Ra;*
- (21) Deus Nun como abordado por Ra;*
- (22) alma ou Ba como "manifestação de";*
- (23) provavelmente Neheh e Djedet;*
- (24) apenas a versão de Tutankhamon após esse ponto;*
- (25) o deus de carneiro de Heracleópolis, combinando as almas de Ra e Osiris.*



Os apoiadores do Céu, Neheh (o Tempo) e Djehuti (a Eternidade) estão no centro do texto, sustentando a Vaca Celestial.

Soteriologia Egípcia



Pássaro Benu, a Fênix original e representação do Ank o Espírito Transfigurado

A Teologia e Soteriologia Egípcia é melhor aproximada através de suas duas fontes mais antigas e abundantes: a literatura funerária que sobreviveu nos textos das pirâmides e as inscrições nos sarcófagos.

Os mais velhos destes textos foram escritos para estabelecerem um contexto intelectual sagrado para o retorno de um rei falecido para seu novo estado de divindade transfigurada. Assim, eles descrevem a soteriologia real de retornar de uma condição humana simples para um modo de existência mais unificado e divino.

Isso significa que a Soteriologia Egípcia traça a cosmogonia em reverso. E assim o cosmos maior que humano no Antigo Egito se torna pessoal e divino, cosmogonia se iguala a teogonia - e soteriologia, que é a teoria teísta da salvação.

Todo o sistema teológico pode ser visualizado como um fluxo de vitalidade criativa, emanando direto da Deidade, e se tornando mais fraca à medida que se distancia da

fonte original. Assim, toda periferia dessa pletora de emanção divina se torna fragmentada no que começa a aparecer como luz e sombra de nosso mundo material. É por isso que baseada nessa teologia Egípcia, em Genesis dos Hebreus Deus cria primeiro a Luz e as Sombras e apenas depois cria as Luminárias. Luz e Sombra significa a distinção entre as coisas, separação. Tudo na escuridão é indiferenciado, mas a Luz torna as diferenças visíveis. Além da periferia deste mundo material fragmentado e visível, está o reino de Não-Ser, que, na Mitologia Egípcia, é conceitualizado como as Águas do Caos, ou Nun. Assim, o reino fronteira entre Ser divinamente gerado e Não-Ser é que contém nosso aparente mundo material. Não existe então no mundo um real rompimento entre o mundano e o divino, mas nossa natureza reflete esta realidade, com um meio termo entre ser e não ser.

Explicação da Vaca Celestial, da Soteriologia Antiga e a Condição Existencial Humana: O que a “Queda” realmente significa? Iamblichus responde.

Jâmblico (em latim: 'Iamblichus Chalcidensis; em grego: Ἰάμβλιχος, provavelmente originário do siríaco ou aramaico ya-mlku, "ele é rei"; Cálcis da Celessíria) foi um filósofo neoplatônico assírio que determinou a direção da filosofia neoplatônica tardia e talvez do próprio paganismo ocidental. É mais conhecido por seu compêndio sobre Teurgia "Sobre os Mistérios do Egito".

Nascido em meados do século III, membro de uma família de sacerdotes-reis da Assíria, Jâmblico estudou a magia dos caldeus e dos Egípcios com os sacerdotes egípcios e caldeus e a filosofia de Pitágoras, Platão, Aristóteles e Plotino. Ao tomar contato com o neoplatonismo, foi para Roma a fim de estudar com Porfírio e foi a principal referência de Proclus.

Usaremos a doutrina de Jâmblico de exegese pois não apenas ela reflete a doutrina Egípcia que lhe deu origem, como aquilo que os Egípcios explicavam por meio de imagens e forma naturalista, os Neoplatonistas traduziram em dialética racional, mas mantiveram o contexto e intento da revelação egípcia inclusive por grande reverência a ela, não ousando sequer traduzir os nomes egípcios e criando então suas versões gregas foneticamente semelhantes (como Osíris a versão hellenica do nome Ausar).

Uso aqui trechos do livro “The Theological Interpretation of Mith” de E.P.Butler com acréscimos meus e de “Sobre os Mistérios” e “De Anima” de Iamblichus.

O mito da Vaca Celestial começa sua narrativa em um momento em que Ra exerce uma soberania unificada sobre humanos e deuses. O processo temporal da narrativa mítica é convertido na interpretação neoplatônica em uma progressão de menor a maior diferenciação dentro de uma hierarquia estática. Portanto, a fase inicial da soberania de Ra não deve ser entendida como um estado inicial do mundo, mas como um estado de coisas verdadeiras em um sentido que é Verdade em todos os momentos. O sentido qualificado em que é verdadeiro em todos os momentos é obtido por abstração da diferença entre humanos e Deuses. O desenvolvimento da narrativa mítica serve, no entanto, para articular essa diferença. Ra descobre que há seres humanos conspirando contra ele, porque os limites mais distantes de seu reino estão longe de sua divindade viva. O mito oferece dois símbolos imediatos dessa distância entre Ra e seus assuntos. O primeiro é a antiguidade de Ra e, o segundo, as metáforas minerais para descrevê-lo: seus ossos como prata, sua carne como ouro, seus cabelos como lapis lazuli. Ra é idoso, não como uma qualidade absoluta, mas relativo aos de seus súditos que são muito mais jovens na escala de ser. A distância entre deuses criadores e seres mundanos pode ser vista no motivo do deus otiosus ou "Deus aposentado". Esta distância pode ser vista como expressando a dificuldade de conciliar os pontos de vista de seres particulares, seus desejos e esforços, com a perspectiva

universal ou cósmica: o bem do todo é, infelizmente, aparentemente consistente com uma privação de bem em muitas das partes, que para nós parecem más mas são boas no todo.

Formalmente, apresenta um tipo de todo ou múltiplo do qual a causa pertence a um registro transcendente e identifica seres morais com esse coletor. Na metodologia de Proclus, essa relação é expressa na noção de "todo antes das partes", como na proposição 67 dos Elementos da Teologia.

Ra convoca os deuses em seu séquito. Eles devem reunir-se no Grande Palácio e propor planos para lidar com a rebelião. Pretende particularmente conferir com Nūn, o abismo aquoso que preexistiu o cosmos. Isso faz sentido na medida em que a desordem dentro do cosmos é a presença contínua dentro dele do transtorno precósmico.

Isso é uma questão de doutrina teológica egípcia, mas é idêntica a doutrina neoplatônica sobre a causalidade, a saber, que o princípio quanto mais "superior" ou mais primordial, o "mais baixo" na escala de ser a sua causação atinge. O menor dos assuntos de Ra, portanto, sobre quem sua soberania não pode ser afirmada com total eficácia, manifestam a causalidade mais ampla, embora mais indiferente, de Nūn. Isso também será significativo, à luz da inundação artificial com a qual o episódio da rebelião é resolvido. Além disso, a renovação de Ra ao retornar a Nūn é um tema no livro de Amduat, que trata da viagem noturna do barco de Ra ao longo das horas da noite e ao encontro de Ra com Osiris.

Re dirige-se principalmente a Nūn, perguntando seu conselho: humanos, que surgiram do "olho" de Ra, tramam contra ele. Ra pede Nūn para lhe dizer o que ele faria sobre isso, observando que ele não pode matar os humanos antes de ter ouvido o que Nūn dirá. Reitera a origem dos humanos (rmṯ) de seus olhos, ou seja, de suas lágrimas (rmyt), um jogo de palavras bem conhecida em egípcio. Mas a referência a seus olhos aqui antecipa que é seu "Olho" que ele enviará contra eles. A palavra ir.t, ou "olho", evoca a forma participativa do verbo ir, portanto, ir.t, "fazer" ou "agir". O "Olho" de Re é, portanto, uma paráfrase funcional para sua ação ou agência, e não faz parte de seu corpo, por mais metafórico que seja, mas uma espécie de posição executiva em seu regime (pode-se comparar tentativamente a posição ocupada por Athena em relação a Zeus). Nem Ra é a única divindade cujo "olho" ou agência é hipostatizada dessa maneira. O exemplo do "olho" de Atum está intimamente ligado ao de Ra devido a essas deidades terem assimilação funcional.

O "Olho" de Ra é sua agência sobre o mundo criado.

Quando Ra expressa sua intenção de matar os humanos, não devemos saltar para a conclusão antropomórfica de que Ra leva tal ação de forma vingativa, ou mesmo de forma reativa. Uma interpretação incompatível com a bondade dos Deuses, bem como com seu poder de autodeterminação ou seja o poder de não serem influenciados por paixões. Isto apenas significa que a providência Divina deve manter a ordem, gerando consequências por necessidade desta mesma ordem.

A rebelião é em si mesma uma manifestação da incapacidade de Ra para controlar certos aspectos de seu domínio. Não é um efeito acidental, mas essencial da estrutura do cosmos, que é providencial em geral, mas obviamente requer atividade divina em

todos os níveis para resolver os problemas que são constitutivos de cada plano de ser. Os seres humanos, ao conspirar contra Ra, isto é, contra a ordem cósmica que ele representa e instituiu, traçam sua própria extinção; e este é o problema com os seres mortais. É sua natureza se afirmar contra a ordem cósmica, isto é, exigir, uma disposição de coisas inconsistentes com a disposição universal do cosmos. Ao tentar reprimir a rebelião, portanto, Ra não está reagindo passivamente a uma quebra em ordem, mas está buscando a resolução de uma tensão, uma contradição, que surge nos limites de seu domínio.

Ao pedir o conselho de Nūn, Ra abre a possibilidade de que Nūn possa afirmar o controle final sobre o cosmos ao expressar uma vontade independente de Ra. Nūn se recusa a se tornar o poder primário no cosmos, no entanto, negando qualquer reivindicação baseada em sua própria antiguidade, chamando Ra Deus mais poderoso do que o único (Nūn) que o produziu e dizendo-lhe para manter seu trono. Nun parece encorajar Ra para enviar o seu Olho contra os humanos, que é sinônimo, aparentemente, de matá-los. A associação de Nun com o vinho e a cerveja implica que a resolução da crise, que transformará o uso de uma bebida intoxicante, envolve sua participação adicional de uma maneira, mas não subversiva da vontade de Ra. Os detalhes mortais são talvez até certo ponto irredutivelmente desordenados e, portanto, parecidos com Nūn. Mas ao invés de estressar uma oposição irreconciliável entre eles e a ordem universal do cosmos, a resolução, ao evocar Nūn, talvez afirma a disponibilidade do caos precósmico (as águas da inundação anual do Nilo) como principal matéria para o trabalho demiúrgico. Pois da mesma forma que nos Mistérios Dionísiaicos, o vinho nos causa a perda do controle dos sentidos, e nesse caos, contemplamos a verdadeira consciência espiritual, o "eu" que percebe que não é senhor de seus sentidos nesse momento.

Os humanos fugiram para o deserto, "seus corações temerosos sobre o que eu [Ra] poderia dizer a eles". Aqui, novamente, vemos que os seres humanos se afastam da comunicação divina, de uma compreensão da ordem cósmica que, de certa forma, está disponível para eles. Parece ter sido um lugar comum no pensamento egípcio que os seres humanos possuem um senso inato de conduta correta, que eles são culposos por não respeitar. Os outros Deuses encorajam Ra para enviar seu Olho contra os humanos, pois "Nenhum olho é tão capaz". para feri-los por você " Um olho atinge algo quando percebe isso. E, portanto, é, em certo sentido, o olhar de Ra ou o ponto de vista sobre os seres humanos que os castiga. Não é apenas uma questão aqui dos raios do sol, mas do ponto de vista cósmico que Ra retém como soberano universal. Daí o "Olho de Ra" é uma potência pertencente ao ofício de soberano divino e que Ra exerce porque ele possui esse ofício. Pois se os humanos agirem apenas como mortais, eles não tem nenhum lugar na ordem universal do cosmos. Isso os deixa à mercê da entropia, como um dos "inexistentes". A rebelião e a punição são, portanto, duas perspectivas sobre o mesmo evento de ser. (Em contraste, note que, em virtude de sua diferente esfera de atividade de Ra, Amun é interpretado como "protetor daquilo que é e o que não é". Isso ressalta o ponto em que deidades como Amun e Ra, embora possam entrar em relacionamentos de "fusão" como, por exemplo, "Amun-Ra", no entanto, permanecem distintos.)

O Olho procede 'como' ou 'na forma de Hathor'. A preposição m, traduzida como ", " tem uma gama de significados que são insuficientes para determinar realmente a relação entre Hathor e o Olho. É razoável, portanto, interpretar o Olho como uma função executiva ocupada por uma deidade ou outra, enquanto estiverem no relacionamento

correto com Ra e suas obras cosmogônicas. O fato de que o Olho é sempre encarnado por uma Deusa indica que o Olho é algo que não só olha mas também atrai ou provoca o olhar de Ra para despertar seu eros criativo. Hathor é a casa de Hórus e deusa do Amor. O olhar da Providencia, mesmo que pareça severo, é de Amor e atração Erótica ou seja nos atrai para o Divino.

O Eros criativo de Atum opera sobre si mesmo - ele se masturba, ou seja o Um cria voltando-se sobre si mesmo. Já Ra, como demiurgo, cria em um nível diferente, seu eros criativo opera sobre FORMAS. Demiurgo significa "Aquele que ordena o cosmos", o Criador.

A espacialidade é proeminente em conexão com o Olho de Ra, especialmente no complexo dos mitos relativos à sua ausência e retorno, o que, por sua vez, muitas vezes é justaposto com os mitos relativos ao Olho de Horus, ou wedjât, feridos e renovados. O Olho é a vontade efetiva das divindades, como Ra no mundo; seu "retorno", portanto, expressa o círculo de volta à sua fonte dessa energia, que ocorre de muitas maneiras diferentes em diferentes planos de ser. Às vezes, tem o sentido da vinda de Deus para a consciência através da experiência de separação e reunião. Por isso, no Papiro Bremner-Rhind, Atum afirma que seu Olho "seguiu depois de" Shu e Tefnut, que, depois de terem sido expulsos de seu corpo, foram "criados" e "se alegraram em" Nūn. Ao retornar a ele, Atum diz que Shu e Tefnut "me trouxeram o meu olho com eles".

E quem convence o Olho de Ra - a providência - a retornar para Deus? Thoth, seu Logos, a razão estrutural do Cosmos. Thoth é a razão que media entre o mortal e o divino, e impede que o Mal surja pois o mal é agir sem razão, ou seja, causar atos desnecessários. É por isso que Thoth também cura o Olho de Hórus após a batalha com Seth no mito de Horus e Seth.

É por isso que na forma de Babuíno Thoth oferece o Olho à Ra. Porque ele está oferecendo a razão, o logos, em todas as oferendas, a simpatia que une todas as coisas, ou como Jamblico diz, a Sunthemata, o divino dentro de todas as coisas que permite a realização da Teurgia.

Quando Hathor diz que terá prazer em destruir a humanidade, Ra diz que irá então "ganhar poder sobre eles como rei". Poder se escreve Sekhem, e por isso Hathor se transforma em Sekhmet. A intoxicação de Sekhmet é uma consequência de sua mistura com os mortais: ela "continua em seu sangue" não apenas como uma metáfora para matar, mas apontando para sua imersão na vida animal através do elemento mais simbólico de isto é, sangue. Hathor "matou os humanos no deserto", mas Sekhmet "vai em seu sangue". Hathor e Sekhmet representam aqui duas potências além da própria esfera de atividade de Ra, que invoca para integrar a humanidade rebelde na ordem cósmica. A esfera de atividade de Sekhmet é, obviamente, relativamente mais longe de Ra e mais iminente do que Hathor, na medida em que Sekhmet age de forma autônoma quando Ra envia-a. Isso seria consistente com o domínio de ação mais físico que é realmente característico de Sekhmet. Ela aparece como uma mistura total ou infusão de vida animal pelo divino, permitindo ao divino operar na "noite" que se encontra fora do alcance da forma solar. Hathor opera a um nível mais alto que Sekhmet, uma é a Providencia por meio do Logos, e a outra a providência mais próxima da Entropia.

O próximo evento no texto, após o estabelecimento do cerimonial apropriado que comemora a intoxicação da Deusa, é a decisão de Ra retirar-se do exercício imanente da autoridade mundana. Ele parece citar duas razões, a primeira sendo sua fraqueza corporal e a segunda sendo a preocupação, aparentemente, de destruir todos os humanos. A noção de fraqueza corporal em um Deus apresenta um paradoxo. Como os deuses podem compartilhar a fragilidade dos mortais e ainda ser verdadeiramente deuses? O método neoplatônico é atribuir fraquezas ou vulnerabilidades nos deuses aos pontos de interação mais próxima entre os reinos divino e mortal. Assim, Hefesto é coxo porque sua zona de atividade reside na constituição do cosmos físico.

Da mesma forma, no mito egípcio, os ferimentos sofridos pelos Deuses oferecem aberturas para que os mortais participem imediatamente de ações míticas e eternas. Os exemplos principais, é claro, são a identificação do falecido com Osiris e a identificação de substâncias utilizadas no ritual com o olho restaurado de Horus.

Ra ocupa sua posição na parte de trás de Nūt, que se transforma em vaca celestial a partir da qual o texto recebeu seu título moderno. Alguns humanos suplicam a Ra, neste ponto, para a sanção divina, por assim dizer, para lutar em seu nome, para se combater contra os rebeldes. Mas Ra rejeita-os e, portanto, quando eles vão lutar de qualquer maneira, estão na escuridão - Deus não lhes deu a sanção para assassinato em seu Nome. Parece que é o mesmo momento icônico que o abate de humanos por Sekhmet, embora um aspecto diferente seja articulado aqui. O seguinte pergunta a Nūt para levá-lo a uma posição de visibilidade sobre todas as coisas. Uma vez lá, ele começa a estabelecer um reino celestial distinto, incluindo lugares importantes na literatura pós-vida, como o Campo das Ofertas (ou Campo da Paz) e o Campo de Juncos, os Campos Eliseos, bem como as estrelas e a eternidade. Um forte contraste agora foi estabelecido entre o mundo superior e inferior, mas não uma real ruptura como a Bíblia Hebraica coloca. Isto é sublinhado pela próxima ação de Ra, que é chamar Geb e dar instruções para a disposição do domínio subterrâneo. Ra convoca Geb por intermédio de Thoth, um pequeno detalhe e ainda um que enfatiza o espaço de mediação que foi estabelecido entre os diferentes planos de ser pelas ações na narrativa mítica. A substância da mediação de Thoth pode ser vista no fato de Ra dar instruções detalhadas para Geb.

A natureza das instruções de Ra para Geb é que Ra diz a Geb para cooperar com Nūn para estabelecer autoridade sobre certas cobras que vivem na terra e nas águas. Ra afirma tanto a legitimidade de sua presença quanto a necessidade de manter o controle sobre eles, o controle que ele transfere para Geb e Osiris. Ra adverte Geb particularmente sobre o poder mágico que eles possuem. Deve-se observar, a este respeito, que, na Instrução dirigida ao rei Merikare, na mesma passagem que mencionou o mito presente, a magia é especificamente referida como um presente conferido aos "filhos" de Deus na sequência da sua retirada do imediatismo: Ele criou para eles magia como armas para afastar o golpe dos acontecimentos "As" cobras "em questão devem ser identificadas com os poderes que pertencem a seres mundanos ou mortais como tal, nosso poder divino inerente, ao contrário de amaldiçoar as serpentes como em Genesis. A Magia que a serpente representa é nossa herança divina, que deve ser usada dentro do logos cósmico e respeito a Geb, a Terra, pois os poderes habitam as terras e as águas, ou seja tanto causam a ordem quanto a entropia.

Depois Ra fala diretamente com Thoth, atribuindo-lhe uma posição crucial. Ele ordena Thoth para criar escritos pertencentes ao mundo inferior, onde aqueles que se rebelaram e foram mortos agora residem. Aqui vemos a carta divina para a composição

da literatura muito posterior à vida para a qual a civilização egípcia é tão famosa. Este corpo de textos serve para restabelecer a comunicação entre Ra e seus assuntos mais distantes, que foi interrompido no início do mito. Antes da retirada de Ra do reino mortal, o acesso a sua iluminação espiritual era universal e imediato para os mortais; Após a retirada, essa iluminação depende da própria sabedoria e virtude. Assim, os mortais precisarão de sabedoria e virtude para alcançarem a salvação. A importância do papel que Thoth interpreta aqui pode ser vista pela afirmação de Ra que Thoth, como seu "vigário", possui autoridade para "enviar" até aqueles deuses primordiais que são maiores do que ele, pois não é mais uma questão da literatura pós-vida, mas de todo o corpo de livros sagrados e procedimentos rituais, que eram muitas vezes conhecido como o *bas*, ou "manifestações", de Ra, que são livros de Magia. Entre Thoth e Ra há uma relação tão estreita que Thoth é comumente referido em textos posteriores como o "coração" (isto é, a mente) de Ra. A efetividade em Magia é a presença de Ra, e justifica o praticante diante dos Deuses como expliquei no contexto da realza Mesopotâmica.

De acordo com Iamblichus, a alma incorporada não só se torna mortal; como humana, também se torna "alienada" (*allotriōthen*) da divindade. Iamblichus sustenta que a alienação e a mortalidade da alma são efetuadas por *daemons* que canalizam a identidade universal e imortal da alma para um eu singular e mortal. No entanto, enquanto os *daemones* alienam a alma da divindade, eles também descrevem o caminho para recuperá-lo. Iamblichus explica que os *daemons* desenvolvem a vontade do Demiurgo na manifestação material e assim revelam suas assinaturas divinas (*sunthēmata*) na natureza. De acordo com o itinerário teúrgico de Iamblichus, a alma humana - materializada, alienada e mortal - deve aprender a abraçar sua condição alienada e mortal como uma forma de atividade demiúrgica. Ao entrar ritualmente nesta demiurgia, a alma transforma sua alienação e mortalidade em teurgia. A alma encarnada torna-se um ícone da divindade. Esse é todo o real processo de queda do homem e salvação do homem.

Os platônicos posteriores e os egípcios eram "existencialistas místicos". Eles reconheceram o valor da vida incorporada e acreditavam que apenas a existência mortal permitia que as almas humanas experimentassem a imortalidade. Esse conceito se perdeu após as distorções supremacistas do Zoroastrianismo e Judaísmo e resurgiu parcialmente na Renascença. Todas as formas de platonismo são delineadas no *Timeu* de Platão, que confessadamente por parte de Platão é baseado na Teologia Egípcia usando linguagem Pitagórica. Esta descrição pitagórica da geração do cosmos e sua estrutura harmoniosa são a base de toda a metafísica.

O *Timeu* descreve o cosmos como a manifestação de um impulso divino, a generosidade do Demiurgo que permeia todos os aspectos da existência. A estrutura deste cosmos é matemática e exhibe raios aritméticos e geométricos revelados nos céus e os ritmos da natureza. O cosmos platônico é uma inteligência viva e respirante. É, como Platão o chama, um "Deus abençoado". Também é um grande templo, um "amálgama dos deuses eternos", através do qual a generosidade do Demiurgo é revelada. Almas humanas são tecidas neste templo, com cada alma destinada a ser participante em sua harmonia e generosidade. Nós exibimos as mesmas proporções matemáticas que estão presentes na Alma Mundial e através de uma vida filosófica e iniciação visionária, podemos encarnar a generosidade do Demiurgo mesmo em nossas vidas mortais.

Mas não é tão fácil. Platão também explica que as almas humanas sofrem um trauma radical na encarnação. Os índices divinos que compartilhamos com o cosmos e os céus são perturbados pela inundação de sensações ao nascer. Nossa geometria e harmonia original são perdidas e as almas encarnadas se tornam fundamentalmente

desorientadas, uma condição que Platão retrata com a imagem de um homem de cabeça para baixo. A alma encarnada torna-se anatômica, virada para dentro e de cabeça para baixo, fundamentalmente desorientada.

Essa, e unicamente essa, é a chamada "Queda do Homem", inclusive no Livro da Vaca Celestial. Não tem nenhum "pecado original" cometido por nenhum Adão.

"O homem é um deus em ruínas" diz Platão. As ruínas podem parecer-nos na forma de pessoas autoabsorvidas, ou - mais dolorosamente - essa auto-absorção desesperada pode ser vista em si mesmo. O homem é um deus em ruínas, por isso não era fácil para os platonistas, reis e sacerdotes, egípcios e mesopotâmicos, se reorientarem, recuperar a harmonia original e a generosidade cósmica.

Trabalhamos em ruínas. Somos ruínas.

Porém, nossa existência está enraizada na generosidade do Demiurgo, Ra/Zeus/Anu. Ele é uma Mente Divina que orchestra os poderes do Um em um cosmos. A sua tecelagem rítmica das Formas e da Matéria na cosmogênese é análoga, diz Iamblichus, à tecelagem da Mônada e da Díada em números. Assim, os índices numéricos, o logoi que o Demiurgo usa para levar o mundo e as nossas almas à existência, estão enraizados nos poderes aritmogônicos do Um e por isso Thoth pode chamar deuses pré-cosmicos. Neste desdobramento, a Alma Mundial e as almas individuais desempenham um papel crucial. Em termos matemáticos, os platonistas entendem que a alma é uma expressão viva de poder demiúrgico. A alma é definida como o meio matemático que liga os fios opostos de Mônada e Díade, espírito e matéria. Assim, sob o aparente dualismo das Formas e da Matéria, há uma continuidade viva iniciada pelo Demiurgo e completada pelas almas em seu papel de mediadoras. Esse conceito foi perdido pelo dualismo Zoroastriano e Judaico. De acordo com Iamblichus, a alma é "o meio (meson) entre seres divisíveis e indivisíveis, corpóreos e incorpóreos; é a totalidade (plêroma) de relações universais (logoi), que, após as Formas, servem o trabalho da criação; É a Vida que decorre da Mente Divina (nous), tem a própria vida e é a procissão das classes do Ser Real como um todo para um status inferior".

Seguindo a Teologia Egípcia, Iamblichus sustenta que a alma humana, como a Alma Mundial, é uma média entre os extremos.

"A alma é um meio não apenas entre o individo e o dividido, o restante eo processo, o noético e o irracional, mas também entre o não criado e o criado. . . Assim, o que é imortal na alma é preenchido completamente com a mortalidade e não permanece apenas imortal." Iamblichus, De Anima

Esta descrição da alma pode parecer desconhecida porque há muito tempo Judeus, Cristãos e Muçulmanos e até pensadores como Descartes conhecem o neoplatonismo de acordo com as Enneadas de Plotino, não de acordo com Iamblichus e os platonistas teurgicos e muito menos conhecem direito a teologia egípcia dentro do Hellenismo.

Para cumprir seu papel como meio cosmogônico, a alma deve descer para animar um corpo, mesmo que isso nos faça tornar-se mortais, "auto-alienados" e distanciados da divindade. As almas individuais, diz Iamblichus, "são limitadas a uma forma única e compartilhada entre os corpos " sendo que originalmente, todo o espírito humano é um só mesmo espírito: a Forma da qual se origina a humanidade. Plotino e Iamblichus

também diferem em outra questão metafísica intrinsecamente relacionada, o status da matéria. Embora Plotino diga que a matéria sensível é a última emanção do Um, ele, no entanto, descreve-o como "mal primado e absoluto" e encoraja as almas a escapar da matéria e a retirar-se à sua essência não caída. Iamblichus reconhece que nossa encarnação material é o contexto para a alienação da alma, mas ele acredita que essa experiência é essencial, não só para a função de mediação criativa da alma, mas também para sua deificação, e nisso ele está de acordo com todas as teologias mais antigas dos Egípcios e Mesopotâmicos. A matéria, para Iamblichus, não pode ser má. É a expressão da Divina Díade. Ele revela os poderes do Uno e facilita o trabalho do Demiurgo na criação. Como destinatário e revelador de logoi divinos, a matéria é inteiramente boa.

Isso já refuta completamente os Gnósticos, que na realidade se baseiam muito nas distorções da Bíblia Judaica e por isso não podem compreender essas antigas verdades. Todo o "Ocultismo Moderno" cometeu o mesmo erro.

Iamblichus, Syrianus, Proclus e Damascius, todos rejeitaram as doutrinas de Plotino de uma alma não caída e a maldade da matéria, precisamente porque eram dualistas e não platônicas nem egípcias ou mesopotâmicas, ou seja sem autoridade de uma revelação mais antiga, e não condiziam com a revelação dos Oráculos Caldeus e Egípcios.

O dualismo Judaico-Cristão é enraizado no dualismo Essenio-Gnóstico e seus dois 'Aeons' que são também presentes na literatura rabínica e no zoroastrismo. Como acusações de que Platonismo seja "dualista" feita por Cristãos ao longo dos séculos é não apenas errada, como ironica.

Assim, nossa divisão, mortalidade e até mesmo nossa auto-estima não são erros a serem apagados pela visão espiritual. São expressões do próprio Um orquestradas pelo Demiurgo e efetuadas através das almas. Na trajetória da vida, a mortalidade e a auto-alienação constituem a própria essência da alma como humano, o que nos leva de volta ao lema de Iamblichus: a nossa imortalidade é concretizada precisamente ao se tornar mortal.

A trajetória do neoplatonismo egípcio-hellenico é tanto para baixo como para cima. Não tenta escapar do corpo e da realidade material. Seu objetivo, em vez disso, é trazer divindades para o mundo através das almas. Como disse Iamblichus, "o propósito da descida das almas é revelar a vida divina, pois a vontade dos deuses é revelar-se (ekphainesthai) através das almas humanas". O objetivo da teurgia é "estabelecer a alma no deus demiúrgico completamente", que é entrar na atividade divina que cria continuamente o cosmos. É despertar o Ba de Ra presente em nós.

Ao convidarmos o Demiurgo para nos almas, assim como no Cristianismo a transformação de Deus em homem se dá na encarnação, apesar de não ser uma exclusividade de Jesus, na realidade cada um dos nós é um Jesus através da Teurgia. É por isso que os Neoplatonistas não viram nenhuma novidade no Cristianismo e acharam absurda a noção de que "só existe salvação através de Jesus". Isso só seria verdade se esse Jesus for uma metáfora para o Ba de Ra, a luz de Apolo, que faz parte de nossa natureza e redime nossa condição existencial mas não se for literalmente um deus encarnado em homem para redimir um pecado precedente literalmente.

A diferença crucial é que a Encarnação para os cristãos é um evento histórico único, o paradoxo singular de Cristo sendo "verdadeiramente deus e verdadeiramente homem". Mas, para os teurgos platônicos e egípcios, esse paradoxo é universal, aplicável a toda

alma humana e plenamente percebido, diz Iamblichus, quando o teurgista "toma a forma dos deuses", permanecendo humano e mortal. Tampouco as leis tribais da Torá pareciam qualquer avanço diante das leis de Maat, e o misticismo judaico realmente parece uma grande simplificação destes conceitos, mas carregada de tribalismo supremacista, algo totalmente inexistente nas fontes originais egípcias e mesopotâmicas.

Iamblichus também se concentrou em seres intermediários, demonios e heróis que proporcionam continuidade entre almas e deuses. Os demônios têm a função específica de desdobrar o logoi divino na manifestação material, não só na natureza, mas também nas almas. Platão descreveu os daemons como entidades que ligam os seres humanos aos deuses através das artes da adivinhação; para Iamblichus desempenham um papel essencial na criação, incluindo a encarnação das almas. Ele explica:

"Os demônios são os poderes geradores e criativos dos deuses na extremidade mais distante de suas emanações e em suas últimas etapas de divisão. . . . Os demônios terminam e completam as naturezas cósmicas e exercitam o controle sobre cada coisa que existe. . . . Eles supervisionam a natureza e são o vínculo que une as almas aos corpos.

Os demonios trazem para a atividade manifesta o bem invisível dos deuses. . . revelar o que é inefável neles, dar forma ao que é sem forma e renderizar o que está além de toda medida em razões visíveis." "Daemons", diz Iamblichus, "conduzem as almas para a natureza".

No entanto, apesar de serem agentes de divisão e encarnação, os próprios daemons não estão sujeitos à divisão. Eles são, diz Iamblichus, "multiplicados em unidade" e, portanto, permanecem enraizados nos deuses. Daemons efetuam corporealização ainda assim permanecem incorpóreos. São almas humanas apenas que se tornam corpóreas e almas que podem se tornar heróicas transformando sua personagem em teofanias plenamente realizadas. Almas heróicas para Iamblichus exemplificam epistrophê. Eles recuperam sua divindade e retornam aos deuses. E aqui podemos começar a desvendar o mistério, pois as almas se tornam heróicas e transformam a personagem na teofania precisamente cooperando com os daemons. Os teurgistas não escapam do corpo, mas convidam os deuses a descerem em seus corpos. Eles se tornam órgãos da divindade, permitindo aos deuses ver através dos olhos mortais. O mesmo processo era feito por Faraós e o Ank, a Alma Transfigurada do Egito, que é nada mais que o Herói Iamblichano.

Os teurgistas ascendem descendo.

Eles permanecem humanos, mas assumem a forma dos deuses. Numa orientação dualista, assumir a forma dos deuses, seria considerada uma libertação da condição humana, mas no platonismo de Iamblichus e na Teologia Egípcia permanecer humano e mortal é precisamente como tomamos a forma dos deuses, e isso, eu diria, é o que significa ser um teurgo - um ser humano mortal por meio do qual o deus age - um deus mortal.

Para alcançar esse estado e experimentar a simultaneidade de *prohodos* e *epistrophê* theurgistas tem que homenagear daemons como agentes centrífugos do Demiurgo. No entanto, esses mesmos daemons unem almas aos corpos. Eles afetam nosso *anatropê*, nosso senso isolado de singularidade e alienação do divino. Por causa disso, na simplificação tribal das religiões abraâmicas os demonios foram totalmente

malignizados, exatamente como no dualismo Zoroastriano. Em seu Comentário sobre o Timeu, Iamblichus descreve a estrutura metafísica de dividir e unir, descer e subir, um quadro que produz o cosmos e foi realizado pelos teurgistas.

Em seu comentário sobre O Sofista, Iamblichus diz que as almas são conduzidas em corpos pelo Demiurgo Sublunar (Osíris), um feiticeiro (goês) que os seduz com fusikoi logoi para o mundo material. Na teurgia, esses logoi, descobertos na natureza e nos hábitos naturais, são ritualmente re-alinhados com as medidas eternas (metra aidia) dos prohodos. Isso permite que os tecidos se voltem unidos em mente (homonoëtikos) com o Demiurgo, que é seu objetivo. Esse é o exato processo que os padres renascentistas descobriram nos textos gregos pagãos e aplicaram em seus grimórios; A diferença é que mantiveram o enfoque apenas em comandar os daemons para obter bens materiais. Mas de maneira nenhuma Teurgia se limita a isso, mas essa foi a parte que mais foi divulgada, cristianizada, nos Grimórios Medievais.

Uma vez identificado com o corpo-eu, nos tornamos sujeitos aos deuses e demonios que, diz Iamblichus, supervisionam as inevitáveis "divisões". . . mudanças, crescimento e decadência de todos os corpos materiais ", incluindo o nosso próprio. Não é de admirar que o eu singular, diante de tal decadência, deseje alcançar o porto seguro da imortalidade. No entanto, nosso próprio impulso para escapar da decadência é uma expressão do impulso daemônico para preservar o eu materializado, os seguidores de Seth.

Os teurgistas, no entanto, reconhecem que o que é imortal na alma não precisa de defesa e não precisa de abrigo seguro. O que é imortal na alma trabalha com os daemons que unem as almas aos corpos. Como disse Iamblichus, "não há conflito entre as descidas e as ascensões das almas". No entanto, antes de realinhar-se com as medidas eternas (metra aidia) dos prohodos, a alma experimenta o daemon como semelhante ao demonio/diabo do dualismo Judaico-Cristão: nos aliena da nossa totalidade divina; nos corrige na mortalidade incorporada; Isso nos faz sofrer e morrer. O medo desse processo fez os zoroastrianos malignizarem o processo e os judeus seguiram a linha.

Então, o que acontece com a divindade da alma após a encarnação e como ela é recuperada? De acordo com os Oráculos caldeus, o Demiurgo coloca em cada alma um ergo profundo para retornar à nossa totalidade perdida. Mas esse desejo de totalidade, quando dirigido pelo nosso "eu fortaleza", se torna monstruoso e auto-delirante, e se manifesta de muitas formas, como a ambição ou o amor carnal. Os platonistas tiveram um exemplo impressionante disso em Alcibiades. Proclus explica que o desejo de Alcibiades de preencher o mundo com seu nome é uma perversão do nosso desejo de totalidade e um mal entendido sobre "o poder divino que entrou em todos os homens". Proclus diz: O desejo de "preencher toda a humanidade com o próprio nome" tem uma semelhança surpreendente com isso. Pois os nomes inefáveis (arrheta onomata) dos deuses encheram o mundo inteiro, como dizem os teurgistas. Os deuses, então, preencheram o mundo com eles mesmos e seus próprios nomes, e, o ser humano tendo conhecido estes antes de seu nascimento, e desejando assemelhar-se aos deuses, mas não sabendo o caminho (tropo) para conseguir isso, as almas se tornam amantes de comando e anseio pelas mera representação dessas realidades e para preencher toda a raça dos homens com seu nome e poder. As aspirações de tais almas são grandiosas e admiráveis, mas quando colocadas em prática tornam-se mesquinhas (smikra), ignóbeis (agennē) e vaporosas (eidōlika), porque são perseguidas sem percepção (epistemē)"

No mito de Dionísio, eles viram a condição humana retratada dramaticamente. Os elementos do mito são os seguintes: Zeus é pai de uma criança, Dionysus / Zagreus, de Perséfone e planeja fazer dele o Senhor do cosmos físico. Hera está com ciúmes e conspira com os Titãs para matar Dionísio. Ela lhe dá brinquedos, um espelho, para distraí-lo. Enquanto a criança vagueia olhando para o espelho, os Titãs o apanham, para rasgá-lo em pedaços (em algumas versões "sete" peças), assam-no no fogo e depois devoram tudo, exceto seu coração, que de alguma forma está preservado ainda batendo por Athena. Zeus é atraído pelo aroma até perceber o que aconteceu e incinera os Titãs com um raio. Das suas cinzas nascem os seres humanos, uma mistura da fome devoradora dos titãs com a nobreza divina de Dioniso. Os seres humanos são ambos. Nossa psicologia é dupla. Somos divinos e somos titânicos. Somos seguidores de Horus e de Seth.

Como Damascius explica o impulso de pertencer a si mesmo vem dos Titãs; através deste impulso, separamos o Dionísio em nós mesmos e dividimos a continuidade que liga o mundo acima com o mundo abaixo. Nesta condição dividida, somos Titãs; Mas quando recuperamos a nossa unidade perdida, nos tornamos Dionísio e alcançamos a perfeição perfeita.

Perceba como isso não tem nada a ver com as noções de "Dionisiaco e Apollino" que Nietzsche e Evola inventaram no século 19. Racismo, Individualismo, Nacionalismo, esses na realidade são traços que impedem a ascensão da Alma, porque a preservação de individualidade e ego é um traço titanico, não divino. A Forma Divina que representa humanidade, é uma só, dividida entre indivíduos na matéria por uma ilusão de divisão típica das necessidades do mundo material, necessidade essa porém importante desde que se perceba sua natureza ilusória. Cada homem pertence a uma determinada sociedade ou grupo, mas seu verdadeiro eu não pertence a nenhum em especial; e nem um povo é melhor do que o outro, apenas adaptado às suas condições materiais, as quais pode transcender. Apenas com o retorno da compreensão de unidade entre todos os seres humanos - da transcendência do próprio ego, subimos novamente para nosso estado superior. As doutrinas supremacistas do zoroastrianismo, raciais do Judaísmo e as doutrinas racistas e gnósticas do séc 19 e 20 de teosofistas nazistas, britânicos e fascistas apenas prejudicaram a humanidade.

Para os Místicos antigos, a solução para o nosso problema existencial é encontrar o caminho certo para expressar nosso desejo de totalidade. Exige dar olhos aos daemons em sua expansão processional e alinhar nossa contração recíproca com a metáfora da criatividade demiúrgica. Pois encontrar esses limites requer uma profunda catarse da vida incorporada da alma, mas isso resulta, diz Iamblichus, "não em fugir do mundo, mas em compartilhar sua criação, juntando partes a todos e atribuindo poder, vida e atividade das partes integrantes às partes". Em suma, a alma teúrgica purificada se torna uma Demiurgo incarnada trabalhando não contra, mas com os daemons processuais. A imagem mítica da demiúrgica encarnada é Dionísio e Osíris, o deus que sofre divisão e reunificação, e na medida em que a alma é demiúrgica, ela se torna Dionísio/Osíris. Por isso o Egípcio se identifica "Eu, Osíris NN".

As oposições da alma humana expressam - em seu nível de realidade - as oposições do Um. O poder do Uno impregna todas as coisas de forma indivisa e, assim, estabelece a continuidade de toda existência, ainda que, uma vez que a pessoa define cada existência como "uma", ela também estabelece a descontinuidade: "o seu poder permanece e continua simultaneamente (hama kai menei kai proeisin) ". O poder do Uno, diz Iamblichus, é a fonte tanto da continuidade como da descontinuidade, pois

torna cada entidade "como separada e simultaneamente" flui através de todas as coisas para fazer um todo contínuo. Esse paradoxo do Um é o legado da alma.

Este paradoxo do Um é o legado dos Parmênides platônicos, onde o "único" é simultaneamente e não é.

E Aquele que "é" - no argumento dos Parmênides - deve ser tudo: o que é, não é "um", mas muitos.

Refletindo esse mistério, a encarnação da alma e até mesmo os excessos tolos de nossas vidas pessoais são revelados como sendo a forma como cada alma participa exclusivamente no Um. E não resultado de qualquer pecado original; Gênesis não é uma Revelação, como mostrado. O Corão portanto não é uma revelação divina, não fomos enganados por algum Iblis, nem Israel possui nenhuma aliança especial com Deus que a separa ou dá qualquer vantagem sobre outros povos, nem qualquer clamor especial a nenhuma terra, nem há necessidade de um Salvador sofrer para reparar um pecado que nunca aconteceu.

Pois tudo isso dependia de Gênesis III ser uma revelação real, sem precedentes ou de contexto real diante de outras revelações e seus contextos; o que não é. É uma obra editada e manipulada de revelações anteriores retiradas de seu contexto original, para satisfazer necessidades tribais e políticas.

Tampouco importa que algumas pessoas, com mentalidade de rebanho, precisem de "religiões vivas" praticadas, de uma comunidade. São pessoas que precisam de uma moral simples, ou de alimentarem fantasias entre si ou que veem na liberdade da responsabilidade pessoal algo mais assustador do que a tirania supremacista do rebanho. "A ovelha tem medo do lobo, mas é o Pastor que tosqueia e assa o rebanho". As religiões antigas não estão mortas. Os poucos traços de verdade que estão presentes nas religiões abraâmicas são traços de religiões antigas que sobreviveram; e foram preenchidos com muitos elementos desnecessários e prejudiciais de interesses políticos, tribais, e humanos. Mas mesmo assim a religião e comunidade religiosa em si é apenas a manifestação cultural; os Deuses à qual elas se dirigem que são imortais, universais e eternos, não importa se manifestos como Ra, Zeus, ou Anu. O contato Teurgico permanece eterno, independente de qual época, povo, nação, terra ou religião se tenha nascido. Nossa relação com a Terra e o Céu não é apenas em um determinado ponto de terra, é no Planeta inteiro, onde o homem se aproveita da terra os espíritos da terra e ele estão em contato, e nosso contato com o Céu é pela Alma Mundial que envolve todo o planeta. Nosso espírito é um só, independente da raça na qual se nasceu.

Essa é a verdade da Revelação Original dos Egípcios, Hellenicos e Mesopotamicos.

Não caímos por nenhum erro ou pecado terrível nem carregamos nenhum pecado original nem somos impuros nem somos povos escolhidos nem raças melhores e piores. Nossa condição existencial é apenas consequência dessa participação do aspecto de individualidade e definição do Um, mas também participamos de seu aspecto de unificação com todo.

Esse é o segredo do Misterio Egípcio da Vaca Celestial. É assim que Ra nos recebe de braços abertos. Recuperamos o deus não rejeitando nossa particularidade e mortalidade (efetuados por daemons), mas traçando o caminho daemônico da Fonte.

Nós nos tornamos teofânicos não subindo, mas descendo demiurgicamente, ou seja, tornando-se teúrgico.

Não agindo da forma que os Seguidores de Set, buscando supremacia sobre os outros deuses, mas nos tornando parte da imensa corte de Ra.

Então, quando vemos as diferenças entre pessoas e nações, elas simplesmente estão manifestando a atividade cega dos daemons (ou titãs) que ainda não foram reconhecidos, honrados e dados seus limites. Eles espelham e nos lembram de nossa auto alienação e desejam preencher o mundo com nossos nomes. As almas que ainda não se tornaram companheiras heróicas dos deuses são cegamente cegas e escravizadas aos daemons que preservam suas criações, principalmente aquelas que clamam supremacia sobre os demais.

As implicações dos fatos reunidos nesse livreto são: As “revelações” de Genesis não são nenhuma revelação posterior nem possuem autoridade divina; elas são de fato edições, compilações, mutilações e adaptações tribais de antigas Revelações Divinas. Sem Genesis III, sem Corão, sem Povo Escolhido, sem Salvador sofrido. Sem os conflitos que surgem de toda uma pretensa supremacia ancorada em um texto que não revela nada além da ignorância humana ao longo dos séculos para justificar todo tipo de conflito ou controle desnecessário. Mas se deve reconhecer a situação de que muitas pessoas ainda achariam tudo grandioso demais e se sentiriam perdidas. Devemos considerar e não rejeitar o que tiver sobrevivido de verdade dentro dessas religiões, que reflitam um raio de verdade das antigas verdades. Isso não anula a experiência dos Santos, mas as coloca sob uma nova luz, e as separa da interpretação cultural e teológica feita pelos próprios santos; interpretação essa que certamente adiciona uma série de dogmas e uma teologia incompatíveis com as mesmas. Que eles tenham realizado estas experiências é devido a essas parcelas de verdade contidas nelas, ainda que por isso mesmo suas experiências são incompletas, surpreendentes mas limitadas pelo paradigma imposto sobre elas. Mas é importante cortar fora todo o resto acumulado desnecessariamente, como pretensas leis e afirmações de superioridade e principalmente, entender o contexto original das verdades refletidas para uma correta conduta de vida e da natureza humana e divina, eliminando uma série de dogmas que se sustenta numa pretensa autoridade divina.

Da mesma forma, é ultrapassada a noção de que os Mistérios antigos estão perdidos. Isso era verdade até recentemente, antes da revolução em traduções e resgate de material e nova compreensão das fontes. A diferença, é que apesar que de fato a Salvação é para uma elite intelectual de estudiosos, essa elite não precisa mais ser uma elite restrita hoje; isso na época foi por causa da estrutura da própria sociedade, onde os recursos a educação eram limitados como o acesso às fontes. Isso foi o que facilitou para que religiões simples e tribalistas, cuja salvação estava ao alcance de qualquer um que siga uma moral simples e faça uma declaração de fé, tenham se tornado as religiões dominantes do mundo. Hoje o limite é apenas a capacidade de cada um, uma forma do Mistério proteger a si mesmo. Temos inclusive as receitas e fórmulas para a Teurgia Sagrada. E apesar que com certeza ainda se passará muita confusão, separando o joio do trigo, confusão causada pelos séculos que lentamente foram desenterrando as fontes e então dando surgimento a todo tipo de doutrina mutilada e corrupta que forma o “ocultismo moderno”, e as seitas perenialistas que tentam reduzir e compatibilizar o incompatível, as religiões dominantes de hoje encontraram o mesmo desafio quando surgiram em seus primeiros séculos e daí seus infinitos concílios e denominações.

Os próprios Teurgistas, percebendo a perseguição aos Templos, individualizaram os processos do Templo de modo a evitar perseguição, orientados pelas próprias Divindades. Como isso pode ser feito de novo é assunto para outra publicação futura.

Recebam sua Liberdade, estudem muito e observem as leis de Maat, onde se pesa a leveza do coração.

Maat Kheru
Verdadeiro de Voz.

Referências:

Proclus, Theology of Plato Seis Volumes traduzidos por Thomas Taylor

Iamblichus, On The Mysteries of Egypt traduzido por Thomas Taylor

Assmann, Jan - Death and Salvation on Ancient Egypt

Kure, Henning. 2006. Pendurado na Árvore do Mundo: Homem e Cosmos na Poesia Mística Nórdica Antiga. Na Religião dos Nórdicos Antigos em Perspectivas de Longo Prazo: Origens, Mudanças e Interações. Editado por Anders Andrén, Kristina Jennbert e Catharina Raudvere.

A Edda Poética. Rígsþula.

Daniel Mc Coy – The Viking Spirit

Tácito, Cornélio. 1948. O Agricola e a Germania. Traduzido por Harold Mattingly

Assmann, Jan (1998). Moses the Egyptian: the memory of Egypt in western monotheism.

Assmann, Jan (2008). Of God and gods: Egypt, Israel, and the rise of monotheism.

Redford, D. B. (1993). Egypt, Canaan, and Israel in Ancient Times.

Osman - Christianity An Ancient Egyptian Religion

Osman - Jesus in the House of Pharaoh

Becking, Bob, Dijkstra, Meindert, et al. Only One God? Monotheism in Ancient Israel and the Veneration of the Goddess Asherah. London: Sheffield Academic Press (2001).

Billing, Nils. Nut: The Goddess of Life in Text and Iconography. Uppsala: Akademisttryck (2002).

Dever, William. Did God Have a Wife? Archaeology and Folk Religion in Ancient Israel. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans (2005).

George, Arthur, and Elena George. The Mythology of Eden. Lanham, Maryland: Hamilton Books (2014).

Hadley, Judith. The Cult of Asherah in Ancient Israel and Judah: Evidence for a Hebrew Goddess. Cambridge, UK: Cambridge University Press

Keel, Othmar, and Christoph Uehlinger. God, Goddesses, and Images of God in Ancient Israel. Minneapolis: Fortress Press (1998).

George Anawati, "La notion de 'péché originel' existe-t-elle dans l'Islam?" from Studia Islamica, Vol.31, G-P. Maisonneuve-Larose, Paris, 1970

Quranic references, unless otherwise noted, come from M.M. Pickthall, The Meaning of the Glorious Koran, The New American Library, New York.

Johan Bauman, Gott und Mensch im Koran, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1977

Anawati, op. cit., pp 39-40

Suzanne Haneef, What Everyone Should Know about Islam and Muslims, Kazi Publications, Chicago, 1979

.Karl W. Luckert – Egyptian Light, Hebrew Fire

Edward G. King - The Akkadian Genesis

Barton, J. & Stavrakopoulou, F. (2010). Religious diversity in Ancient Israel and Judah. London: T&T Clark.

Dever, W. (2002). What did the Biblical writers know and when did they know it?: what archaeology can tell us about the reality of Ancient Israel. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing.

Dever, W. (2003). Who were the early Israelites and where did they come from? Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing.

Dever, W. G. (2005). Did God have a wife?: archaeology and folk religion in Ancient Israel. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing.

Dever, W. G. (2012). The lives of ordinary people in Ancient Israel: when Archaeology and the Bible intersect. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing.

Fleming, D. (2012). The legacy fo Israel in Judah's Bible: history, politics, and the reinscribing of Tradition. Cambridge: Cambridge University Press.

Friedman, R. E. (1997). Who wrote the Bible? NY: HarperOne.

Friedman, R. E. (1999). The hidden book of the Bible. NY: HaperOne.

Friedman, R. E. (2003). Commentary on the Torah. NY: HarperOne.

Halpern, B. & Adams, M. J. (2009). From gods to God: the dynamics of Iron Age cosmologies. Mohr Siebeck.

Stavrakopoulou, F. (2012). Land of our fathers: the roles of ancestor veneration in Biblical land claims. London: T&T Clark.

E outros citados dentro do próprio texto.

